

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:
"A expressão de Chronos, Kairos e Aion
no Espírito Humano"

Ano 6 - Nº 36 - Edição Março e Abril 2026

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

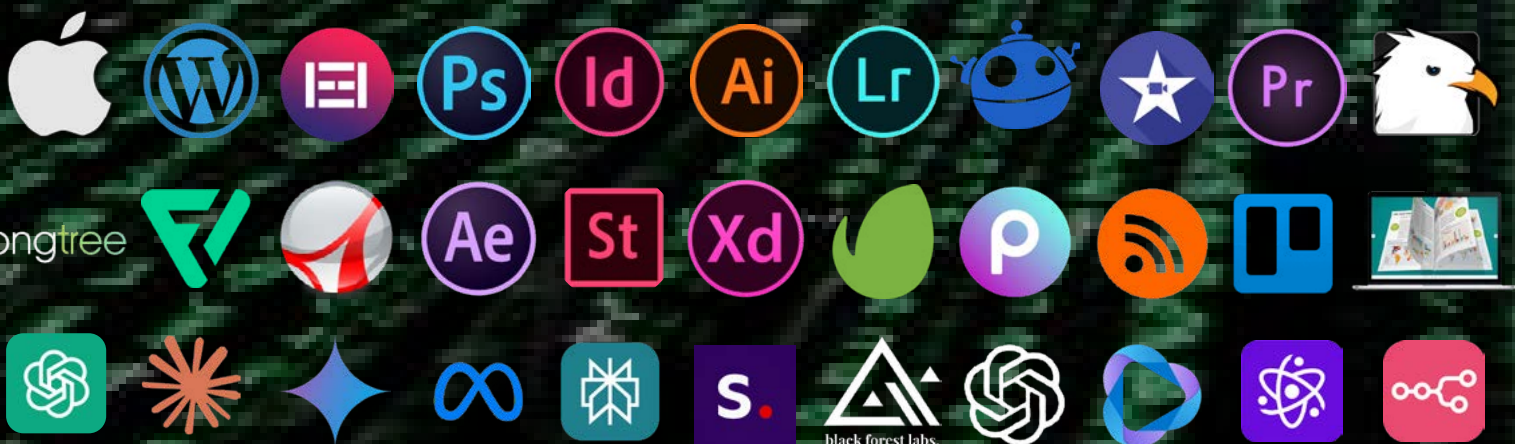
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e vinte e cinco Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS





WOLF BARD

POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS



Edição da Revista

ED. MAR/ABR 26



Ano 2026

ED. MAR/ABR 26



ED. JAN/FEV 26



Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imensa satisfação que damos as boas-vindas à primeira edição de 2026 da Revista Interativa The Bard, 36ª edição. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

O tema desta edição da Matéria de Capa: "Uma viagem nos tempos: a expressão de Chronos, Kairos e Aion no espírito humano", por Jeane Tertuliano.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil e da Angola.

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também "Frases e Pensamentos", "Artigos", "Minicontos", "Contos" e "Crônicas". Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de "Vitrine The Bard", prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR

EDITAL IMPRESSO E/OU DIGITAL

MAIO & JUNHO 2026

Do Silêncio Às Páginas Impressas:
"O papel da Tipografia na democratização da informação no Brasil"

Revista *The Bard*
Poésia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA
Ano 6 - Nº 37 - Edição Maio e Junho 2026

ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA 37ª EDIÇÃO MAIO & JUNHO DE 2026

PERÍODO DE 08 DE FEVEREIRO A 31 DE MARÇO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Acesse o EDITAL da Revista Internacional THE BARD 37ª Edição MAI/JUN 2026



LANÇAMENTO

MARÇO & ABRIL DE 2026

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

"A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"



36ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2026

Do silêncio às páginas impressas:
"o papel da Tipografia na democratização
da informação no Brasil"

**37^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO DE 2026**

PERÍODO DE 08 DE FEVEREIRO À 31 DE MARÇO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

36ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



UMA VIAGEM NOS TEMPOS: "A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 36ª edição Março e Abril 2026, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF
Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 36ª Edição Da Revista Internacional The Bard

José Wellington Freire Rodrigues

José Wellington Freire Rodrigues, natural de Juazeiro do Norte (1994), é graduado em Pedagogia, especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais, e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da URCA. Sua escrita abrange diversas temáticas, desde pesquisas voltadas ao ensino até contribuições literárias, como crônicas publicadas em veículos digitais. Atualmente, reside no município de Araripe (CE). Professor na rede pública de ensino.

INSTAGRAM



CRÔNICAS

Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultad de Magisteri de València - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valleti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sua obra se expande como coautora em mais de 50 antologias. Atua também como prefaciadora e pós-prefaciadora.

INSTAGRAM



COLUNA
Autopoesia &
Narrativas

Nazareth Arrais

Nazareth Arrais. Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestre em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

INSTAGRAM



Recanto
DAS CULTURAS TRADICIONAIS

Renata Munhoz

Renata Munhoz. Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

INSTAGRAM



Brasil
BRASIL

Fagner Lima

Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

INSTAGRAM



Contadores de
HISTÓRIAS



Colunas & Colunistas

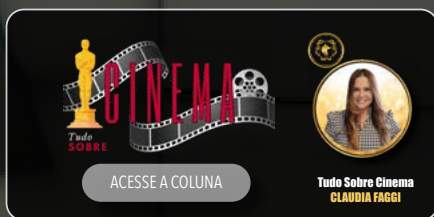
ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



MATERIA CAPA

ACESSE A COLUNA

Materia de Capa
JEANNE TERTULIANO



Tudo Sobre Cinema

ACESSE A COLUNA

Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



Autopoesse & Narrativas

ACESSE A COLUNA

Autopoesse & Narrativas
STELLA GASPAR



FRASES E PENSAMENTOS

ACESSE A COLUNA

Frases & Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



CRÔNICAS

ACESSE A COLUNA

Crônicas
COLUNA DA REVISTA



História das Artes

ACESSE A COLUNA

História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



Vida de Autor

ACESSE A COLUNA

Vida de Autor
LILIAN STOCO



MITOLOGIAS CRÔNICAS

ACESSE A COLUNA

Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



Poetas & Poetisas

ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



Dialética

ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZUCARRATO



Grandes Autores

ACESSE A COLUNA

Grandes Autores
ANGELA DANELUCI



Nossa Literatura - VIRTUDES POÉTICAS

ACESSE A COLUNA

Nossa Literatura - Virtudes Poéticas
MARCIA NEVES



A Língua em movimento

ACESSE A COLUNA

A Língua em movimento
ALINE ABBREU SANTANA



MINI Contos

ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA



Tons do Cotidiano

ACESSE A COLUNA

Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



Raízes do Brasil

ACESSE A COLUNA

Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ



Contos

ACESSE A COLUNA

Contos
COLUNA DA REVISTA



INCLUSÃO & ACESSIBILIDADE

ACESSE A COLUNA

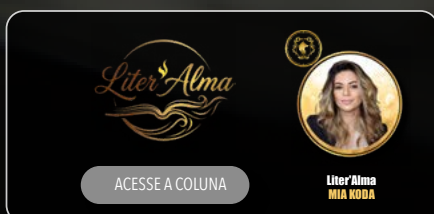
Inclusão & Acessibilidade em Foco
SANDRA SANTIAGO



As Cores da Sociedade

ACESSE A COLUNA

As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



Liter'Alma

ACESSE A COLUNA

Liter'Alma
RINA KODA



RAÍZES DE MOÇAMBIQUE

ACESSE A COLUNA

Raízes de Moçambique
DANY AMADO


Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA





ACESSE A COLUNA

Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BETH BALTAR



ACESSE A COLUNA

Mãe África
FÁTIMA MONTZ



ACESSE A COLUNA

Vai um livro aí?
ARELY SOARES



ACESSE A COLUNA

Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA

Nem te conto
FABIANA FRANCISCO





ACESSE A COLUNA

Contadores de Histórias
FAGNER LIMA



ACESSE A COLUNA

Alma em Perspectiva
RUTE ELLA DOMINICI



ACESSE A COLUNA

Desvendando a Fantasia
RENATO MOTA




ACESSE A COLUNA

Momento Resenha
NATÁLIA CARMO



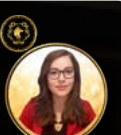

ACESSE A COLUNA

Recanto das Culturas Tradicionais
NAZARETH ARRAIS





ACESSE A COLUNA

O Mundo da Fantasia
KAROL ARTIOLLI



ACESSE A COLUNA

NeuroMusic
DRIKA GOMES



ACESSE A COLUNA

Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



Luciana Fernandes Fujioka
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



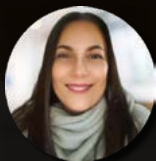
SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



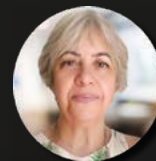
STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA



Sumário



70
Mitologias e Crônicas
Gêngis Khan O Filho do Lobo Azul, por Ladylene Aparecida

78 **Poetas e Poetisas**
por Edna Lessa

86 **Coluna Dialética**
Entre Kant, Sartre, Einstein e Hawking, por Clayton Zocarato



92 **Grandes Autores**
Graciliano Ramos: a força da palavra essencial, por Angela Daneluci

96 **Nossa Literatura**
A literatura, o tempo e seus aliados, por Márcia Neves

104 **A Língua em Movimento**
Quem fica na roda?, por Aline Abreu Santana

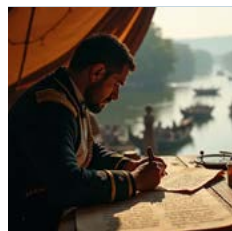
Edição Mar/Abr 2026

26 **Tudo Sobre Cinema**
Por Claudia Faggi

40 **Autopoiese & Narrativas**
O tempo como um modo próprio de ser, por Stella Gaspar

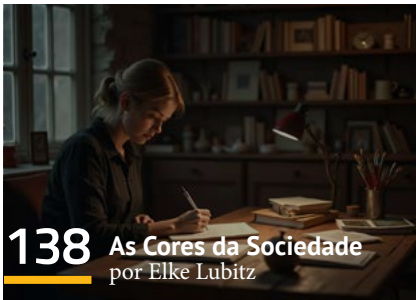
56 **História das Artes**
Uma viagem nos tempos: a expressão de Chronos, Kairos e Aion no espírito humano, por Betânia Pereira

64 **Vida de Autor**
"Quem conta um conto aumenta um ponto", por Lilian Stocco



120
Raízes do Brasil
por Renata Munhoz

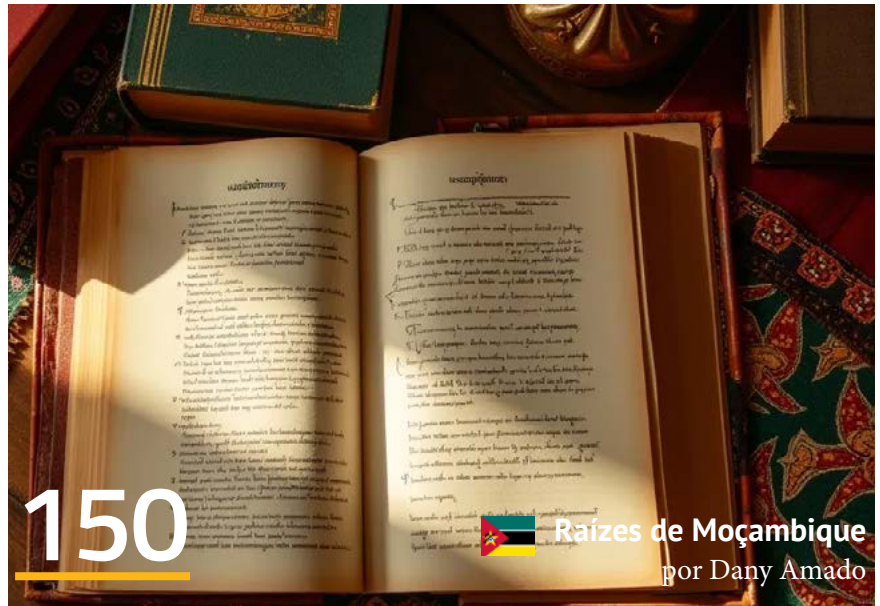




138 **As Cores da Sociedade**
por Elke Lubitz



144 **Liter'Alma**
por Mía Koda



150 **Raizes de Moçambique**
por Dany Amado



162 **Florescendo em Pensamento**
por Cris Gomes

168 **Literatura de Cordel**
por Beth Baltar

176 **Mãe África** 
por Fátima Moniz

180 **Vai um livro aí?**
por Arely Soares



194 **Nem te conto - Minicontos**
Por Fabiana Francisco

186 **Desnuda em Palavras - Erótico**
por Tônia Lavínia



198 **Contadores de Histórias**
Por Fagner Lima

204 **Alma em Perspectiva**
Manifesto da alma acusada,
por Rute Ella Dominici

210 **Desvendando a Fantasia**
A história sem fim - fuga e fantasia,
por Renato Mota

218 **Momento Resenha**
por Natália Carmo



222 **Recanto das Culturas Tradicionais**
por Nazareth Arrais

230 **O Mundo da Fantasia**
Por Karol Artioli

238 **NeuroMusic**
Por Drika Gomes

MATÉRIA *de* CAPA

02



Jeane Tertuliano



Jeane Tertuliano é escritora, professora, palestrante e psicanalista alagoana, autora de mais de 20 livros e organizadora de projetos antológicos. Integra a Academia Independente de Letras e a União Brasileira de Escritores e atua como colunista da revista internacional *The Bard*. Em 2024, representou o setor Livro, Leitura e Literatura na 4ª Conferência Nacional de Cultura, em Brasília, e possui reconhecimentos como o 1º lugar no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura (FEBACLA, 2023).

Há um tempo que passa, um tempo que chama e um tempo que permanece. Desde o primeiro sopro de consciência, o ser humano aprende a caminhar entre essas três dimensões invisíveis que moldam sua existência. Chronos, Kairos e Aion não são apenas nomes antigos, mas reflexos do que sentimos quando olhamos para o relógio, para o céu e para dentro de nós mesmos.

Chronos é o tempo que anda. Ele marca a vida com passos firmes, quase sempre silenciosos, desenhando os dias como contas de um colar que nunca se desfaz. É o tempo das rotinas, das agendas, das estações que mudam sem pedir licença. Nele, o corpo cresce, as memórias se acumulam e os sonhos aprendem a esperar. Chronos ensina a paciência, mas também revela a urgência. Cada segundo que escorre entre os dedos lembra que viver é um gesto que não se repete. Ainda assim, há beleza nesse fluxo constante, como um rio que não volta atrás, mas nunca deixa de cantar.

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano



Chronos é o relógio que marca o ritmo, kairos é a intuição que captura o instante, e aion é o silêncio que transcende o tempo.



IMAGEM GERADA POR IA [™] usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 31/01/2026

Existe, porém, um outro tempo que não se mede, apenas se percebe. Kairos surge como um sussurro no meio do barulho do mundo. É o instante certo, o encontro inesperado, a palavra que chega na hora exata. Ele não mora nos ponteiros, mora na sensibilidade. É o momento em que uma decisão muda um caminho, em que um abraço alcança o que anos não conseguiram tocar. Kairos é o tempo da coragem, da escolha, da abertura para o novo. Quando ele se revela, o mundo parece suspender a respiração, como se soubesse que algo essencial está prestes a acontecer... e acontece.

Entre o que passa e o que acontece, há ainda o que permanece. Aion é o tempo que habita a profundidade do ser. Ele não corre, não espera, não se apressa. Ele simplesmente existe. Está na memória que atravessa gerações, nas histórias contadas à mesa, na fé que resiste ao esquecimento, na arte que sobrevive aos séculos. Aion vive no que não se perde, mesmo quando tudo muda. É o tempo do sentido, daquilo que dá densidade à experiência de existir.

constrói nesse entrelaçar delicado. Vivemos sob o ritmo de Chronos, atentos aos chamados de Kairos e sustentados pela permanência de Aion. Somos feitos de horários e de silêncios, de decisões repentinas e de heranças invisíveis. Corremos para cumprir compromissos, mas paramos para sentir. Planejamos o amanhã, mas carregamos o ontem no peito. E, mesmo sem perceber, buscamos o eterno nos gestos simples, nas palavras ditas com verdade, nos olhares que se demoram.

A jornada humana se



IMAGEM GERADA POR IA [™] usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 31/01/2026

Talvez seja por isso que o espírito humano não se satisfaça apenas com o agora que passa. Ele quer o agora que transforma e o agora que permanece. Quer viver o tempo como experiência, não apenas como contagem. Quer fazer da vida mais do que uma sequência de dias, quer fazer dela uma história que valha a pena ser lembrada... e sentida.



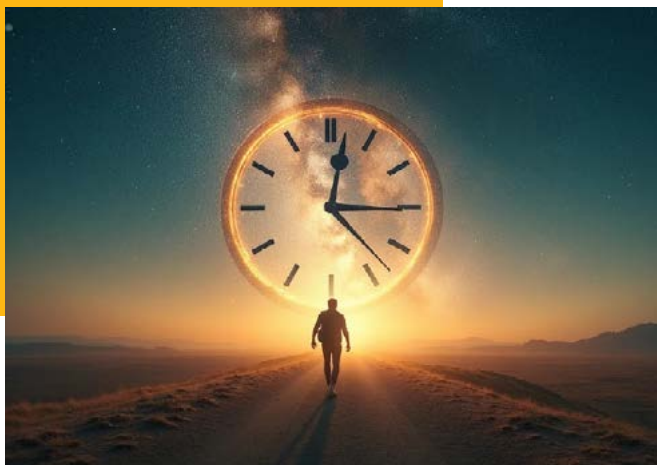


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 31/01/2026"

Nesta viagem pelos tempos, aprendemos que não somos prisioneiros dos minutos nem donos do destino, mas viajantes atentos a algo maior. Cada passo carrega a marca de Chronos, a oportunidade de Kairos e a profundidade de Aion. Cada escolha ecoa no presente, redesenha o futuro e dialoga com o que permanece.

E assim seguimos. Com o relógio no pulso, a sensibilidade na alma e o horizonte no olhar. Porque viver, no fim das contas, é atravessar o tempo sem perder o espírito. É permitir que os dias nos moldem, que os momentos nos despertem e que o sentido nos sustente. É transformar a passagem em presença... e a presença em legado!

"Viver é uma jornada de autoconhecimento e transformação, onde o tempo é um aliado que nos permite moldar o presente e construir o legado que deixaremos."



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 31/01/2026"

JEANE TERTULIANO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**



COLUMNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e torne-se um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



CONHEÇA O CURSO! >>>

CLIQUE AQUI



125 Países





24



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti à um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

**A vida imita a arte ou
a arte imita a vida?**

Nesta edição, a coluna Tudo sobre Cinema convida o leitor a atravessar diferentes atmosferas do audiovisual contemporâneo, onde o medo, o drama, a música e os conflitos humanos se entrelaçam. As indicações desta edição transitam entre o terror clássico e psicológico, o suspense inquietante, o retrato cru da realidade brasileira e a força da música como expressão de vida e resistência.

ror contemporâneo, o filme acompanha os investigadores paranormais Ed e Lorraine Warren em casos baseados em eventos reais, onde forças malignas desafiam a fé, a razão e os limites do medo.

Tremembé, a produção mergulha na realidade do sistema prisional brasileiro, revelando tensões psicológicas, relações de poder e dilemas humanos que expõem as contradições sociais e morais do país.

Invocação do Mal, um clássico do ter-



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/01/2026"

Ozzy: No Escape From Now, é um documentário intenso e revelador que acompanha a trajetória de Ozzy Osbourne, explorando os desafios físicos, emocionais e artísticos do ícone do rock em um momento decisivo de sua vida.

Colega de Quarto, um suspense psicológico que transforma a convivência cotidiana

em uma experiência sufocante, onde segredos, obsessões e comportamentos perturbadores conduzem a uma espiral de tensão crescente.

Frankenstein, é uma releitura do clássico da literatura, que revisita os limites da ciência, da ética e da solidão humana, questionando quem é, de fato, o verdadeiro monstro da história.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/01/2026"

A Hora do Mal, narrativa sombria que explora o medo em sua forma mais íntima, revelando como o mal pode se manifestar no cotidiano, nos silêncios e nas escolhas humanas, criando um clima constante de inquietação.

Reunimos obras que provocam tensão, reflexão e emoção. Um convite para explorar histórias intensas, inquietantes e memoráveis, que mostram como o cinema segue sendo um poderoso espelho das nossas angústias, medos e fascínios.

CLAUDIA FAGGI

CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



Invocação do Mal 1, 2, 3 e 4

Eu sou apaixonada por filmes de terror. Filmes de terror com conteúdo, expressivos e com personalidade. Tudo fica ainda mais interessante quando a narrativa é baseada em fatos mais do que reais.

Esse é o caso da franquia de Invocação do Mal, que não fala somente do que é assustador, mas também de uma história de amor de um homem e uma mulher lutando pela preservação das famílias que passam por momentos difíceis e aterrorizantes.

O casal Warren tem momentos apaixonantes ao som de Elvis Presley, e é desse amor que vem a força para lutar contra o maligno, o invisível e o que tortura a alma.

A franquia é composta por quatro filmes bem elaborados, com roteiros baseados em fatos reais e com uma questão interessante: O casal Warren acompanhou algumas gravações de alguns filmes para comprovar a veracidade dos mesmos.

Lançada em 2013, a franquia Invocação do Mal se consolidou como uma das mais bem-sucedidas e influentes do terror contemporânea. A série mistura fé, possessões, casas amaldiçoadas e entidades demoníacas, criando um universo cinematográfico próprio que conquistou público e crítica.

Invocação do Mal (2013)

O primeiro filme apresenta o tom que definiria toda a franquia. Ambientado nos anos 1970, acompanha a família Perron, que passa a viver fenômenos aterrorizantes após se mudar para uma antiga casa no interior dos Estados Unidos. Chamados para ajudar, Ed e Lorraine Warren enfrentam uma entidade demoníaca ligada ao passado sombrio do local. Com direção de James Wan, o longa apostou mais na tensão psicológica do que em sustos fáceis, tornando-se um marco do terror moderno. Confesso que sou apaixonada por essa obra de arte.





Invocação do Mal 2 (2016)

No segundo capítulo, os Warren viajam até Londres para investigar o famoso caso Enfield, um dos episódios paranormais mais conhecidos da Europa. O filme amplia o universo da franquia, introduzindo figuras icônicas como a freira demoníaca Valak. Mais emocional e ambicioso, o longa aprofunda a relação do casal protagonista e reforça o embate entre fé e mal, mantendo o clima sombrio que consagrou a série.

Invocação do Mal 3: A Ordem do Demônio (2021)

Diferente dos anteriores, o terceiro filme abandona o cenário de casas assombradas e se apoia em um julgamento real, no qual um acusado de assassinato alega ter cometido o crime sob possessão demoníaca. A narrativa se aproxima mais de um thriller investigativo, dividindo opiniões, mas ampliando o alcance temático da franquia ao explorar o embate entre o sobrenatural e o sistema de justiça.

Invocação do Mal 4

Anunciado como o capítulo final da saga principal dos Warren, o quarto filme promete encerrar a trajetória do casal que se tornou símbolo da franquia. Ainda envolto em mistério, o longa carrega a expectativa de revisitar elementos clássicos da série e oferecer um desfecho definitivo para a história iniciada em 2013, encerrando um dos universos de terror mais lucrativos do cinema.

Um legado no terror

Ao longo dos anos, Invocação do Mal se destacou por revitalizar o terror sobrenatural, apostando em atmosferas densas, narrativas inspiradas em “casos reais” e personagens carismáticos. Mais do que sustos, a franquia construiu uma mitologia própria e abriu espaço para diversos derivados, tornando-se referência obrigatória para fãs do gênero.

Invocação do Mal é obrigatório para os amantes dos filmes de terror que fogem das narrativas clichês.



POST NO SITE



Tremembé

Série Tremembé: o retrato cru do cárcere e da sociedade brasileira

A série Tremembé mostra um dos espaços mais simbólicos do sistema prisional brasileiro: a Penitenciária Doutor José Augusto César Salgado, conhecida nacionalmente por abrigar presos que ganharam notoriedade na mídia. Mais do que um retrato da prisão em si, a produção se propõe a discutir poder, desigualdade, justiça e o fascínio social por crimes que chocaram o país. O que deixa uma parte da sociedade curiosa e a outra parte extremamente revoltada, para ser honesta, eu fiquei em dúvida em falar sobre essa série, resolvi indicar a obra pois não senti que os criminosos foram tratados como mártires e sim como pessoas que cometeram crimes hediondos e sem nenhuma justificativa. A mais pura crueldade em sua essência.

A série escolheu um lugar carregado de significados. Não se trata de uma penitenciária comum: ali estiveram empresários, médicos, políticos e figuras que, fora dos muros, gozavam de prestígio social. Esse contraste é o ponto de partida para uma narrativa que questiona quem são, de fato, os indivíduos punidos pelo sistema e como a sociedade se relaciona com eles.

Tremembé aborda uma mescla de fatos relatados, depoimentos em autos policiais e reconstrução de narrativas. O espectador é conduzido por histórias marcadas por violência, ambição, abusos de poder e falhas estruturais do Estado. Tremembé não busca apenas chocar, mas provocar desconforto, e isso é um de seus maiores méritos.

O ritmo é deliberadamente contido, refletindo a rotina repetitiva e opressiva do cárcere. Não há glamourização do crime, tampouco tentativa de absolvição moral. Ainda assim, a série flerta com uma questão delicada: o interesse público por criminosos “famosos”, que muitas vezes recebem mais atenção do que as próprias vítimas, e eu acredito que esse é o maior problema.





Um dos pontos centrais de Tremembé é a discussão sobre desigualdade dentro do sistema prisional. A série evidencia que, mesmo privados de liberdade, alguns detentos mantêm privilégios simbólicos e materiais, revelando que a lógica de classes não fica do lado de fora dos muros.

Os debates éticos importantes existem, e foi exatamente esse fato que me chamou a atenção.

Até que ponto o sistema penal cumpre seu papel de ressocialização?

A exposição midiática de crimes contribui para justiça ou apenas alimenta o espetáculo da violência?

O cárcere é punição, correção ou apenas exclusão social institucionalizada?

Tremembé não é uma série fácil de assistir. Ela incomoda, provoca e exige do espectador uma postura ativa, reflexiva. Seu maior valor está justamente em não oferecer respostas prontas, mas em escancarar contradições profundas da sociedade brasileira.

Ao final, fica a sensação de que Tremembé é menos sobre uma prisão específica e mais sobre um país que ainda não resolveu sua relação com crime, punição e justiça. Uma série relevante, especialmente em tempos em que o debate sobre segurança pública costuma ser raso, polarizado e distante da realidade.

Assista e tire suas próprias conclusões!

Beijos

Claudia Faggi



POST NO SITE



Ozzy: No Scape From Now

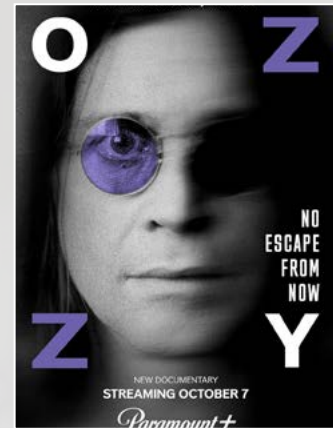
O documentário dedicado a homenagear Ozzy Osbourne vai além da celebração de uma carreira musical de sucesso. Ela constrói um retrato humano, intenso e contraditório de um artista que atravessou décadas reinventando o próprio mito e redefinindo os limites do rock. Mais do que o “Príncipe das Trevas”, a produção revela o homem por trás do personagem, vulnerável, genial, excessivo e profundamente influente.

Desde os primeiros passos com o Black Sabbath até a consagração como astro solo, a série percorre momentos-chave que moldaram não apenas a trajetória de Ozzy, mas também a história da música pesada. O heavy metal, como gênero e atitude, é apresentado como fruto direto de sua ousadia artística, de sua voz inconfundível e de uma postura que sempre desafiou padrões morais e estéticos.

Um dos maiores méritos da série está em não tratar Ozzy apenas como lenda. A narrativa abre espaço para fragilidades: os conflitos com dependência química, os problemas de saúde, as rupturas pessoais e o impacto da fama sobre sua vida familiar. Esses elementos não diminuem o ícone, ao contrário, o tornam mais complexo e real.

Ao abordar esses aspectos, a série constrói uma homenagem madura, que reconhece os excessos sem romantizá-los e valoriza a sobrevivência como parte essencial da história. Ozzy surge como símbolo de resistência: alguém que caiu inúmeras vezes, mas sempre encontrou um caminho de volta aos palcos.

A produção também contextualiza o papel de Ozzy como figura central da cultura do rock internacional. Sua imagem ultrapassa a música e dialoga com moda, comportamento, televisão e até com o imaginário do “anti-herói” moderno. A série evidencia como ele se transformou em referência para gerações de artistas, fãs e movimentos culturais que enxergaram no rock um espaço de liberdade e transgressão.





Depoimentos, imagens de arquivo e performances históricas reforçam a dimensão do legado: Ozzy não apenas acompanhou a evolução do rock, mas ele ajudou a moldá-la.

Uma homenagem sem endeusamento

Diferente de tributos excessivamente idealizados, a série opta por um tom equilibrado. Não ignora polêmicas nem tenta reescrever o passado, mas assume que o caos sempre fez parte da identidade de Ozzy Osbourne. Essa honestidade narrativa fortalece a homenagem e aproxima o espectador da verdadeira essência do artista.

O documentário que foi feito logo após a sua morte, deixa claro que Ozzy Osbourne não era apenas um nome na história do rock, era um capítulo inteiro. Sua influência segue viva, ecoando em bandas, estilos e atitudes que continuam desafiando o convencional.

Ozzy: No Scape From Now é mais que um tributo, é a apresentação de quem transformou o caos em arte e fez da imperfeição um legado eterno.

Beijos

Claudia Faggi



POST NO SITE



Colega de Quarto

Sabe quando a convivência se transforma em ameaça? Pois é, esse é o filme *Colega de Quarto* que explora um medo cotidiano e silencioso, o perigo que pode surgir dentro do espaço que deveria ser seguro.

Ambientado no universo universitário, o suspense psicológico parte de uma situação comum — dividir um quarto — para construir uma narrativa marcada por obsessão, controle e perda de limites.

A trama acompanha Sara, uma jovem que inicia a vida universitária cheia de expectativas, e Rebecca, sua colega de quarto aparentemente perfeita. Educada, reservada e solícita, Rebecca logo se mostra excessivamente presente, transformando cuidado em vigilância e amizade em possessividade. O que começa como uma relação cordial evolui gradualmente para um jogo psicológico perturbador.

Obsessão disfarçada de afeto

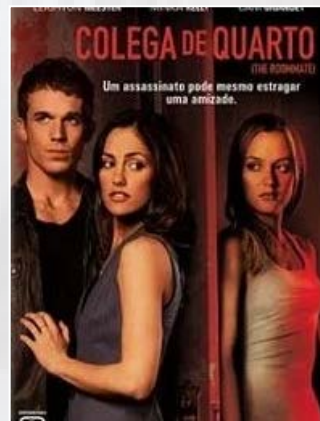
O principal mérito de *Colega de Quarto* está na forma como trabalha o suspense de maneira progressiva. Não há sustos constantes ou violência imediata. O filme aposta na construção da tensão por meio de pequenos gestos, olhares e atitudes que revelam, aos poucos, o desequilíbrio emocional da personagem antagonista.

A obsessão de Rebecca é retratada de forma inquietante justamente por parecer plausível. Ela não surge como uma vilã caricata, mas como alguém que confunde afeto com posse, revelando um comportamento controlador que se intensifica à medida que Sara tenta construir sua própria independência.

Juventude, controle e identidade

Além do suspense, o filme dialoga com temas importantes da juventude, como a busca por identidade, autonomia e pertencimento. A universidade, normalmente associada à liberdade, aparece aqui como um território de vulnerabilidade emocional, onde laços se formam rapidamente — nem sempre de maneira saudável.

A relação entre as duas personagens evidencia como vínculos tóxicos podem se desenvolver em ambientes de transição, quan-





do inseguranças e expectativas estão à flor da pele. Colega de Quarto sugere que o verdadeiro perigo não está no desconhecido absoluto, mas na intimidade mal compreendida.

Suspense clássico e direto

Do ponto de vista estético, o filme segue a cartilha do suspense comercial: trilha sonora tensa, iluminação que reforça o clima de ameaça e uma narrativa objetiva. Não busca grandes reviravoltas conceituais, mas cumpre seu papel ao manter o espectador em estado de alerta.

Ainda que o roteiro não aprofunde questões psicológicas de forma mais complexa, a simplicidade da abordagem torna o filme acessível e eficiente para o público que busca entretenimento aliado a tensão constante.

Um alerta disfarçado de entretenimento

Colega de Quarto funciona como um suspense psicológico que provoca desconforto ao tocar em relações de dependência emocional e controle. Ao transformar a convivência cotidiana em ameaça, o filme deixa uma mensagem clara: nem toda proximidade é sinônimo de segurança.

Sem reinventar o gênero, a produção entrega um retrato inquietante de como a obsessão pode se esconder atrás de gestos aparentemente inofensivos — e como reconhecer esses sinais pode ser questão de sobrevivência.

Colega de Quarto é quase um alerta disfarçado de amizade.



POST NO SITE



Frankenstein

Frankenstein, de Guillermo del Toro: o monstro visto com humanidade

A adaptação de Frankenstein por Guillermo del Toro nasce como um encontro quase inevitável entre autor e obra. Poucos cineastas contemporâneos demonstraram, ao longo da carreira, tamanha empatia pelos monstros, pelos marginalizados e pelas criaturas rejeitadas quanto Del Toro. Em suas mãos, o clássico de Mary Shelley deixa de ser apenas uma história de horror para se tornar, mais uma vez, uma reflexão profunda sobre solidão, criação e responsabilidade humana.

Diferente das versões que transformaram a criatura em símbolo do medo puro, Del Toro se aproxima da essência do romance original: o monstro não é o vilão, mas o espelho das falhas humanas. O verdadeiro horror não está no corpo criado a partir de fragmentos, mas no abandono, na rejeição e na incapacidade de amar aquilo que foge ao padrão.

A obra de Del Toro sempre dialogou com a ideia de que monstros são produtos do mundo que os cria. Em Frankenstein, essa lógica se intensifica. Victor Frankenstein não é apenas um cientista obcecado pela vida; ele representa a arrogância humana diante do poder de criar sem assumir as consequências. A criatura, por sua vez, surge como um ser sensível, consciente e profundamente ferido pela ausência de pertencimento.

Ao privilegiar o ponto de vista emocional do monstro, Del Toro reafirma um de seus temas centrais: a verdadeira monstruosidade reside na crueldade, na indiferença e no medo do outro.

Visualmente, Frankenstein encontra terreno fértil no imaginário gótico que define o cinema do diretor. Sombras densas, cenários sombrios e uma atmosfera melancólica não funcionam apenas como ornamento estético, mas como extensão do estado emocional das personagens. A beleza e o grotesco coexistem, reforçando a ideia de que a imperfeição também carrega poesia.





Del Toro não filma o horror para assustar gratuitamente, mas para provocar empatia. Seu Frankenstein se aproxima mais da tragédia do que do terror tradicional, assumindo um tom contemplativo e dolorosamente humano.

Em tempos marcados por debates sobre exclusão, identidade e intolerância, Frankenstein ganha nova força. A criatura simboliza todos aqueles que são expulsos da convivência social por não se encaixarem em padrões impostos. Ao rejeitá-la, a sociedade reafirma seus próprios limites éticos e morais.

Del Toro transforma a narrativa em um alerta: criar sem amar é um ato de violência. Negar humanidade ao diferente é repetir, continuamente, o erro original de Victor Frankenstein.

Mais do que uma releitura, Frankenstein se apresenta como um projeto pessoal de Guillermo del Toro — quase uma declaração artística. Ao retornar ao texto de Mary Shelley com respeito e sensibilidade, o diretor resgata o caráter filosófico da obra e a reposiciona como um drama existencial.

O resultado é uma adaptação que promete não apenas re-visitado um mito do cinema e da literatura, mas reafirmar uma ideia essencial: os monstros que tememos dizem mais sobre nós do que sobre eles.

Assista e se emocione com essa obra prima.

Beijos

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



A Hora do Mal

O filme *A Hora do Mal* aposta em um terror psicológico que se constrói menos pelo susto imediato e mais pela sensação constante de ameaça. A narrativa gira em torno da ideia de que existe um momento específico — uma “hora” simbólica — em que o mal se manifesta com mais força, rompendo a lógica do cotidiano e expondo fragilidades humanas profundas.

Diferente de produções que recorrem excessivamente a efeitos visuais ou violência explícita, o filme trabalha o medo de forma gradual. O espectador é conduzido por uma atmosfera densa, marcada por silêncios, repetições e uma crescente sensação de desconforto, como se algo estivesse sempre prestes a acontecer.

Um dos aspectos mais interessantes de *A Hora do Mal* é o uso do tempo como gatilho narrativo. A passagem das horas deixa de ser apenas um recurso cronológico e passa a representar ansiedade, culpa e trauma. A chamada “hora do mal” funciona quase como um ritual inevitável, um ponto de ruptura entre o que é racional e o que escapa ao controle.

Essa escolha reforça a ideia de que o verdadeiro terror não vem apenas de forças externas, mas de conflitos internos que emergem quando a mente está mais vulnerável.

A Hora do Mal se apoia fortemente na ambiguidade. Nem sempre fica claro o que é real e o que é fruto da mente das personagens, e essa indefinição é um dos motores do suspense. O mal pode ser sobrenatural, psicológico ou uma combinação dos dois — e o roteiro faz questão de não entregar respostas fáceis.

Essa abordagem exige um espectador atento e disposto a interpretar sinais, metáforas e silêncios. *A Hora do Mal* não subestima quem assiste, preferindo provocar inquietação a oferecer explicações didáticas.

A ambientação contribui para criar um horror íntimo, quase claustrofóbico, no qual o perigo parece sempre próximo — mas raramente visível.





Um terror que permanece após o fim

A Hora do Mal não é um filme que busca impacto imediato. Seu efeito é mais duradouro: a inquietação permanece após os créditos, justamente por tocar em medos universais como a perda de controle, a culpa e a fragilidade da mente humana diante do desconhecido.

Sem reinventar o gênero, o filme se destaca por tratar o terror como experiência psicológica e emocional, transformando o tempo — algo aparentemente comum — em uma ameaça silenciosa e perturbadora.

Beijos

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

O Tempo como um modo próprio de ser

A vida é um processo de conhecimento; assim, se o objetivo é compreendê-la, é necessário entender como os seres vivos conhecem o mundo. (Maturana, 1996)



A 36ª edição da Revista Internacional The Bard, aborda como tema principal - Uma Viagem nos Tempos: "A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano".

A narrativa escrita na nossa coluna, buscou trazer para discussão os modos de entendimento e vivência do tempo incentivando reflexões importantes acerca do valor singular de cada momento vivido dando sentido às experiências cotidianas.

Ao unir o tempo linear, o tempo oportuno e o tempo eterno, cada pessoa é convidada a com-

preender e vivenciar o tempo de forma mais ampla e consciente, enriquecendo sua trajetória e visão de mundo.

No espírito humano, Chronos, Kairos e Aion coexistem e se complementam, influenciando nossos pensamentos, emoções e decisões. Enquanto Chronos organiza e limita, Kairos inspira e transforma, e Aion conecta e transcende.

O que acontece com o tempo quando passamos a perceber sua presença nas coisas e em nós? São questões como estas que a instalação Cronologia Kairológica busca instigar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Daí, o título: O Tempo Como Um Modo Próprio De Ser, sendo o principal foco investigativo nesta narrativa. Na ideia de tecer cronologias kairológicas, colocamo-nos diante do tempo com novas perspectivas conectadas a transcendência de Aion e em Chronos que aparece em situações como:

- Organização da agenda e planejamento das atividades

diárias.

- Sensação de urgência ou pressa diante de tarefas e obrigações.

- Preocupação com o futuro e com o envelhecimento.

- Vivência do tempo como recurso limitado, que pode “escapar” ou “ser desperdiçado”.

Devemos viver em nós mesmos e pensar na vida inteira, em todos os milhões de possibilidades vividas no tempo presente, futuro, diante dos quais não há nada de tempo perdido. Há momentos em que parece que o tempo fica mais lento, ou o ar fica parado, e tudo ao nosso redor parece encolher, marcando aquele momento que você nunca vai esquecer. Nada impede que entre meu trajeto entre um compromisso e outro marcado pelo relógio eu possa viver outras experiências, mesmo as mais simples, até as mais complexas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Não se perca no seu tempo. Sinta o seu tempo presente e perceba o valor dos momentos que são valiosos. Essa percepção nos permite pausar, refletir e apreciar as experiências do dia a dia, por mais simples que sejam.

Com tempos de afetos,

Stella Gaspar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

O Tempo Como Um Modo Próprio De Ser

Ao percebermos o tempo nos detalhes da vida cotidiana, abrimos espaço para significados mais profundos e para a construção de memórias duradouras. Assim, cultivar a presença e a atenção aos instantes nos permite ressignificar nossa própria trajetória.

A grande quantidade de expressões que temos na linguagem oral, e escrita, para a descrição do tempo como elemento comparativo já denuncia a importância deste como um importante eixo norteador, focando as questões: O que é o tempo? Onde ele está? Qual é sua forma, sua identificação? O tempo tem um início?

O paradigma da ciência hoje, apresenta uma série de conceitos que nos permitem analisar com diferentes olhares questões interrogativas que nos convidam a buscar uma relação mais sensível com o tempo, reconhecendo que ele não é apenas uma medida, mas também uma experiência subjetiva, na ordem biológica. Nós seres humanos, somos corpos em ritmos, no nosso próprio tempo. Não existimos fora do mundo – geográfico, histórico, político e social. Essas ideias estão vinculadas à teoria da autopoiese, que concebe o ser vivo como um sistema autônomo (auto-organizado), dependente das interações, portanto aberto para mudança de energia.

Há, portanto, no ser vivo, um processo de autoconstrução, ou seja, seres em constantes mutações.

Conta-nos “Ovidio” nas Metamorfoses, a principal obra mitográfica tardia da Antiguidade, que havia uma potência primordial, “Chronos, o tempo, também conhecido como “Aion”, imortal, imperecível, o tempo sacralizado.

Chronos, na tradição grega, é o deus do tempo cronológico, mensurável e sequencial. Ele corres-



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

ponde ao tempo que pode ser contado e medido, aquele Vivência do tempo como recurso limitado, que pode “escapar” ou “ser desperdiçado”.

Do ponto de vista psicológico, Chronos pode gerar ansiedade e estresse quando o indivíduo se sente pressionado por prazos ou pela passagem do tempo. Por outro lado, pode também promover disciplina, ordem e senso de responsabilidade.

Chronos e Kairós. O primeiro é o responsável pelo tempo marcado, contado. É o relógio matemático de nossas atividades. O outro é a qualidade de todo tempo vivido, é o momento oportuno, que nos marca. Kairós é o tempo da oportunidade, do momento certo e significativo.

Diferente de Chronos, Kairós não é mensurável nem previsível; ele se refere ao instante em que algo especial acontece, àquele tempo “certo” para agir, decidir ou transformar. No espírito humano, Kairós se manifesta como a percepção de momentos únicos, de revelações, de experiências profundas que marcam a vida. Na psicologia, Kairós está ligado à capacidade de perceber e aproveitar as oportunidades e ao desenvolvimento da intuição e da sabedoria. Ele valoriza a qualidade do tempo sobre a quantidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Embora não fosse um dos deuses mais cultuados, a figura de Kairós era respeitada como a encarnação do instante decisivo, aquele que pode transformar destinos. Sua representação reforça a ideia de que o tempo certo não espera — é preciso reconhecê-lo e aproveitá-lo quando aparece. Neste contexto, as horas são preciosas, não podem ser desperdiçadas. A qualidade de todo tempo vivido, é o momento oportuno, que nos marca.

Mário Quintana traduz esses tempos:

O tempo é indivisível. Dize.
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas fica a árvore.
Contra o vento incerto e vário.

A vida é indivisível. Mesmo.
A que se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
(...) Todas as horas são extremas!

Aproveitar o tempo, seu encantamento. Ir longe, mas do que podemos, ter olhos para além, com uma visão renovada.

Aion representa o tempo eterno, ilimitado e absoluto. É o tempo da alma, da existência e do ser. No espírito humano, Aion se manifesta como a experiência de transcendência, de conexão com algo maior, de integração do passado, presente e futuro em uma unidade. Sabemos que precisam se misturar e, se renovar. É o tempo da contemplação, da espiritualidade e do sentido profundo da vida. Na filosofia, Aion é o tempo do ser, que transcende o tempo cronológico e oportuno.

Práticas como meditação, leitura silenciosa, caminhadas, contemplação de paisagens, pesca, apreciação artística, dança, preparo cuidadoso de refeições e diálogos pautados pela escuta ativa contribuem para manter o indivíduo atento, receptivo e integrado ao momento presente. Agir em conformidade com a própria intuição também favorece esse estado de conexão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"



O tempo potencial, como nos disse Prigogine (1991), está sempre aqui, em estado latente, prestes a se atualizar.

Explicar o tempo? Não sem a existência.

Explicar a existência? Não sem o tempo.

Desvendar a profunda e oculta conexão entre o tempo e a existência [...] é uma tarefa para o futuro. John Wheeler, físico. (1911-2008)

Essas operações internas, marcadas pelo movimento e pela ação do próprio espírito, possibilitam que cada indivíduo sinta e conte o tempo de forma singular na sua jornada de autoconhecimento. Assim, o tempo não é apenas uma entidade externa, mas algo vivido e construído a

partir da experiência interior, também como interlocutor na dimensão inconsciente, na qual o dinamismo do espírito desempenha um papel essencial na compreensão e vivência temporal. É a qualidade de todo tempo vivido, é o momento oportuno, que nos marca.





O que é, pois, o tempo?

Então, o que é o tempo? se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me pergunta, não sei. Santo Agostinho, Confissões, livro XI.

Uma famosa indagação de Santo Agostinho, "O que é, pois, o tempo?", destaca a dificuldade em defini-lo, apesar de o compreendermos no cotidiano. Agostinho sugere que o tempo existe na mente humana como memória (passado), atenção (presente) e expectativa (futuro), sendo uma "distensão da alma" e não um objeto mensurável exterior.

Agostinho é especialmente conhecido por sua profunda reflexão sobre o tempo, que ele aborda não apenas como uma dimensão física, mas como uma experiência interna da alma humana. Em seu texto "Que é o tempo?", ele explora as dificuldades e paradoxos de compreender o tempo, questionando sua existência e natureza, e mostrando como o tempo está ligado à percepção e à mudança.

Que é o tempo? Por Santo Agostinho

Não houve, pois, tempo algum em que nada fizestes, pois fizeste o próprio tempo. E nenhum tempo pode ser coeterno contigo, pois és imutável; se, o tempo também o fosse, não seria tempo. Que é, pois, o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a ideia com palavras? E, no entan-

to, haverá noção mais familiar e mais conhecida em nossas conversações?

Quando falamos dele, certamente compreendemos o que dizemos; o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo. Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem me pergunta, já não sei.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então podem existir esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e se o futuro ainda não chegou?

Quanto ao presente, se continuasse sempre presente e não passasse ao pretérito, não seria tempo, mas eternidade. Portanto, se o presente, para ser tempo, deve tornar-se passado, como podemos afirmar que existe, se sua razão de ser é aquela pela qual deixará de existir? Por isso, o que nos permite afirmar que o tempo existe é a sua tendência para não existir. Disponível na Íntegra em: <https://farofafilosoficablog/2025/05/12/>

Em uma linguagem agradável a leitura evidencia aspectos entrelaçados com; sentir o mundo. Por meio de nossa necessidade de movimento no

tempo, podemos sentir a vida e o que fazemos de nossa existência. Assim, entende-se que somente a eternidade é estática, todo o resto, que esteja “dentro” do tempo, possui necessariamente movimento com mudanças paradigmáticas, preservando a nossa memória com momentos atemporais.

O que podemos extrair das investigações até agora acerca da natureza do tempo, é que, em primeiro lugar, o tempo é uma questão fundamental para o ser humano – fazendo parte da sua condição natural – em segundo lugar, o propósito por detrás destas investigações é, em último caso, lidar com a noção de finitude humana.

A Chronologia Kairológica é uma tentativa de transformar o tempo do relógio em um tempo de experiências marcantes. Daqueles instantes em que poetizamos nos permitindo desenvolver olhares e escutas.

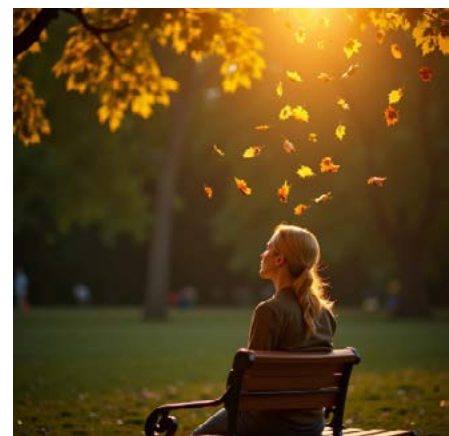


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

"A vida é um bem precioso que se esvai rapidamente, e é fundamental valorizar cada minuto, priorizando o que realmente importa e cultivando a consciência de viver plenamente."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Tempo e Vida

Concordo com Sêneca... afirmando que o "Homem" é capaz de lutar por qualquer coisa que não lhe pertença. Luta para defender terras, por poder, por escravos, por amores, por seus filhos, por seu povo. Mas é incapaz de lutar para defender seu tempo. Sêneca, (2022, p. 39) acreditava que o tempo é nosso bem mais valioso. Como a vida é finita, resta a cada indivíduo um tempo limitado. Para ele, desperdiçamos muito tempo e a vida vai se esvaindo. Dedicamos realmente a nossa atenção, o nosso tempo às superficialidades, ficamos secos de sensibilidades e amor, cansados e queixosos. Na verdade, nos fatigamos demais. A vida vai acontecendo pobre de profundidades e limitada.



Imagem de Fartech por Freepik

Tempo, tempo, tempo. Valorizar cada minuto. "A vida se sabemos usá-la, é longa", escreveu Sêneca. É preciso maior compreensão do viver, tendo uma visão clara de tudo o que o cerca. Percorrendo o seu interior, o "Homem" prossegue se depurando e avançando na direção da felicidade, do amor, da luz, se aproximando de sua espiritualidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Na mitologia, Chronos representa o senhor absoluto do tempo marcado pelo relógio, controlando minutos, horas e dias. Ele é frequentemente considerado como uma força constante que acompanha todos os momentos de nossas vidas, impactando nosso percurso ao longo do tempo. Esta figura ilustra a dimensão do tempo que existe fora de nós, funcionando como um elemento fundamental para organizar a vida cotidiana, estimulando as buscas pelo alimento, realizações, conquistas. No entanto, nos escraviza quando determinamos que o tempo que vivemos "do lado de dentro" seja também regido por ele. Podemos nos tornar escravos do relógio, do tempo cronometrado, do tempo do mundo. Com isto deixamos de usufruir do bem-estar.

A nossa chance de libertação vem com Kairós. (do grego, momento oportuno) é um portal, que transforma o tempo do relógio no tempo do coração, poético e belo. Cronos é o tempo do mundo. Kairós é o tempo da “oportunidade”. Sabe aquele dia em que você encontrou um amigo muito querido de um jeito inesperado (Kairós) e passou horas (Cronos) conversando sem se dar conta de qualquer tempo? Nesse dia você conheceu Aion, o tempo do fluxo, do “caminho feliz” da existência, da totalidade psíquica, do movimento cíclico e incessante da vida, da imortalidade.

O tempo Aion é descri-

to nas mandalas, mas o que seria o relógio senão uma mandala? Mandala, palavra sânscrite, significa círculo e é associada a instrumento, que facilita a meditação e o autoconhecimento, e a ritos mágicos, assim como é usado na arquitetura sagrada como planta de templos, tendo relação também com o mundo exterior. A mandala mostra a alma humana como todos os seus enigmas, suas buscas, conflitos, aspirações, procurando unir a “Terra ao Céu”.

O grande segredo de viver em plenitude é encontrar Kairós a qualquer instante, a qualquer momento da nossa vida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Conclusões

Na mitologia grega, Chronos é o deus do Tempo, o medidor do tempo físico. Por sua vez, Kairós – palavra de origem grega – é o tempo que não pode ser medido, cronometrado, representa acontecimento que não tem hora marcada, surpresas do cotidiano.

Assim, o tempo Kairós nos convida a aproveitar a vida em outro compasso: mais leveza e alegria, apesar da inevitável existência das tristezas, desilusões...

Em Aion, alcançamos a dimensão do eterno, da finalidade da expansão, da justa medida imprecisa entre a imanência e a transcendência. Porque este é o “não tempo”. E “não tempo” também é tempo. Imensurável.

Tempo para sempre.

Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer.
Eclesiastes 12.1



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Assim falava Zaratustra. (2021, p. 105)

É noite: agora eleva-se mais a voz das fontes.

E a minha alma é também uma fonte.

É noite agora despertam todos os cantos dos amantes.

E a minha alma é também um canto de amante.

Há qualquer coisa em mim não aplicada nem aplicável, que quer se expressar.

Há em mim um anelo de amor que fala a linguagem do amor.

E assim, O tempo pode ser definido também como único e singular ou múltiplo e plural. Há os tempos individuais e coletivos, como também os “tempos cíclicos”, por exemplo, da infância, do trabalho, da velhice, do lazer.

A todos que me motivaram a escrever esta narrativa, desejo-lhes os mais felizes dos tempos!

Stella Gaspar

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



FRASES E PENSAMENTOS

A calma é o abrigo dos fortes.
Quem domina o próprio caos,
vence o dia. E dorme em paz
com o que foi possível.

J.B Wolf

"Felizes são os corações inspiradores, com
olhos de estrelas."

Stella Gaspar

"Na vida, não existe nada a temer,
mas a entender."

Marie Curie

"O que sabemos é uma gota;
o que ignoramos é um oceano."

Isaac Newton

"Faça as coisas o mais simples que você puder,
porém não se restrinja às mais simples."

Albert Einstein

"Há verdadeiramente duas coisas diferentes:
saber e crer que se sabe. A ciência consiste em
saber; em crer que se sabe reside a ignorância."

Hipócrates

"Viver é enfrentar um problema atrás do outro.
O modo como você o encara
é que faz a diferença."

Benjamin Franklin

"Um trabalho te dá um propósito e
um significado. A vida é vazia sem ambos."

Stephen Hawking

"Você não pode ensinar nada a ninguém,
mas pode ajudar a pessoas a descobrirem
por si mesmas."

Galileu Galilei

"Pouco conhecimento faz com que
as pessoas se sintam orgulhosas.
Muito conhecimento, com que se
sintam humildes."

Leonardo da Vinci

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

"Ninguém que é curioso é idiota. As pessoas que não fazem perguntas permanecem ignorantes para o resto de suas vidas."

Neil DeGrasse Tyson

"Aquele que ousa perder uma hora de seu tempo não sabe o valor da vida."

Charles Darwin

"Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa de apagar o caso escrito."

Machado de Assis

"Em algum lugar, alguma coisa incrível está esperando para ser descoberta."

Carl Sagan

"SUA FRASE AQUI"

"Quem não quer ser aconselhado, não pode ser ajudado."

Benjamin Franklin

"O mais importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, mas que elas vão sempre mudando."

Guimarães Rosa

"Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar."

Carlos Drummond de Andrade

"Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho."

Clarice Lispector

"Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento."

Érico Veríssimo





CRÔNICAS

WELLINGTON RODRIGUES

Cidade: Araripe
Estado: Ceará
País: Brasil

A ILUSÃO DO CONTROLE

A era tecnológica trouxe milhares de facilidades para a vida humana, dentre elas os smartphones (benditos ou não). A comunicação tornou-se mais ágil e eficiente, atingindo níveis recordes de conexão global com um simples toque e, o que é mais conveniente para a sociedade atual, sem a necessidade de sair do lugar.

Os pagamentos tornaram-se fáceis; chega de filas em bancos. As compras, nem se fala: pesquisa-se o que quiser em sites de confiança, olham-se as fotos, lê-se a descrição do produto e, se estiver ao nosso gosto, com um clique a compra está feita! Conversar em tempo real, por mensagem, voz ou vídeo. Enfim, tudo ótimo.

Perder o registro de belos lugares, das vistas maravilhosas que as viagens proporcionam? Jamais. Do bolso, tiramos o celular e fotografamos tudo. Vai fazer um trajeto longo? Temos aplicativos com milhares de músicas; basta colocar os fones. Aliás, não há nada melhor do que uma corrida ao final da tarde, ouvindo o que se gosta, com os pensamentos se organizando ao som de uma boa música.

Entretanto, como tudo na vida tem limite, o armazenamento dos dispositivos também tem o seu. Que maravilha é poder apagar alguns arquivos ou fotos e pronto: espaço liberado! A vida segue normalmente e, para muitos, isso é corriqueiro. No entanto, há quem enfrente dilemas mais frustrantes que esses: as dores das relações humanas intensas — que, porventura, deram errado, acabaram ou simplesmente se transformaram. Elas podem revirar a mente, confundir os sentidos e agir como uma úlcera profunda, fazendo doer até a mais feliz das lembranças.

É aqui que a tecnologia não oferece possibilidade de ajuda, pois não há como esvaziar o armazenamento do cérebro. Infelizmente, ele não vem com uma série de comandos que, se seguidos, permitam deletar certas lembranças. Elas ficam armazenadas, desde mais feliz à mais angustiante. O fato é que elas permanecem conosco. Existe lugar mais seguro que as nossas lembranças?

A memória sempre nos entrega, quase que sem querer, as lembranças do que vivemos. Elas ficam guardadas e são evocadas em momentos por vezes oportunos, por vezes muito inoportunos. Não há botão de stop: temos apenas a ilusão de estar no controle, mas não lembrar não é uma opção; é natural.

A familiaridade que certas coisas despertam faz as lembranças retornarem à nossa mente com a força de uma onda. A conexão que fazemos com o conhecido é inevitável: ruas, músicas, fotos e paisagens compõem a mais perfeita semiótica, fazendo-nos reviver, com certa nostalgia ou repulsa, momentos passados.

Tomando um café com meu avô, vejo-o reclamar dos netos ao redor da mesa, todos com os celulares em mãos: 'Esses meninos estão cada vez mais viciados em internet!'. A fala verdadeira e irritada do meu amado avô me faz pensar que, embora estejamos juntos, no mesmo ambiente e com as pessoas de quem gostamos, não estamos conectados. Estamos mais em sintonia com pessoas ao redor do mundo do que com aquelas que estão na nossa própria sala.

Cada um, dentro do seu 'mundinho', supre — ou pelo menos tenta suprir — uma falta através das telas, das quais, no particular de cada um, emergem desejos que os demais nunca saberão. Há quem busque novas conexões e conversas eufóricas antes de um possível encontro físico; quem apenas esteja rememorando momentos, revisitando conversas e olhando fotos antigas na tentativa desesperada de matar uma saudade que o tempo não apaga; e existem os entediados, que jogam, assistem a vídeos e trocam mensagens com amigos para fugir do clima denso de estar entre adultos ou de ter que interagir com quem não gostam. Há uma miríade de possibilidades para quem está com a face voltada para as telas.

Tendemos a não querer ver o que nos desagrada; jogamos fora o que está quebrado. Com as fotos, é comum deletar o que não gostamos; as conversas, limpamos, arquivamos ou excluímos. Pessoas que um dia foram próximas e hoje não são mais, bloqueamos; contas encerram-se, pacotes são renovados e a playlist é atualizada. Mas, e as lembranças? Para onde as mandamos, se nem ao menos temos controle sobre elas? Apagar arquivos realmente resolve?

Apaga-se, mas não se esquece. Sabemos para onde vão os arquivos deletados, sabemos o que fazer com as fotos que rasgamos e com os objetos que guardamos; no entanto, nunca sabemos o que fazer com as memórias. Para elas, não há como deletar ou arquivar: apenas se vive com elas.



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD

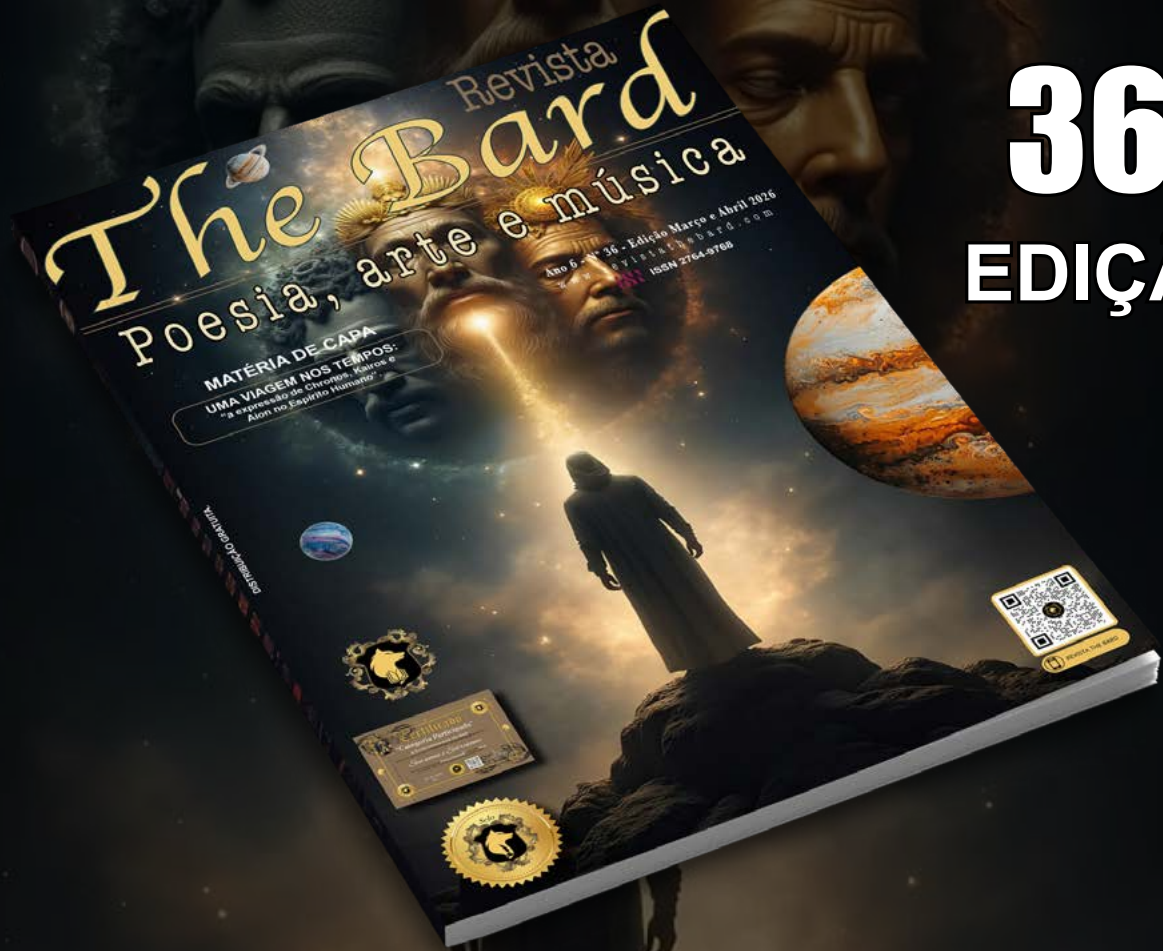


LANÇAMENTO

MARÇO & ABRIL DE 2026

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

"A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"



36^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2026

Do silêncio às páginas impressas:
"o papel da Tipografia na democratização
da informação no Brasil"

**37^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO DE 2026**

PERÍODO DE 08 DE FEVEREIRO À 31 DE MARÇO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



28



Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

Uma viagem nos tempos: a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano

"A vida passa como a correnteza, como um sono, como a relva que de manhã brota".

Salmos 90:5:

As concepções de tempo variam culturalmente e historicamente, abrangendo visões cíclicas (como em algumas culturas antigas) e lineares (o tempo como progresso, dominante no Ocidente moderno), além de perspectivas psicológicas (percepção subjetiva do "tempo que voa" ou "se arrasta") e físicas (relatividade, tempo como dimensão do espaço-tempo), refletindo diferentes formas de organizar a experiência, desde o tempo do relógio (cronológico) até o tempo vivido (biológico/experiencial) e o tempo cósmico (geológico/universal).



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"



“ O tempo de deus não é o nosso tempo! o tempo de deus é perfeito, não há atrasos. (Gálatas 4:4)

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Conforme mencionado desde a antiguidade os povos já buscavam conceitos para compreender essa passagem de tempo. Os gregos utilizando da Filosofia faziam distinção entre Chronos (tempo quantitativo, sequencial, medível) e Kairós (momento oportuno, qualitativo, especial). Já os egípcios/babilônios com os avanços na astronomia e matemática avançaram para calendários mais precisos, ligados a rituais e agricultura. Na Idade Média e Cristianismo, traziam a Combinação de um tempo linear (progresso para a eternidade) com rituais (tempo cíclico). Também o tempo Psicológico (Agostinho): O passado (memória), futuro (expectativa) e presente (atenção) como experiências da alma.

A Revolução Científica nos aproxima de outros conceitos como: Tempo Absoluto (Newton): O tempo como uma corrente universal, fluindo uniformemente, independente dos eventos; Tempo Relativo (Leibniz): O tempo como a ordem das coisas, não existindo sem fenômenos. Na era Moderna e contemporânea os conceitos se ampliaram agora temos: Tempo Histórico: Períodos definidos por características comuns para organizar o passado (ex: Idade Média, Era Moderna); Tempo Cultural: Diferentes culturas têm percepções distintas (cíclico vs. linear), influenciadas por modos de produção e visão de mundo; Tempo Psicológico (Bergson, etc.): A experiência subjetiva e a percepção individual do tempo (pode acelerar ou desacelerar); Tempo Físico (Einstein): O tempo como uma dimensão do contínuo espaço-tempo, relativo ao observador (Relatividade); Tempo Cósmico: Escalas vastas de tempo na astronomia, como a idade do Universo.



"A teoria da relatividade de Einstein revolucionou a compreensão do tempo, mostrando que ele é flexível e dependente do observador."

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Iremos conhecer nesse artigo um pouco dos conceitos filosóficos de tempo, utilizados pelos gregos: Kairós, Cronos e Aiôn que nasceram da sensibilidade desses povos antigos em perceber o tempo de formas distintas, além da mera passagem linear. Em vez de uma única noção de tempo, eles desenvolveram múltiplas perspectivas expressas através da mitologia e da filosofia, cada uma com um significado e uma divin-

idade ou personificação associada.

As expressões Chronos, Kairos e Aion têm origem na Grécia Antiga e representam diferentes dimensões da percepção temporal no espírito humano. Enquanto na modernidade tendemos a ver o tempo como algo único e linear, os gregos utilizavam essas três figuras para descrever como o ser humano vivencia o tempo de forma física, emocional e eterna.

"Não lhes compete saber os tempos (Cronos) ou as épocas (Kairós) que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade".

(Atos: 1 – 7)



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

O chronos tem uma conotação de intervalo, espaço de tempo, período de tempo longo ou breve. Representa, inicialmente, a designação de um espaço de tempo ou ponto de tempo e que está ligado ao tempo cronológico que pode ser medido. Podemos traduzir a palavra kairós como: tempo, ponto no tempo, momento, tempo oportuno, medida certa, aquilo que é decisivo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Chronos surgiu na mitologia grega como a personificação do tempo, um conceito que evoluiu da ideia de uma força cósmica primordial (às vezes confundido com o Titã Cronos) para a noção do tempo linear, medido e quantitativo, essencial para a organização da vida e dos eventos, com o próprio termo vindo do grego para "tempo". Ele representa a passagem do tempo, o "tempo que passa", sendo um conceito fundamental na filosofia e na cultura grega. No espírito humano: Representa o tempo quantitativo, físico e linear. É o tempo dos relógios e calendários que "devora" a vida, associado à finitude e à sucessão de eventos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Kairos (O Tempo Oportuno) - O conceito de Kairos (καιρός) surgiu na Grécia Antiga como uma forma de definir o tempo de uma perspectiva qualitativa, oportuna e qualitativa, em contraste direto com Chronos (tempo cronológico, quantitativo e linear).

O significado literal é momento "certo", "adequado", "crítico" ou "supremo" para que algo aconteça. Aristóteles e outros retóricos gregos utilizavam o Kairos para descrever o momento exato em que um argumento deve ser apresentado para ser persuasivo. Não é sobre quanto tempo dura, mas o momento ideal na conversa ou ação.

Na mitologia, Kairos foi personificado como um "daimon" (espírito ou divindade menor), considerado o caçula dos filhos de Zeus. Ele era o Deus da Oportunidade e dos Momentos Favoráveis. Ele era retratado como um jovem alado (com asas nos pés e ombros), indicando que o tempo oportuno voa e passa rápido. Kairos era representado com uma longa trança de cabelo na frente da testa, mas careca na parte de trás da cabeça. Isso simbolizava que a oportunidade deve ser agarrada pela frente ("pelos cabelos") quando chega, pois se passar, não há como segurá-lo por trás. Frequentemente retratado com uma balança, indicando que o Kairos é o equilíbrio e a medida exata da ação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"

Inicialmente, o termo era usado no tiro com arco para descrever o instante exato em que a flecha deve ser solta para atingir o alvo. O Novo Testamento utiliza Kairós para descrever o tempo de Deus, um momento Divino ou uma "época" de graça, diferente do tempo linear da história humana.

Em resumo, o Kairós surgiu da necessidade grega de distinguir o tempo rotineiro (Cronos) do tempo oportuno e inesquecível (Kairós), asso-

ciando-o a um momento de mudança que exige ação imediata antes que desapareça.

Aion (O Tempo Eterno). O tempo Aion (ou Aíôn) surgiu na mitologia grega e helenística não como um "início" cronológico, mas como a personificação do tempo eterno, cíclico e ilimitado. Ao contrário de Chronos (tempo linear, passado/presente/futuro) ou Kairos (o momento oportuno), Aion representa a totalidade do tempo, a eternidade que envolve o cosmos.

Aion representa o tempo sem "borda" ou duração definida, associado aos ciclos cósmicos, estações, zodíaco e eterno retorno. Ele é frequentemente descrito como a eternidade, enquanto Chronos é o tempo empírico. Em tradições órficas, Aion é por vezes associado ao deus primordial Phanes (que surgiu do caos primordial) ou imaginado como um ser alado e com cabeça de leão, envolto por uma serpente (símbolo de renovação). Relatos da Alexandria helenística celebravam o nascimento de Aion no dia 6 de janeiro, nascido da virgem Kore (associada a Perséfone/Gaia), simbolizando a renovação anual do tempo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 30/01/2026"



Com o tempo, a figura de Aion foi fundida com a de Cronos (titã) ou Saturno (romano). Nos mistérios mitraicos, Aion aparece como uma divindade com cabeça de leão, corpo enroscado por uma serpente, segurando chaves e um cetro, simbolizando o tempo cósmico e a eternidade. Romanos adotaram o conceito para representar a Aeternitas (eternidade) e a perenidade do Império, aparecendo em moedas com a Fênix.

Na filosofia (especialmente a releitura deleuziana), Aion é o tempo dos acontecimentos, onde passado e futuro se dividem ao infinito, restando apenas o momento incorporeal do sentido, em contraste com o presente "espesso" de Cronos. Aion surgiu como uma necessidade grega de representar a eternidade viva e o ciclo contínuo do universo, diferenciando-o da simples medição de horas e anos.



"Hoje o tempo voa, amor / Escorre pelas mãos / Mesmo sem se sentir".

Lulu Santos (tempos modernos)

O tempo passa. Passa de várias formas, a começar pelo giro da terra ao redor do sol, marcando os anos a cada trezentos e sessenta e cinco dias. Passa nos dias que passam, rápidos ou lentos, dependentes duma série de fatores que os encurtam ou alongam. A forma como concebemos, como conceituamos o tempo evolui também, mas nunca se esgota e não se torna

obsoleta em detrimento da próxima. Estejamos focados na passagem do tempo, na sabedoria da espera, do agir e na observação da natureza para vivermos o tempo dos homens com a essência do tempo de Deus. O tempo de Deus é diferente do nosso.

Até! Vejo Flores em você!

Betânia Pereira.

BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

**CAMINHO DO
ESCRITOR 2.0**



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

25



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários – SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.

**Quem conta um conto
aumenta um ponto**

Contos longos ou contos curtos? Qual melhor estilo escolher para narrar minhas histórias? Como o conto vai me ajudar a melhorar minha narrativa como escritor/escritora? Para sanar essas dúvidas e colocar luz no caminho do escritor, iremos falar sobre o conto longo nessa edição e o papel dele na construção de sua caixinha de criatividade.

O ditado é antigo, mas na nossa profissão temos que manter o conto do jeito ao qual ele foi concebido. Mas podemos utilizar esse

ponto a mais para nós autores como um ponto de criatividade a mais. Uma forma de experimentar novas possibilidades narrativas e explorar novos personagens. Se você como autor já adotou os microcontos como uma forma de exercitar sua criatividade, o conto longo é o próximo degrau para seu estudo crescente sobre os caminhos da criatividade para o autor. Mas afinal, o que é um conto? Vamos destrinchar suas características e nos apropriar de suas nuances em prol do crescimento criativo literário.



IMAGEM GERADA POR IA usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026

De forma breve, o que é o gênero literário conto?

O conto é um gênero literário narrativo em prosa, caracterizado principalmente por sua brevidade. Ele apresenta uma história curta, com poucos personagens, um único conflito central e um desfecho que costuma ser impactante,

surpreendente ou reflexivo.

Diferente do romance ou da novela, o conto não se preocupa em desenvolver longamente o tempo, o espaço ou a psicologia dos personagens. Tudo é mais concentrado e essencial.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026"

Um pouco da origem e história do conto

O conto surgiu da tradição oral, muito antes da escrita. As pessoas contavam histórias para transmitir ensinamentos, valores culturais e experiências de vida.

- Antiguidade: mitos, fábulas e lendas já tinham estrutura semelhante ao conto.
- Idade Média: histórias curtas circulavam oralmente e por escritos populares.
- Século XIX: o conto se consolida como gênero literário com autores como:
 - Edgar Allan Poe (EUA)
 - Guy de Maupassant (França)
 - Anton Tchekhov (Rússia)

No Brasil, destacam-se:

- Machado de Assis
- Lygia Fagundes Telles
- Clarice Lispector
- Rubem Fonseca

Mas como novos autores brasileiros surgem todos os anos nos surpreendendo, não podemos deixar de comentar sobre os con-

tos de autores contemporâneos brasileiros. Que têm se destacado pela diversidade de vozes, temas e estilos, refletindo de forma intensa a complexidade do Brasil atual. Diferente do conto mais tradicional, muitos escritores contemporâneos exploram narrativas curtas com linguagem direta, fragmentada ou poética, priorizando o impacto emocional e a reflexão de situações atuais e conflitos do cotidiano da população.

Principais características

- Temas cotidianos e sociais: relações familiares, desigualdade, identidade, racismo, gênero, solidão urbana, memória e pertencimento.
- Linguagem experimental: mistura de oralidade, regionalismos, humor ácido e lirismo.
- Personagens comuns: pessoas anônimas, muitas vezes à margem, cujas histórias revelam tensões profundas.

Características principais do conto

- Brevidade (Não podemos nos alongar na história, nem se aprofundar nos personagens);
- Poucos personagens (dessa forma podemos desenvolver a narrativa de forma curta);
- Tempo e espaço reduzidos (um recorte de tempo e espaço que cause impacto no leitor);
- Um conflito central (que irá envolver a narrativa do começo ao fim);
- Linguagem objetiva (para impactar);
- Final significativo (aberto ou fechado).

Como se escreve um conto

Escolha uma ideia central, que gire em torno de um único conflito ou uma única situação. Podemos utilizar como exemplo um encontro inesperado, uma decisão que precisa ser tomada para uma ação imediata, um grande segredo revelado que guiará o rumo da história ou um acontecimento que pode surpreender a todos.

Para cativar na história você precisará de poucos personagens, geralmente de um a três personagens no máximo já serão suficientes para desenvolver sua história. Pode ser utilizado mais personagens, mas sempre tome o cuidado de não perder a brevidade da narrativa.

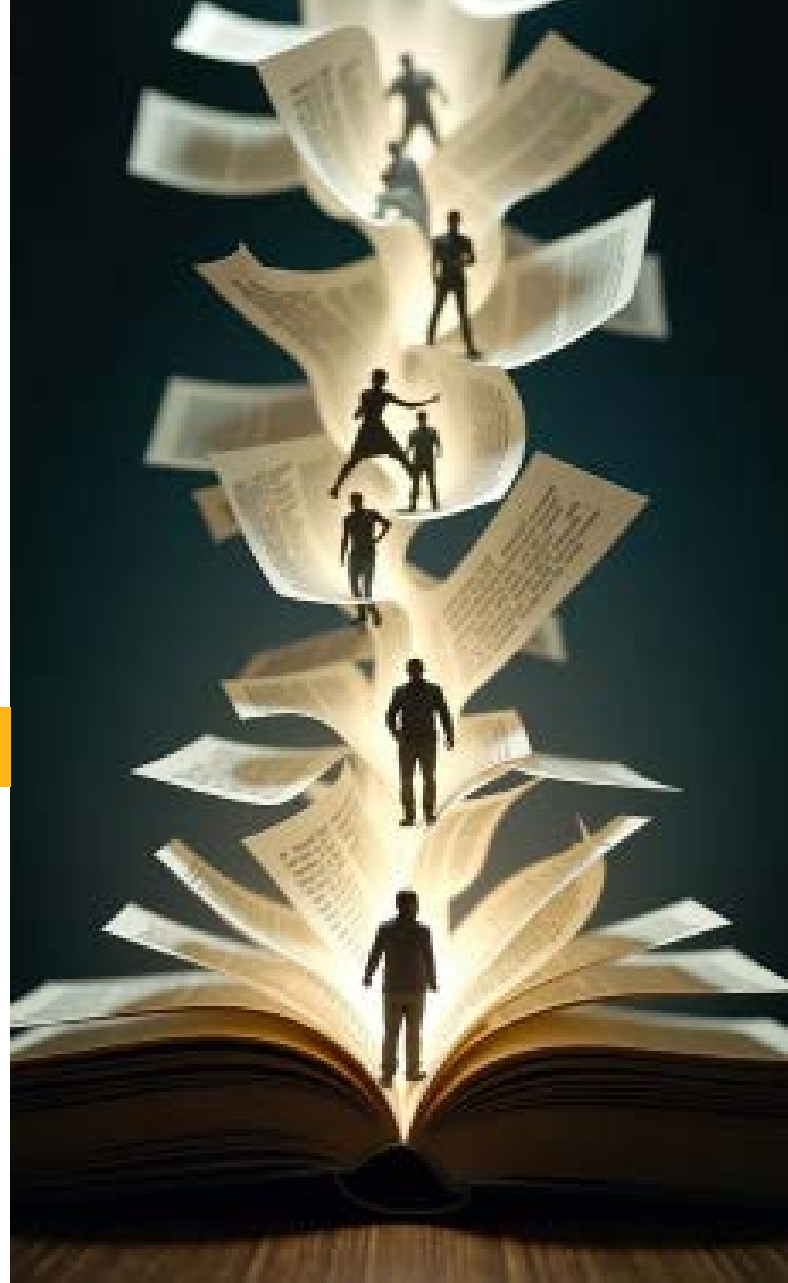


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026"

Será necessário definir um narrador, que poderá ser em primeira pessoa ou em terceira pessoa para permitir que sua história caminhe adequadamente.

O conflito deve ser construído de forma que se desenrole rapidamente, ele aparece cedo na trama e se desenvolve de forma direta. Afinal o conto não pode enrolar.

E para o desfecho final você autor poderá deixar o final aberto ou fechado surpreendendo o leitor.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026"

Dicas para quem vai escrever um conto

- Comece já com algo que chame a atenção. Algo que fisgue a atenção do leitor igual fazemos com a construção do microconto.
- Corte tudo o que não for essencial. Elimine tudo o que for deixar seu texto lento e descritivo demais.
- Mostre mais do que explique.
- Use descrições breves, mas significativas para o seu leitor.
- Revise o texto. O conto melhora muito na revisão e nos cortes de gordura do texto)
- Leia contos de autores consagrados para aprender estrutura e se surpreender com os inícios e desfechos impactantes.

O que NÃO fazer ao escrever um conto

- Criar muitos personagens;
- Tentar contar várias histórias ao mesmo tempo;
- Descrever excessivamente cenários e pensamentos;
- Explicar demais o que o leitor pode interpretar;
- Transformar o conto em um “romance resumido”;
- Terminar sem um propósito claro.

Resumindo

O conto exige precisão, escolha cuidadosa das palavras e foco absoluto no essencial da história. São essas características que vão permitir que você autor aguçe sua criatividade.

O conto é uma forma poderosa de leitura rápida, porém profunda. Ele dialoga muito bem com o ritmo atual, sem perder densidade literária, e tem sido amplamente publicado em livros, revistas literárias e meios digitais.

O conto contemporâneo bra-



Imagem de Galvanon por Freepik

Utilizando microcontos, como vimos na matéria anterior, e contos longos, você poderá experimentar novas histórias e testar a curiosidade de seus leitores sobre determinados assuntos. Fazendo assim, com que o conto, mostre as métricas que seus leitores mais desejam ver em suas histórias. E moldando suas narrativas e personagens para atingir um maior número de leitores.

Para ajudar vou deixar abaixo alguns contos da literatura brasileira de autores consagrados e autores contemporâneos, para vocês utilizarem como base de pesquisa do estilo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026"

Machado de Assis - Ótimos para estudar ironia, psicologia e crítica social.

- "O Espelho"
- "A Cartomante"
- "Missa do Galo"
- "Teoria do Medalhão"
- "Pai contra Mãe"

Observe: narrador, ironia sutil e finais reflexivos.

Clarice Lispector - Indicados para contos introspectivos e subjetivos.

- "Amor"
- "Felicidade Clandestina"

- "A Imitação da Rosa"
- "Restos do Carnaval"
- "Laços de Família"

Observe: fluxo de pensamento, linguagem sensorial e conflitos internos.

Rubem Fonseca - Contos diretos, urbanos e intensos.

- "Feliz Ano Novo"
- "Passeio Noturno"
- "O Cobrador"

Observe: linguagem objetiva e violência simbólica.

Autores contemporâneos

• **Conceição Evaristo** – Seus contos trabalham a "escrevivência", trazendo experiências de mulheres negras, memória e ancestralidade, com forte carga poética e política.

- "Olhos d'água"
- "Maria"
- "Zaita esqueceu de guardar os brinquedos"

• **Marcelino Freire** – Conhecido por contos curtos, intensos e provocativos, com linguagem oral e temas sociais contundentes.

- "Muribeca"
- "Belinha"
- "Da paz"

• **Carolina Maria de Jesus** (lida hoje também como contemporânea pela atualidade de sua voz) – Seus textos curtos e diretos continuam dialogando fortemente com o Brasil de hoje.

- "Onde Estais Felicidade"
- "Pedaços da fome"
- "O Sócrates africano"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 02/02/2026"

Alguns contos e coletâneas em que participei e publiquei de forma independente.

• "Verdades"- Romance Adulto. - publicação Independente.

• "Ruína da Alma"- Terror, suspense e Lendas Urbanas. - publicação Independente.

• "Nem te Conto"- Coletânea de contos de terror, romance, ficção e suspense lançados em

conjunto com o autor Josenilson Oliveira pela editora Itapuca.

• "Memórias Natalinas"- Coletânea de contos de Natal de suspense, terror, comédia, romance e ficção-científica.

O conto é a arte de dizer muito com poucas palavras.

Nos encontraremos na próxima edição para falarmos sobre o poder das novelas, ou noveletas na vida criativa do autor.

Aguardo vocês!

LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



LILIAN STOCCO

OLUNAS E COLUNISTAS

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE





24



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

Gêngis Khan O Filho do Lobo Azul



IMAGEM GERADA POR IA "sob a direção de Ladylene Aparecida, Criada em 30/01/2026"

Olá, querido leitor!

Nesta edição, trago a história de um dos maiores líderes e estrategistas de guerra que a humanidade já produziu: Gêngis Khan.

Para muitos, ele foi um guerreiro sanguinário, sedento por poder.

Para outros, um líder nato, um herói — quase um deus vivo.

Na minha humilde opinião, as consequências de sua vida o levaram exatamente até onde chegou.

Os inimigos de sua família ajudaram a criar o “monstro” que, mais tarde, o mundo teria de enfrentar.

Então, sem mais delongas, pegue sua bebida favorita, aconchegue-se e boa leitura.

Gêngis Khan: O Menino Ferido que Aprendeu a Governar com a Lâmina

*Há homens que nascem para o mundo.
Temüjin, porém, nasceu para o vento.*

Nas estepes geladas da Mongólia, por volta de 1162, um recém-nascido veio ao mundo agarrando um coágulo de sangue na mão — como se já soubesse que a vida não lhe daria trégua.

Era o anúncio. O aviso. O presságio de que aquele bebê não caminharia entre os homens, mas acima deles.

Filho de Yesügei, chefe de clã, Temüjin deveria crescer cercado de prestígio.

Mas o destino é um arteção cruel.

Quando tinha entre oito e nove anos, seu pai foi en-

venenado por tártaros após negociar o casamento do filho com Börte, sua futura esposa.

A morte de Yesügei não levou apenas a figura paterna — arrancou o status político de toda a família.

No código tribal das estepes, uma família sem líder masculino não valia nada.

O clã Tayichi'ud, que deveria proteger Höelün e seus filhos, os deserdou sem hesitar.

A mensagem era simples e brutal:

“Não temos recursos para carregar pesos mortos.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Temüjin aprendeu ali, ainda criança, que poder é o único seguro de vida na estepe.

Sozinha, Höelün fez o que mães fazem desde que o mundo é mundo: sustentou a família com a própria espinha.

Caçou, pescou, arrancou raízes congeladas da terra como quem arranca a própria dignidade — e ainda assim manteve a cabeça erigida.

Foi ela quem ensinou os filhos a quebrarem o gelo dos rios, a suportar a fome, o frio e as humilhações constantes impostas pelos clãs mais fortes.

Não houve infância — apenas um treinamento involuntário para suportar a crueldade humana.

E assim Temüjin aprendeu sobre lealdade, traição, leitura do comportamento humano e, acima de tudo, resiliência.



IMAGEM GERADA POR IA usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026



IMAGEM GERADA POR IA usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026

É curioso perceber que o maior conquistador da história aprendeu a sobreviver não com guerreiros, mas com uma mulher faminta enfrentando a tundra de mãos vazias.

Nenhum ensino supera isso.

A juventude de Temüjin também foi marcada por conflitos internos.

Seu meio-irmão mais velho, Behter, tentava impor autoridade, competindo por comida, poder e atenção materna.

Em determinado momento, Temüjin matou Behter.

Um fratricídio silencioso, frio, sem testemunhas heroicas.

Segundo as fontes históricas, ele acreditava que o irmão ameaçava a sobrevivência da família, monopolizando recursos e desafiando sua liderança.

Ninguém o puniu.

A mãe apenas chorou.

Por volta dos quatorze anos, Temüjin foi capturado pelos Tayi-chi'ud — aqueles que antes o haviam abandonado.

Foi mantido preso com um colar de madeira no pescoço, símbolo máximo de submissão.

Exibido como escravo.

Chamado de lixo. De órfão inútil.

Mas o vento ainda não havia terminado com ele.

Numa noite silenciosa, Temüjin observou.

Percebeu que até os carcereiros se cansam, que até os algozes erram.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Com a ajuda de um homem simples, que enxergou no garoto algo que os outros não viam, ele fugiu.

Não correu em desespero.

Desapareceu.

A estepe o engoliu como uma mãe que esconde o filho ferido do mundo.

Livre, mas marcado, Temüjin voltou diferente.

Compreendeu que o poder não está apenas na força, mas na capacidade de fazer pessoas acreditarem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Reencontrou Börte e se casou.

Por um breve momento, conheceu algo parecido com paz — até que ela foi raptada por uma tribo rival.

Para resgatá-la, Temüjin fez o impensável: pediu ajuda.

Ali nasceu sua primeira aliança verdadeira, baseada não em sangue, mas em propósito.

Foi nesse momento que deixou de ser apenas um sobrevivente.

Tornou-se líder.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Ele não escolhia homens pela linhagem, mas pela competência.

Não premiava nomes, premiava lealdade.

E isso, nas estepes, era revolucionário.

Pouco a pouco, tribo por tribo, Temüjin reuniu fragmentos de um povo acostumado a se devorar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Onde antes havia clãs, surgiu uma identidade.

Em 1206, diante de um grande conselho tribal, Temüjin foi proclamado Gêngis Khan — *O Governante Universal*.

Não era apenas um título.

Era um aviso ao mundo.

Sob sua liderança, o império mongol se expandiu como fogo em capim seco.

Mas Gêngis Khan não governava apenas pela destruição.

Criou a Yassa, um código de leis severo, porém igual para todos.

Protegeu as rotas da Seda.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI,sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



Garantiu tolerância religiosa numa época em que deuses ainda justificavam massacres.

Sim, houve sangue.

Sim, houve ruínas.

Mas também houve ordem onde antes só existia caos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI,sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

O Ocidente o chamou de bárbaro porque não compreendeu sua lógica.

É mais fácil demonizar aquilo que não se encaixa nos próprios valores.

Gêngis Khan não se via como tirano.

Via-se como instrumento — o braço humano da vontade de Tengri, o Céu Azul Eterno.

Em 1227, durante uma campanha militar, Gêngis Khan morreu.

Ou, ao menos, foi o que disseram.

Não houve túmulo.

Não houve funeral público.

Não houve corpo.



Seu enterro foi mantido em segredo absoluto, e sua sepultura jamais foi encontrada.

Os xamãs contam outra versão.

Dizem que Gêngis Khan não morreu.

Apenas desmontou do cavalo terreno e retornou ao Céu Azul de onde sempre pertenceu.

Seu império tornou-se o

maior território contínuo da história humana.

Mas seu maior legado não foi territorial.

Foi provar que a ordem pode nascer do caos.

Que um menino ferido pode se tornar governante.

E que a História, escrita por vencedores e sobreviventes assustados, nem sempre é justa.

Gêngis Khan não foi um herói perfeito.

Mas também não foi o demônio que pintaram.

Ele foi o reflexo brutal do mundo que o criou.

E talvez a pergunta correta não seja “como ele foi tão cruel?”, mas sim: **que mundo foi cruel o bastante para criá-lo?**



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

LADYLENE APARECIDA

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poesia



Poëzie



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Поэзия



Poesía



Poesia



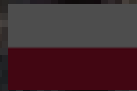
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poesia



Poetry



Poesía



رعرشلا



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, professora da Rede Estadual de Ensino, professora da rede estadual, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública e ocupa atualmente a vice-presidência da Academia Tauaense de Letras (ATL). Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar*, também é co-autora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional *The Bard*, compartilha sua escrita sensível e profunda por meio de seu perfil literário – um espaço dedicado a cultivar poesia, provocar reflexões e ressignificar sentimentos através da palavra.

Querido(a)s leitores e leitoras, poetas e poetisas da Revista *The Bard*, apresento-lhes a 36ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas.

A Coluna Poetas e Poetisas nasce do encontro entre a sensibilidade e a palavra. Vozes de diferentes tempos e lugares se entrelaçam em um diálogo poético que flui com liberdade. Cada poema é como uma janela aberta para o íntimo de quem escreve, revelando fragmentos de alma cuidadosamente moldados em palavras.

Em cada linha habita uma história, um sopro de vida, um instante de alegria ou de contemplação. E a nós, leitores, cabe o privilégio de percorrer esses versos e mergulhar na experiência rara e delicada de simplesmente sentir.

Aos poetas e poetisas desta edição, minha gratidão pela sensível participação! E aos distinto(a)s leitoras/es da Coluna Poetas e Poetisas da Revista *The Bard*, desejo uma experiência repleta de sensações e aprendizado.

Abraços poéticos!

Edna Lessa

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)



MULHER, UMA FORÇA INDOMÁVEL

Há uma mulher que caminha no tempo
com passos revestidos de coragem.

Carrega no olhar memórias,
e no peito, tempestades
que aprendeu a atravessar.

Muitas vezes tentaram silenciar sua voz,
limitar seus sonhos,
aprisionar seus passos.

Mas esta mulher é imparável.
Ela é feita de uma matéria única,
de uma estrutura que não se quebra.

Ela é fogo silencioso que avança,
ardendo no centro da própria existência.

E as cicatrizes que o mundo não vê
são marcas vivas de quem escolheu sobreviver.

Ela é resistência.

Mas é no amor que encontra sua maior força.

Mesmo quando o coração sangra,
ela continua abrindo caminhos.

Porque nenhuma violência
é maior do que a coragem
de uma mulher que decidiu existir inteira.

E assim, em qualquer tempo, ela renasce.

Levanta, respira, segue.

E quando caminha,
não carrega apenas a si mesma.
Carrega as que vieram antes.

E ilumina o caminho
para todas as que virão depois.

Porque quando uma mulher se levanta,
a história inteira aprende
um novo jeito de renascer.

COLUNISTA EDNA LESSA



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE





MARCOS FERNANDES

Cidade: Paço do Lumiar
Estado: Maranhão
País: Brasil

O PARADOXO DO VENENO

A poesia é o veneno
Que me mata
E o antídoto
Que me salva.

INSTAGRAM



POST NO SITE





RILNETE MELO

Cidade: Pindaré Mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil



NO RELÓGIO DOS MEUS OLHOS

o tempo corre descalço
na terra insurgente
e gira cambaleante
nas urgências das horas,
e na geografia do silêncio
minhas retinas poéticas
percorrem frestas do caos
feito ponteiros gritando
a efemeridade da vida,
que ousou transmutar
em palavras
para carregar
existência no pulso
e no olhar

INSTAGRAM



POST NO SITE





MARIA LÚCIA

Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil



TEMPO

O tempo, mestre sutil,
nos ensina a desaprender:
a soltar o que oprime,
a deixar ir o que não sabemos compreender.

Desaprender as certezas absolutas
que endurecem a alma e o olhar;
desaprender os medos infundados
e as regras que nos ensinam a apertar.

O tempo nos ensina a esquecer,
não por indiferença ou dor,
mas para abrir espaço
a um novo amor, a um novo sabor.

Desaprender as histórias que contamos
sobre um passado que já não é;
libertar-nos da ilusão
de que o futuro nos deve algo que não vem.

Ele nos ensina a soltar as amarras,
a confiar no fluxo, no movimento,
a acolher o imperfeito, o passageiro,
e a habitar o presente
esse eterno momento.

O tempo nos ensina a desaprender
para reaprender e, quem sabe,
sermos mais leves, mais livres,
mais nós.

INSTAGRAM



POST NO SITE





ARELY SOARES

Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil



LUA

Escondi-me
Profusas noites
Abdiquei de ser lua
Luminária
Vista rebuçada
Ainda que com desejo
De ser acesa,
Fugi da noite
Mas de claras pernoites,
Que existo,
Sobrevivo!
Adormeci
Para um estado
Minguante
Lua em quarto
Trancado me fiz.
Decadência
No céu
Cá
Sabe lá
Quem mirou olhar

E me distinguiu.
Tentando ser
Valor noturno
Num escarcéu,
Pintada a pincel
Num mover
Incandescente
Lua nova
Me tornei,
Rodeando as trevas
Fulgor
Contornei
Lua cheia
De Amor,
De Força
Veze um sonho
Inconsciente
Movi-me
Para viver de fases,
Sou Lua crescente!

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



QUANDO O CORAÇÃO SE TORNA INSTRUMENTO

Havia um tempo em que meus olhos eram faróis
que guiavam navios perdidos em tempestades,
quando minhas mãos teciam abrigos de ternura
e minha alma era fonte que nunca se esgotava.

Fui amado como se ama a ferramenta perfeita,
polida pelo uso constante do servir,
enquanto meu valor se media em sacrifícios
e minha essência se dissolvia no dar contínuo.

Ó amor que se veste de mercador astuto,
que pesa corações em balanças de interesse,
que transforma carícias em moedas de troca
e promessas em contratos de conveniência!

Quando minhas forças começaram a minguar,
quando não pude mais carregar mundos alheios,
vi partir aqueles que juravam eternidade
como sombras que fogem ao nascer do sol.

Descobri, na solidão que se seguiu,
que jamais fui amado por quem era,
mas pelo que podia oferecer em silêncio,
como vela que se consome para iluminar outros.

Hoje aprendo a amar-me sem propósito,
a encontrar valor na própria existência,
a ser jardim que floresce para si mesmo,
não apenas horta que alimenta famintos.

Que venha amor que não me pese na balança,
que me queira inteiro, mesmo imperfeito,
que veja em mim não ferramenta útil,
mas alma que merece ser amada pelo simples
fato de existir.

WOLFBIO



POST NO SITE





J. B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



SANTUÁRIO DOS SEGREDOS

Intimidade, ó palavra que sussurra baixinho
nos recantos mais sagrados da alma,
és tu quem desvenda véus invisíveis
e revela jardins secretos do coração.

Não és apenas encontro de corpos nus,
mas desnudamento completo da essência,
quando duas almas se reconhecem
na linguagem silenciosa dos olhares.

És o momento sublime em que as máscaras caem
como folhas de outono ao vento,
revelando a verdade crua e bela
que habita por trás das aparências.

Intimidade verdadeira nasce do tempo,
como vinho que envelhece em adegas escuras,
ganhando sabor e profundidade
através dos anos de confiança mútua.

És tu quem permite que eu seja frágil
sem temer o julgamento alheio,
que transformas vulnerabilidade em força
e solidão em comunhão sagrada.

Nos teus braços invisíveis, encontro
o porto seguro onde posso ancorar
meus medos mais profundos
e meus sonhos mais ousados.

Que sejas bendita, ó intimidade pura,
que ensinas que amar verdadeiramente
é conhecer por completo e ainda assim
escolher permanecer, abraçar, aceitar.

WOLFBIO



POST NO SITE



COLUNA

Dialética

23



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário – Argentina.

Entre Kant, Sartre, Einstein e Hawking: Chronos, Kairós e Aión como Expressões do Tempo no Espírito Humano



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/02/2026"

O tempo sempre foi menos uma medida e mais uma ferida aberta na consciência humana. Antes de ser contado, o tempo foi sentido; antes de ser explicado, foi temido; antes de ser dominado por fórmulas, foi elevado à condição de divindade. O homem não habita o tempo como quem ocupa um espaço neutro: ele é atravessado por ele, moldado por ele e, em última instância, condenado a compreendê-lo apenas parcialmente.

A história do pensamento pode ser lida como uma longa tentativa de reconciliar essa experiência íntima do tempo com sua estrutura ob-

jetiva, tentativa essa que atravessa a mitologia, a metafísica, a ciência e a filosofia existencial.

Na mitologia grega, **Chronos** representa o tempo que devora, linear, quantitativo, inexorável. É o tempo da sucessão, da causalidade, da erosão.

Já **Kairós** é o tempo da ocasião, do instante oportuno, da ruptura qualitativa na continuidade cronológica.

Aión, por sua vez, não é nem sucessão nem instante, mas duração plena, eternidade vivida, o tempo que não passa porque é.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026"

Essas três figuras não são apenas construções simbólicas antigas; elas permanecem operando, de maneira silenciosa, no espírito humano moderno, inclusive — e talvez sobretudo — em uma era em que se acredita ter reduzido o tempo a equações.

Immanuel Kant inaugura uma virada decisiva ao afirmar que o tempo não é uma propriedade das coisas em si, mas uma forma a priori da sensibilidade.

O tempo, para Kant, não está no mundo: está no sujeito. Ele é a condição de possibilidade da experiência, o quadro invisível no qual todos os fenômenos aparecem.

Nesse sentido, Chronos deixa de ser apenas um deus devorador e passa a ser uma estrutura transcendental. O homem não escapa do tempo porque não

há experiência fora dele; não há memória, expectativa ou percepção que não esteja temporalmente ordenada.

O tempo kantiano é absoluto não porque existe independentemente do sujeito, mas porque é inseparável da própria possibilidade de consciência.

Contudo, se Kant estrutura o tempo como condição universal da experiência, Jean-Paul Sartre radicaliza essa condição ao situá-la no coração da existência. Para Sartre, o tempo não é apenas forma; é projeto. O homem não está simplesmente no tempo — ele se temporaliza. O passado não é um bloco fixo, mas aquilo que o sujeito reassume; o futuro não é dado, mas constantemente projetado; o presente é uma fuga contínua entre aquilo que já não é e aquilo que ainda não é.

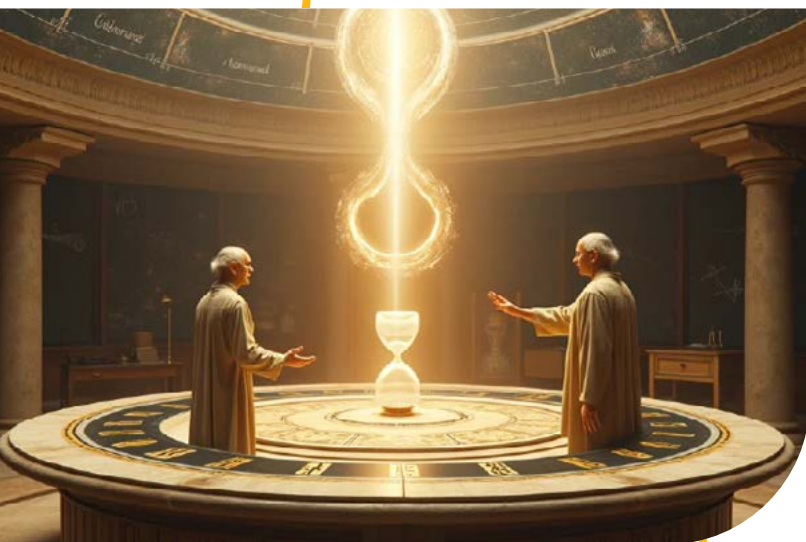


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026"

“

"A interseção entre a filosofia existencial e a física moderna revela que o tempo é uma construção complexa, onde a liberdade humana e a relatividade se encontram para desafiar a noção de um tempo absoluto e universal."

”

O tempo, assim, deixa de ser apenas Chronos e se aproxima de Kairós: o instante decisivo em que a liberdade se atualiza. Cada escolha humana cria uma inflexão temporal irreversível, fazendo do homem não apenas um ser no tempo, mas um ser responsável por seu tempo.

Essa dimensão existencial do tempo encontra um diálogo inesperado com a física moderna. Albert Einstein, ao reformular as noções de espaço e tempo na Teoria da Relatividade, desmonta a ideia de um tempo absoluto e universal. O tempo passa a depender do observador, da velocidade, do campo gravitacional.

O presente deixa de ser único; o simultâneo deixa de ser evidente. O que parecia uma abstração filosófica ganha corpo matemático: o tempo não é o mesmo para todos.

Stephen Hawking aprofunda essa ruptura ao explorar os limites do tempo no interior dos buracos negros e na origem do universo. Quando a física se aproxima do Big Bang, o próprio conceito de tempo começa a perder sentido, sugerindo que houve — ou há — regiões da realidade onde Chronos simplesmente não opera.

Carl Sagan, ao traduzir essas ideias para uma linguagem cósmica e poética, devolve ao tempo sua dimensão de espanto. Ao contemplar bilhões de anos condensados em um “calendário cósmico”, o tempo humano aparece como um instante microscópico, quase um acidente. Ainda assim, é nesse intervalo ínfimo que surgem consciência, linguagem, ética e memória.

Marcelo Gleiser segue essa trilha ao insistir que, embora a ciência descreva o tempo com precisão crescente, ela não esgota sua dimensão existencial. O tempo vivido — o tempo sentido — não se reduz às equações. Há sempre um excedente humano que escapa à descrição científica.

É nesse excedente que Aión reaparece. Não como eternidade metafísica distante, mas como experiência interior de sentido. Momentos em que o tempo parece suspenso — na arte, no amor, na contemplação, na dor profunda — revelam que o espírito humano não vive apenas sob o domínio de Chronos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026"

Há instantes que se expandem, memórias que se tornam presentes, experiências que resistem à passagem. Esses momentos não negam o tempo físico, mas o transfiguram. Eles indicam que o homem não é apenas um relógio biológico avançando para a morte, mas um ser capaz de habitar o tempo de maneira simbólica.

A tensão entre Chronos, Kairós e Aión atravessa toda a condição humana.

Vivemos sob o peso da finitude, conscientes de que o tempo nos consome, mas também somos capazes de interromper essa marcha através de escolhas, significados e narrativas. A ciência nos mostra que o tempo é relativo, curvo, talvez emergente; a filosofia nos lembra que ele é vivido, interpretado e sofrido; a mitologia insiste que ele tem rosto, vontade e poder. Nenhuma dessas abordagens é suficiente isoladamente.

Juntas, revelam que o tempo não é apenas um problema a ser resolvido, mas uma condição a ser assumida.

Assim, entre Kant e Sartre, entre Einstein e Hawking, entre Sagan e Gleiser, o tempo emerge não como inimigo nem como ilusão, mas como o campo onde o espírito humano se constitui. O homem é, ao mesmo tempo, devorado por Chronos, convocado por Kairós e atravessado por Aión.

Ele mede o tempo, mas também é medido por ele; tenta explicá-lo, mas é explicado por suas próprias escolhas temporais. No fim, talvez a maior sabedoria não esteja em dominar o tempo, mas em reconhecer que existir é aprender a habitá-lo — com lucidez, responsabilidade e assombro.

Se o tempo é a condição da experiência, como afirmava Kant, e a matéria-prima da liberdade, como insistia Sartre, ele também é o grande narrador silencioso da cultura. Cada sociedade conta o tempo de um modo distinto, e cada época produz suas próprias metáforas temporais.



IMAGEM GERADA POR IA usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026

Henri Bergson, ao distinguir o tempo mensurável da ciência da duração vivida da consciência, amplia essa fissura entre o relógio e a alma. Para Bergson, o tempo da física — homogêneo, divisível, espacializado — não captura o fluxo real da vida interior, que se dá como continuidade qualitativa. A duração bergsoniana se aproxima claramente de Aión: um tempo que não se mede, mas se sente, um tempo que não passa, mas se transforma.

Martin Heidegger radicaliza ainda mais essa intuição ao afirmar que o tempo não é algo que o ser humano possui,

mas aquilo que ele é. O Dasein é temporalidade. O passado não é um arquivo fechado, mas aquilo que nos constitui; o futuro não é previsão, mas possibilidade; o presente é o lugar da decisão.

Em Heidegger, Chronos perde sua neutralidade: o tempo é sempre tempo-para-a-morte. Essa consciência da finitude não paralisa; ela estrutura a autenticidade. Viver é escolher sob a pressão do tempo que se esgota. Aqui, Kairós ganha densidade ontológica: o instante não é um ponto matemático, mas a abertura onde o ser pode se apropriar de si mesmo.



IMAGEM GERADA POR IA usando GROK AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026

Essa angústia temporal atravessa também a psicanálise. Freud observa que o inconsciente é atemporal. Desejos, traumas e lembranças não obedecem à linearidade cronológica. No inconsciente, passado e presente coexistem, confirmando que Aión não é apenas um conceito metafísico, mas uma experiência psíquica cotidiana.

Jacques Lacan reforça essa ideia ao afirmar que o tempo lógico da subjetividade não coincide com o tempo do relógio. O sujeito se constitui em cortes, atrasos, antecipações. O tempo humano, portanto, é sempre rachado.

O cinema, talvez mais do que qualquer outra arte, tornou visível essa complexidade. Filmes como 2001: Uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick, transformam o tempo em personagem, dilatando-o até o limite da contemplação cósmica. Blade Runner, inspirado em Philip K. Dick, coloca a questão do tempo no centro da identidade: o que é ser humano quando a memória pode ser implantada e o tempo de vida programado? Em Interestelar, o tempo deixa de ser apenas pano de fundo narrativo e se torna força dramática central, dobrando-se sob a gravidade, separando pais e filhos, transformando segundos em décadas. Ali, a fórmula relativística deixa de ser abstração e se converte em tragédia afetiva.

Na relatividade geral, o tempo também se curva sob a influência da gravidade, conforme descrito pela equação do tempo gravita-

cional aproximado:

Se o tempo é a condição da experiência, como afirmava Kant, e a matéria-prima da liberdade, como insistia Sartre, ele também é o grande narrador silencioso da cultura.

Essa angústia temporal atravessa psicanálise. Freud observa que o inconsciente é atemporal. Desejos, traumas e lembranças não obedecem à linearidade cronológica. No inconsciente, passado e presente coexistem, confirmando que Aión não é apenas um conceito metafísico, mas uma experiência psíquica cotidiana.

Quanto mais intenso o campo gravitacional, mais lentamente o tempo passa.

Essa ideia, explorada por Hawking, sugere que o tempo é sensível à estrutura do universo. Ele não apenas flui — ele responde. Em buracos negros, o tempo se aproxima do colapso conceitual. No Big Bang, ele parece emergir junto com o próprio espaço, levantando a hipótese inquietante de que perguntar “o que havia antes” pode não fazer sentido.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/02/2026*

Essa indeterminação ecoa na filosofia contemporânea. Gilles Deleuze resgata Aión como tempo puro do acontecimento, distinto de Chronos. Para Deleuze, o acontecimento não pertence nem ao passado nem ao futuro: ele insiste, ressoa, se repete de forma diferente. O tempo deixa de ser linha e se torna superfície. Essa concepção dialoga com a experiência moderna de fragmentação temporal, onde múltiplos tempos coexistem — o tempo acelerado da técnica, o tempo lento do corpo, o tempo suspenso da arte.

A literatura também testemunha essa tensão. Marcel Proust transforma a memória involuntária em máquina do tempo subjetiva, mostrando que o passado não está atrás, mas dentro. Jorge Luis Borges imagina labirintos temporais, bifurcações infinitas, eternos retornos que desafiam a linearidade. Em Borges, Chronos é constantemente enganado por Aión. O tempo não é sequência, mas estrutura narrativa.

Mesmo a cultura popular intui essas questões. Filmes como Feitiço do Tempo, Donnie Darko ou A Chegada exploram loops temporais, paradoxos e linguagens não lineares para falar, no fundo, da mesma angústia: o desejo humano de compreender o tempo para não ser esmagado por ele. O paradoxo não é científico apenas; é existencial.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026"

Sartre retorna aqui com força: o homem está condenado à liberdade, e essa condenação se dá no tempo. Cada escolha fecha possibilidades, transforma o futuro em passado, fixa o irreversível. O peso do tempo é o peso da responsabilidade. Mas também é sua grandeza. Sem tempo, não há projeto; sem projeto, não há sentido.

Ao reunir Kant, Sartre,

Bergson, Heidegger, Einstein, Hawking, Sagan e Gleiser, percebe-se que o tempo não é um problema com solução única. Ele é um campo de tensão permanente entre medida e significado, entre cálculo e vivência, entre finitude e transcendência. Chronos organiza o mundo, Kairós abre fendas de decisão, Aión sustenta a continuidade simbólica da experiência.

O espírito humano é, assim, um campo temporal em conflito. Ele carrega relógios e mitos, equações e memórias, calendários e saudades. Vive preso à irreversibilidade física da entropia — expressa na segunda lei da termodinâmica — e, ao mesmo tempo, cria narrativas que desafiam essa flecha do tempo. Amar, lembrar, criar e pensar são formas de resistência simbólica à dissolução.

Talvez, no fim, o tempo não seja algo que se compreenda plenamente, mas algo que se honra. Não como divindade temida, mas como condição trágica e bela da existência. Habitar o tempo com consciência é aceitar que somos passageiros, mas passageiros

que deixam marcas. E é nessa marca — breve, frágil e intensa — que o humano se inscreve no universo.

Quanto mais intenso o campo gravitacional, mais lentamente o tempo passa.

Essa ideia, explorada por Hawking, sugere que o tempo é sensível à estrutura do universo. Ele não apenas flui — ele responde. Em buracos negros, o tempo se aproxima do colapso conceitual. No Big Bang, ele parece emergir junto com o próprio espaço, levantando a hipótese inquietante de que perguntar “o que havia antes” pode não fazer sentido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/02/2026"

Clayton Alexandre Zocarato

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Angela Daneluci



Professora e membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras. Escritora, colunista e poeta, é especialista em Matemática pela UNICAMP e possui licenciatura em Matemática, Ciências, Química, Física e Pedagogia. É autora independente dos livros *Poetize-se: Literatura Poética Escrita por uma Mulher* (2024) e *Meus Contos Que Conto* (2025) e coautora de *Florilégio do Brasil XVIII* e *Eu Brilho com as Estrelas* (2024). Atua na promoção da leitura, da literatura e da cultura no interior do Estado de São Paulo.

GRACILIANO RAMOS

A Força da Palavra Essencial

*“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso;
a palavra foi feita para dizer.”*

Graciliano Ramos

Iniciar esta edição da Coluna Grandes Autores falando de Graciliano Ramos é reconhecer a potência da palavra quando ela se torna essencial. Poucos escritores brasileiros trabalharam a linguagem com tamanha precisão, economia e densidade humana. Em sua obra, nada sobra, nada se perde: cada frase carrega silêncio, tensão e verdade.

É a partir desse lugar de atenção ao humano — ao que se diz e ao que se cala — que convido o leitor a revisitar Graciliano Ramos. Não como autor distante do passado, mas como uma voz literária que permanece atual, revelando com rigor e sobriedade as condições mais profundas da existência humana.

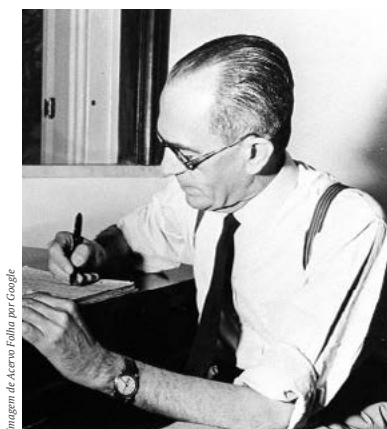


Imagem de Acesso Faltou por Google

A proposta desta coluna é ir além dos rótulos, compreender o autor em seu tempo e reconhecer por que, décadas após sua morte, suas palavras seguem vivas, atuais e necessárias. Graciliano escreveu com atenção extrema ao mundo que o cercava — e é nessa aten-

ção que reside a força duradoura de sua literatura.

Seja bem-vindo à Coluna Grandes Autores. Aqui, a literatura permanece.

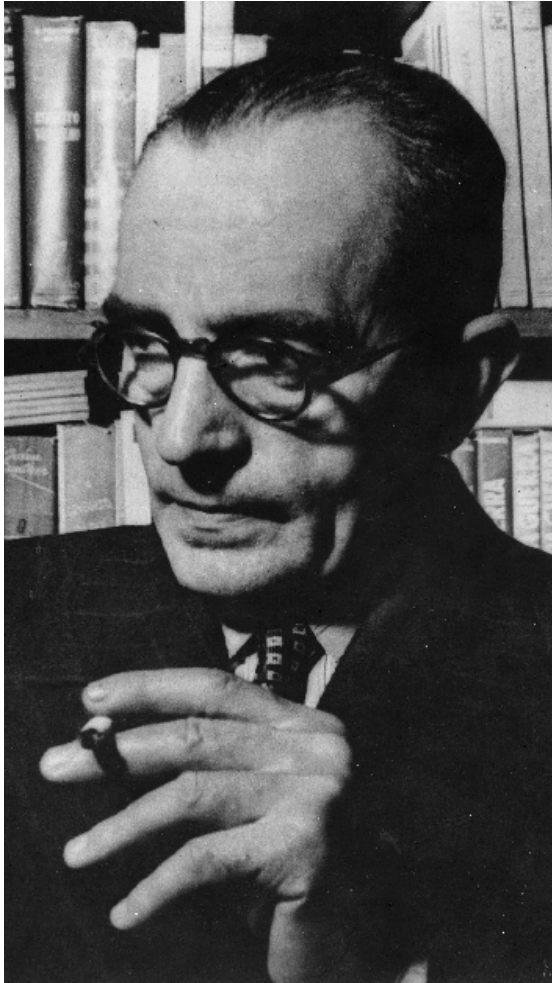


Imagem de Grupo Editorial Record por Google

I. Entre o Silêncio e a Essência

Graciliano Ramos é o escritor do essencial. Sua literatura nasce da recusa ao excesso, da contenção consciente e da crença de que a palavra só deve existir quando carrega sentido. Em um Brasil marcado por desigualdades, aridez e conflitos sociais, ele construiu uma obra seca na forma, mas profundamente humana no conteúdo.

Seus personagens falam pouco, sofrem muito e carregam o peso da existência com dignidade silenciosa. Ler Graciliano é aceitar o desconforto da verdade dita sem adornos.

II. A Biografia de um Escritor Inflexível

Graciliano Ramos nasceu em 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo, Alagoas. Viveu a infância no sertão nordestino, experiência que marcaria definitivamente sua visão de mundo e sua literatura. Autodidata, trabalhou como jornalista, comerciante, professor e, mais tarde, tornou-se prefeito de Palmeira dos Índios — cargo que exerceu com rigor ético e administrativa exemplaridade.

Em 1936, foi preso durante o Estado Novo, sem acusação formal, experiência que mais tarde daria origem a *Memórias do Cárcere*. Faleceu em 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro, deixando uma obra enxuta, porém monumental.

III. Literatura, Ética e Rigor

Graciliano acreditava que escrever era um exercício de responsabilidade. Sua linguagem é marcada pela precisão vocabular, pelo ritmo seco e pela recusa ao sentimentalismo. Não há idealização do sertão nem romantização da miséria — há observação, lucidez e humanidade.

Sua escrita transforma o regional em universal, fazendo do sertão um espaço simbólico das tensões humanas.

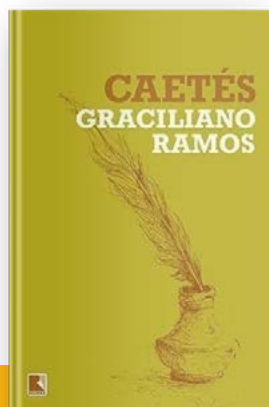
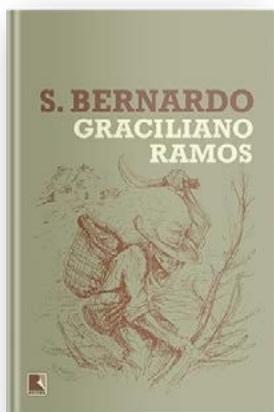


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI", sob a direção de J.B. Wolf, Criada em 09/02/2026

IV. Obras Principais – Datas e Leituras

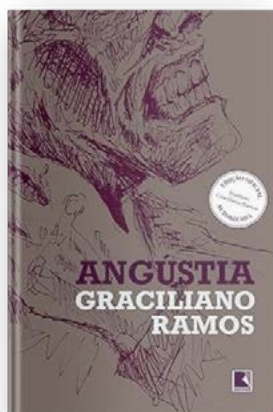
1. Caetés (1933)

Romance de estreia que já antecipa o olhar crítico do autor. A narrativa aborda a vida provinciana e a mediocridade intelectual, revelando personagens presos à própria inércia. Embora menos conhecido, o livro inaugura o estilo contido e analítico de Graciliano.



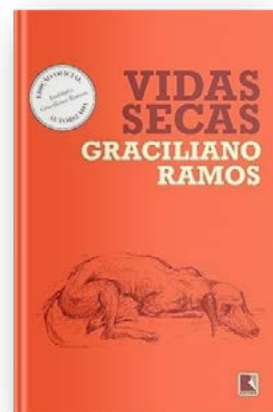
2. São Bernardo (1934)

Narrado por Paulo Honório, um homem rude e autoritário, o romance analisa a obsessão pelo poder e pela posse. A escrita direta reflete a brutalidade do narrador, enquanto o livro expõe a falência emocional de quem transforma tudo em domínio.



3. Angústia (1936)

Talvez o romance mais psicológico de Graciliano. A obra acompanha o fluxo de consciência de Luís da Silva, um homem esmagado pela frustração e pelo ressentimento. O texto é denso, introspectivo e perturbador, revelando os limites da mente humana.



4. Vidas Secas (1938)

Sua obra mais conhecida e mais estudada. Acompanhamos a trajetória de uma família de retirantes pelo sertão nordestino. Com linguagem enxuta e estrutura fragmentada, o romance revela a luta pela sobrevivência, a desumanização imposta pela miséria e a resistência



Imagem de PGL por Google

5. Infância (1945)

Livro autobiográfico em que o autor revisita a infância com olhar crítico e sensível. A obra revela a formação do sujeito, marcada por autoritarismo, medo e aprendizado, compondo um retrato íntimo e honesto do escritor.



Memórias do Cárcere (1953 – póstumo)

Relato impactante da prisão política vivida por Graciliano. O livro não busca vingança nem autopiedade, mas registra com sobriedade as experiências humanas no cárcere, reafirmando sua postura ética e literária.

V. Graciliano Ramos e a Literatura Brasileira

Graciliano Ramos ocupa lugar central no modernismo brasileiro de segunda geração. Sua obra é estudada no Brasil e no exterior, traduzida para diversos idiomas e constantemente revisitadas por críticos e leitores.

Ele ensinou que escrever é cortar excessos, ouvir o silêncio e respeitar a inteligência do leitor.

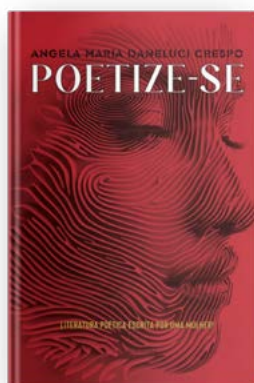
VI. Conclusão: A Permanência da Palavra Essencial

Graciliano Ramos permanece porque escreveu com verdade. Sua literatura não busca agradar, mas compreender. Em tempos de ruído e excesso, sua obra nos lembra que a palavra, quando essencial, atravessa gerações.

Lê-lo hoje é um exercício de escuta, de atenção e de humanidade. É reconhecer que, mesmo nas paisagens mais áridas, a literatura pode ser um gesto de permanência.

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

ANGELA DELANUCI

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

TIKTOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS



14



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia Grades de liberdade (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil Poesia – o lugar encantado das crianças (Editora Asinha) e haicais Bucólicos (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto Korja Sacrílega, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias).

Tempo de viver

Por Márcia Neves

Sei.
Não sei.
Sei não.
Se me perguntas o que é o tempo,
E eu te pergunto o que é a vida,
Ficaremos, tu e eu
À procura de uma resposta
Enquanto contamos um ao outro
O que temos feito da vida
Até o tempo presente.
Ficaremos, nós,
A contar gotas no oceano
De chuvas passadas.
É possível
Que nas razões do pensamento,
Creditemos o tempo de nossas experiências.
Nem uma só, sequer, apaziguará o tempo
O tempo desconhecido da esperança.
Sei não.

Ficaremos,
Ficaremos nós
Com o tempo do futuro
Adiantado no tempo
No tempo das virtudes,
Sei lá!
Se houver esperança.
Confiança.
Há tempo de viver
Nas perguntas.
Sei.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART.AI, sob a direção de Arelty Soares Reis, Criada em 01/02/2026*



Queridos leitores

A Coluna Nossa Literatura - virtudes poéticas agradece mais uma vez por seguirmos juntos, agora, pela segunda edição de 2026, alcançando o 36º título da revista.

No processo vital e abundante no ciclo da vida há uma conexão temporal que parece se esgotar diante da fugacidade, não só do próprio tempo, mas também, da rotina que leva cada um de nós. Aproveitar o tempo diante de nossa realidade, parece, por vezes, mais utópico do que vivaz, visto que cada um vive e se apercebe dentro do próprio espaço

de tempo, o qual é, além de peculiar, incomparável.

Com base nisso, convido vocês a uma reflexão acerca do que temos feito, do que estamos fazendo com o tempo que há para viver, ou se nem ao menos estamos percebendo ou preocupados com a imprecisão do impalpável, diante o controle do tempo que acreditamos possuir, e como a literatura participa desse processo.

Mais uma vez, a Revista The Bard nos coloca diante de um tema atemporal, de altíssima

relevância, que tem tomado uma posição vilã mediante a cultura da produtividade na qual somos inseridos diariamente com bastante complexidade.

Mais do que cair nas amarras do tempo, parece interessante entendermos como o tempo se manifesta a partir de nossas escolhas, e o quanto, conscientemente, vivemos à sua margem, independente do real ou da própria ficção.

Então, não percamos mais tempo!

A ler!



"A literatura revela que o tempo é um elemento multifacetado que transcende a cronologia, tornando-se um recurso fundamental para explorar a complexidade da condição humana e construir narrativas que ressoam com a experiência do leitor."

A literatura, o tempo e seus aliados



Do ponto de vista literário, o tempo possui camadas que se manifestam circunstancialmente, ou seja, para além do tempo cronológico, há uma complexa conexão que molda narrativas, personagens e temas, capaz de explorar muito mais sobre a condição humana, a memória e a forma como se percebe a realidade. Assim, na literatura, o tempo se apresenta como um dos elementos cruciais e intencionais para a construção do sentido de um texto, o que pode ser considerado um recurso facilitador de textualidade. E por falar de intencionalidade, é óbvio que o tempo é um aspecto sem disparidade com a vida, podendo acontecer de forma linear (ou não), cíclica, fragmentada e, inclusive (arrisco dizer “principalmente”), psicológica. Ocorre que, entre ficção e realidade há um tempo intransponível de entendimento de nossa própria atuação, o qual não podemos ignorar.

Tentar entender o tempo e a vida respectivamente é quase que uma metáfora

tanto quanto paradoxal. Mas entender o que acontece em um determinado tempo pode favorecer o equilíbrio, a produtividade e o bem-estar.

Em narrativas tradicionais (como nos contos de Machado de Assis), é recorrente o recurso da linearidade, valorizando uma sequência de fatos (ordem cronológica), permitindo ao leitor acompanhar nitidamente a trama até o seu desfecho e até questionar a confiabilidade da memória do narrador; sem fuga da velocidade do tempo que encaminha a história. Mas, tratando-se de literatura, em confronto a esse contínuo, surgem os autores modernistas e contemporâneos (a exemplo James Joyce, Virgínia Woolf, Clarice Lispector, dentre outros), fazendo prevalecer a não linearidade, a fragmentação do tempo e a reflexão da complexidade da experiência humana, onde a essência e a subjetividade se camuflam tornando o tempo, muitas vezes, para além da imprecisão, caótico.

Além disso, contrastando o tempo linear e o fragmentado, há o que denominamos tempo cíclico, característico de uma diversidade cultural (incluindo mitologias), no qual reflete a ideia de renovação e repetição, como ocorre em “O livro dos Sinais” de Haruki Murakami, dentre outros, refletindo a ideia de encontro (elo) entre o presente e o passado, dispondo da memória como conexão direta entre os tempos.

Na verdade, quando tratamos de tempo, seja na literatura ou na vida real, deparamo-nos com dimensões temporais um tanto quanto indissociáveis, se pensamos em complexidade humana

desde o ponto de vista da razão e da emoção. Vivemos e construímos involuntariamente uma linha temporal multifacetada, refletida em nossas ações, a qual denuncia nossos níveis de complexidade e nossas condições humanas, incluindo retrospectivas (também memórias afetivas) e realidade. No entanto, o tempo não deve ser entendido como uma trave à espera de um gol, deve sim, ser encarado como o maior aliado de nossas relações, uma vez que atribuímos a ele a realidade da espera, ou mesmo da esperança, quando dizemos que o tempo passa e nele tudo se ajusta. Na ficção essa realidade temporal não destoa da nossa.

O que fazemos ou o que fazer com o tempo?

É curioso como, naturalmente, o tempo decorre de forma linear, traçando uma linha contínua entre passado, presente e futuro, ao mesmo tempo em que se organiza ciclicamente para nos mostrar retomadas e avanços significativos capazes de influenciar a forma como lidamos com ele. O fato é que, enquanto sociedade, somos tomados por nossas crenças e culturas e vivemos cotidianamente em torno das relações que construímos, o que é terminantemente importante para determinar nossas atitudes, escolhas e modo de seguir com a vida.

Com isso, percebe-se o quanto somos refém do tempo para organizar nossas experiências, a partir de qualquer perspectiva que se tenha dele.

IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026*





IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

Mas, quando o assunto chega ao “tempo moderno”, na sociedade contemporânea, o ritmo impulsionado pela alta tecnologia e globalização, faz com que sintamos o tempo sob o efeito da pressão, tratando-o sempre como algo à frente de nosso alcance, o que tem nos gerado a sensação de tempo insuficiente para o que temos que dar conta e nos causado sérios problemas de saúde, dentre eles o estresse, a ansiedade e a depressão. Tal pressão, ainda, faz com que tenhamos a sensação de não haver tempo suficiente para algo essencial, como o lazer e o convívio familiar.

Uma vez que o tempo se torna um desafio em nossos dias, é preciso que tenhamos aliados capazes de nos favorecer saúde,

para que tenhamos a nossa consciência voltada ao momento presente e capacidade de viver hoje sem condenar nenhuma etapa desse tempo. Para isso, planejamento e organização tornam-se grandes aliados nesse sentido, visto que podem nos ajudar a gerenciar melhor nossos espaços de tempo. Dentre esse planejamento e organização cabem a diminuição do ritmo e as conexões humanas que fazemos ao longo do tempo. Quando o mundo valoriza e nos cobra mais velocidade que qualquer outra coisa, revitalizar o próprio tempo é questão de saúde pública, bem como filtrar relacionamentos que podem transformar a forma como sentimos o mundo, como percebemos o tempo que há em nós.

Assim, percebe-se confortavelmente que o tempo é uma construção que atravessa nossas vidas, sobre o qual precisamos adotar um olhar cada vez mais consciente, a fim de equilibrar nossas experiências entre a produtividade e o bem-estar, delimitando o próprio tempo em um ritmo saudável e capaz de gerir nossas necessidades e preservar nossos valores, fazendo com que o grande vilão “tempo” possa ser nosso principal aliado e não esse constante desafio.

Pensando que a poesia é uma constante de alma feminina, que sempre dá conta de nos desmontar enquanto nos constrói, encerro essa matéria deixando a vocês um poema para o tempo preciso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

Tempo preciso

Márcia Neves

Ah! Como eu o preciso!
Para pensar,
Para reorganizar,
Resgatar, talvez,
Tudo o que se blindou pela sua ausência.
Para ser, de novo, a existência.
Sim, eu preciso do tempo,
Da folga, do descansar,
Do silêncio, do movimento, da vida, do mar.

Da natureza que me põe de volta no meu lugar.
Esse tempo é preciso e eu o preciso.
Para agir, reagir, falar e até calar
Para ouvir, perceber e reconstituir
O tempo de que preciso
Para seguir até o fim
Entre o início e o meio,
De todos os recomeços.
Há um tempo muito preciso.

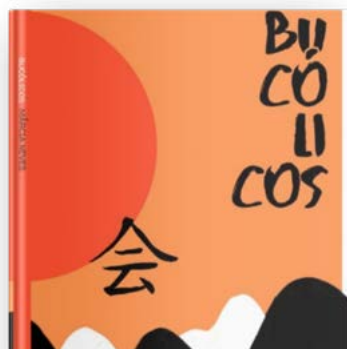
Abraços poéticos!

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

MARÇO & ABRIL DE 2026

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

"A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"



36ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2026

**Do silêncio às páginas impressas:
"o papel da Tipografia na democratização
da informação no Brasil"**

**37^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO DE 2026**

PERÍODO DE 08 DE FEVEREIRO À 31 DE MARÇO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



08



ALINE ABREU SANTANA



Jornalista, autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, escritora científica acadêmica, professora de Português e Literatura e colunista da THE BARD. Doutora Honoris Causa, recebeu o título de Comendadora do Brasil, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e na AMLH. Foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture - na França. Fundadora da OneLife Consultoria Educacional e da EscreverArte/Unira Educação, bem como do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

QUEM FICA NA RODA?

Minha “língua sem fronteiras” de hoje vai parar num lugar aparentemente inocente: uma cantiga de criança. daquelas que a gente canta sem pensar, passa objetos de mão em mão, erra o tempo, ri, recomeça. Escravos de Jó. Cresci cantando isso em São Paulo, capital, no pátio da escola, no chão frio da sala, sem nunca tropeçar na palavra “escravos”. Ela passava batida, quase invisível, como passam tantas palavras quando ainda não sabemos o peso que carregam.

Na minha cabeça de criança, o dilema era outro. Jó era o da Bíblia. O homem provado, coberto de feridas, que perdeu filhos, bens, dignidade, e ainda assim não amaldiçoou Deus. Esse era o limite da minha reflexão. O máximo dela. A música era brincadeira, o zigue-zigue-zá era coordenação motora, concentração, ritmo. Um jogo que exigia atenção absoluta, porque quem errasse o tempo ficava para trás. A cantiga ensinava, sem ninguém dizer, que viver é não perder o compasso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEEART.AI, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

Pensando hoje, com olhos de adulta, percebo que Escravos de Jó é também um exercício cognitivo poderoso. A roda parada, o corpo atento, a mão direita passando, a esquerda recebendo, a troca rápida, quase automática. Quando a letra manda “zigue, zigue, zá”, o gesto muda, o fluxo se interrompe, o objeto é retido. É preciso saber ouvir para saber agir. Linguagem, corpo e atenção caminhando juntos. Uma pequena coreografia da vida.

Mas o que me intriga agora não é só o jogo. É a língua. Porque a mesma cantiga, ao atravessar o Brasil, se transforma. E se transforma porque a língua portuguesa é assim: viva, errante, cheia de camadas, memória e invenção.

Em Minas, no Nordeste, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, a cantiga chama o Zé Pereira como quem chama alguém conhecido do bairro, alguém que sempre aparece nas festas e nunca explica direito de onde veio.

“Escravos de Jó, jogavam caxangá,

Tira, bota, deixa o **Zé Pereira** ficar.”

É quase um pedido educado, um convite feito em tom de brincadeira. Zé Pereira não é herói nem vilão; é figura do povo, dessas que atravessam ruas, histórias e carnavais com um nome comum o suficiente para caber em qualquer corpo. Pode ser um, pode ser muitos. Pode ser quem passa o objeto errado no tempo errado e faz todo mundo rir antes de a roda se reorganizar e seguir adiante.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

Em Alagoas, a brincadeira ganha outro fôlego e convoca o **Zé Guerreiro**.

“Escravos de Jó, jogavam caxangá,

Tira, bota, deixa o **Zé Guerreiro** ficar.”

O nome endurece, ganha peso, pede atenção. Já não é só alguém que permanece; é alguém que enfrenta. O gesto da mão acompanha o ritmo com mais tensão, como se o “zigue-zigue-zá” exigisse firmeza para não cair. O guerreiro entra na roda como lembrança de luta, mesmo quando ninguém percebe que está repetindo, em forma de jogo, histórias antigas de resistência.

Em algumas versões, a língua resolve pregar peça e muda o personagem: surge o **Cão Guerreiro**.

“Escravos de Jó, jogavam caxangá,

Tira, bota, deixa o **cão guerreiro** entrar.”

O cão ocupa o lugar onde antes havia um homem. Guarda, ameaça, companheiro. Não fala, mas entende o jogo. Não questiona a regra; reage ao ritmo. A cantiga aceita essa troca sem espanto, porque a língua portuguesa não pede justificativas. Ela permite. O cão entra, o objeto circula, a roda não se desfaz.

No Pará, a letra resolve andar, sair do lugar, abrir caminho:

“Escravos de Jó, jogavam caxangá,

Tira, bota, **vamos a Belém, que vai, que vem.**”



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

A cantiga vira deslocamento. Já não é apenas passar o objeto; é viajar. O jogo ganha estrada, ida e volta, fluxo contínuo. A roda deixa de ser só círculo e se transforma em travessia. A língua faz turismo afetivo: leva a brincadeira para outro território e devolve com cheiro de rio, de mercado, de cais.

Em São Paulo, talvez por pressa, talvez por hábito urbano, a letra se enxuga:

“Escravos de Jó, jogavam ca-xangá,

Tira, põe, deixa ficar.”

Não há nomes próprios, nem personagens. Só ação. Só comando. A cantiga vira quase um roteiro do gesto. Não pergunta quem fica; apenas afirma que algo precisa permanecer. Funcional, direta, prática. Como a cidade. A roda segue sem pausa.

E, por baixo de todas essas versões, como um rio que corre sem ser visto, aparece **Zambelê**.

“Escravos de Jó, jogavam ca-xangá,

Tira, bota, deixa o **Zambelê** ficar.”

Zambelê não entra em todas as rodas, mas sustenta muitas delas. Não é convite, nem ordem. É eco. É lembrança que insiste. Quando ele surge, a cantiga deixa de ser apenas jogo e encosta na lenda, na história dura, na violência que a língua tentou suavizar sem apagar. Zambelê não “fica” por escolha; ele permanece porque não encontrou descanso.

E aí a brincadeira muda de tom

Zambelê não é só um nome sonoro. É uma lenda. Um homem negro, escravizado, líder em sua terra, trabalhador honrado, morto de forma brutal, esquartejado, enterrado em partes diferentes. Um corpo fragmentado pela violência. Uma alma condenada a vagar, procu-

rando a própria cabeça, ajudando os outros a encontrar o que perderam, na esperança de, um dia, encontrar a si mesmo. Zambelê vê tudo porque não tem descanso. Sabe onde estão as coisas porque nunca pôde estar inteiro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEEART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

Como isso foi parar numa cantiga infantil?

Talvez porque a língua faça isso: ela guarda o que a história tenta esconder. Disfarça em jogo o que foi trauma. Transforma dor em ritmo, violência em parlenda, para que a memória não desapareça completamente. Zambelê vira som, vira sílaba repetida, vira algo que a criança canta sem saber, mas que permanece ali, pulsando.

E então entram os outros per-

sonagens. O **guerreiro**, figura de força, resistência, luta. O **cão**, símbolo ambíguo, ora guardião, ora ameaça, ora companheiro fiel. O **Zé**, nome genérico, popular, que pode ser qualquer um, todo mundo e ninguém. Zé Pereira, Zé Guerreiro, Zé anônimo. São camadas sobrepostas. Cada região escolhe o que faz sentido para sua própria história, sua própria memória coletiva.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

No fundo, todos eles dizem a mesma coisa: deixa ficar. Deixa o Zé ficar. Deixa o guerreiro ficar. Deixa o cão entrar. Deixa o Zambelê ficar. A língua, generosa e inquieta, não exclui. Ela incorpora. Não apaga. Reconta.

E talvez seja isso que a música ensina, sem jamais explicar: pouco importa quem entra na letra. O essencial é que alguém fique. Porque, enquanto a roda gira e a língua se move, a história continua sendo cantada, mesmo quando ninguém percebe. A língua portuguesa é assim: cheia de alusões, histórias, lendas, ecos de um passado que insiste em se mover dentro do presente.

Como juntar tudo isso numa brincadeira de criança? Não se junta. A língua faz sozinha. Ela mistura sem pedir licença. Ela atravessa séculos, regiões, violências e afetos, e chega até nós como jogo, música, riso. E, quando crescemos, se tivermos disposição para ouvir de novo, perceberemos que ali havia muito mais do que parecia.

Entre o zigue e o zá, a língua ensina: nada é simples, nada é neutro, nada é só brincadeira. Mas, ainda assim, a roda gira. E o objeto continua passando de mão em mão. Porque, apesar de tudo, a língua segue viva. Em movimento. Sem fronteiras.

PARA SABER MAIS:

TEMA	O QUE É	REFLEXÃO
Cantiga “Escravos de Jó”	Brincadeira tradicional do folclore brasileiro, transmitida oralmente	Mostra como a língua guarda histórias profundas mesmo quando aparece em jogos infantis
Variações regionais da língua portuguesa	Diferenças de palavras, nomes e sentidos conforme a região	Revela que a língua não é fixa, mas se molda à memória e à vivência de cada lugar
Lenda de Zambelê	Narrativa popular ligada à escravidão e à injustiça histórica	Aponta como a dor coletiva pode ser suavizada pela oralidade sem ser apagada
Cultura oral brasileira	Saber transmitido pela fala, pelo canto e pela repetição	Mostra que nem tudo que importa está escrito, mas permanece vivo na prática
Jogos cantados infantis	Brincadeiras que unem música, corpo e atenção	Indicam que aprender também acontece pelo ritmo, pelo gesto e pelo convívio
Escravidão no Brasil	Sistema histórico que marcou a formação social e cultural do país	Convida a repensar palavras que cantamos sem perceber o peso que carregam
Folclore brasileiro	Conjunto de cantigas, lendas e parlendas populares	Revela a capacidade da língua de misturar memória, imaginação e resistência



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEEART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 01/02/2026"

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

ALINE ABREU SANTANA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



LINKEDIN



POST NO SITE





MINI Contos

O Jejum da Quaresma

Por J.B Wolf

Ela prometeu não comer carne na Quaresma.
No espelho, seu reflexo come sozinho.
Carne crua. Sangue escorrendo.
Ela não consegue desviar o olhar.
Seu reflexo sorri com dentes de vidro.
*"Você prometeu abrir mão.
Eu fico com tudo que você nega."*
Na sexta-feira santa, ela desaparece.
O reflexo sai do espelho.
e por agora usa seu corpo em jejum.

WOLFBIO



POST NO SITE





MINI Contos

Encontro no coração da vida

Por Stella Gaspar

Cheguei ao coração da vida.
Lá te encontrei soltando a minha alegria.
Entreguei-me ao teu amor plena e apaixonada.
Seguimos juntos por caminhos secretos,
confiando na força dos ventos que
nos impulsionavam adiante.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Crônicas TONS DO Cotidiano

06



ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.

A vida prega peças e, se não estamos atentos, vamos vivendo rotineiramente sem ver os milagres que acontecem por aí...

No texto desta edição, escolhi escrever sobre uma situação inesperada que me impactou muito: encontrei com um passarinho no meu caminho.

Na minha ingenuidade, pensei, mesmo, que fosse falar com vocês sobre o que senti ao vê-lo no chão. Mas, a vida, perspicaz e muito inteligente, me descortinou um véu até

então desconhecido e jamais suposto: o passarinho era eu...

E é assim mesmo: quantas vezes ficamos abalados por acontecimentos que parecem insignificantes quando, na verdade, eles simbolizam aspectos emocionais profundos de nossa psique? Então, não é só um olhar, só um silêncio, só uma criança vendendo bala no semáforo. Raramente é só... Nossas partes se comunicam inconscientemente com outras partes e, assim, vamos nos afetando mutuamente e nos movendo em diversas direções.



IMAGEM GERADA POR IA. *Isomib SEARTEL, sob a direção de Tônia Leninha. Criada em 01/02/2026*

Penso, aliás, que esse é um dom precioso: olhar para além do raso, do óbvio, do factual. Mergulhar nas entranhas da vida que pulsa e nos convoca a todo instante: afinal, você está pronto para experimentar sua humanidade elevada à última potência?

Vem comigo e se permita baixar as comportas de suas defesas emocionais por alguns instantes! Ah, e depois, me conta se e como ressoou aí, tá?



IMAGEM GERADA POR IA. *Isomib SEARTEL, sob a direção de Tônia Leninha. Criada em 01/02/2026*



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

A vida é frágil: cuide!

Estava sendo uma manhã agitada: muitas tarefas para executar em curto espaço de tempo. Levar a Princesa, minha cachorra, para passear. Preparar o café da manhã para minha tia. Dar comida para a Princesa. Tomar meu café da manhã e atender os pacientes agendados.

No passeio habitual, Princesa caminhava e farejava o cheiro do dia raiando: entre secreções de outros cães e distrações do caminho, ela sorria e agradecia com o rabo abanando. Eu caminhava feliz e confiante de que estava cuidando da minha "prole" no meu melhor estilo. Assim, como de costume, tudo ia bem.

Até que vi um passarinho caído bem embaixo de uma pequena árvore. Meu coração acelerou e minha respiração tensionou. Imóvel em frente a ele, demorei alguns milésimos de segundos para entender o que tinha acontecido: o filhote, certamente, havia caído dos galhos frágeis e secos. Estava lá, estatelado no beiral da calçada. Quase não respirava, parecia que tinha quebrado o pescocinho, pois estava completamente largado e quase desfalecido. Ali, tocada por aquela vida – porque, sim, todas as vidas importam – o que eu poderia fazer? Desnorteada, em vão, tentava responder: o que a vida queria de mim naquele momento?



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Eu tinha pouco mais de 10 minutos para retornar, pois minha paciente estaria a minha espera. Calculei e, num átimo, concluí: iria atrasar. Sem conseguir raciocinar e aceitar o que se anunciava a meus olhos, por sorte, um conhecido passava e perguntei a ele o que eu poderia fazer naquela situação para cuidar do filhotinho. Sem pudor nem afeto, ele disse "Chama o Ibama: eles vêm buscar." Oi? Ibama, meu senhor? Sem pensar, ele se foi. Como uma pa-

rede de concreto impermeável: metáfora válida para certa categoria de pessoas. Você já se deparou com alguém assim?

Decepcionada e irritada, peguei com ternura e certa apreensão o pequeno ser nas mãos e rumei em direção ao veterinário localizado no quarteirão de baixo. Ele era bom e eu tinha certeza de que salvaria o pássaro. Apesar de insistir na campanha, para minha angústia, ninguém apareceu.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Plano B: levá-lo para casa às pressas, correndo mesmo, porque se tratava de uma corrida contra o tempo: melhor dizendo – a favor da vida. A essa altura, a Princesa, tadinha, também estava atônita, pois seu passeio – sempre tranquilo – estava bem alterado. Companheira como sempre e profundamente sensível, ela entendeu que algo incomum acontecia e não reclamou: abriu mão da segunda etapa do passeio matinal e seguiu meus passos velozes.

Ao chegar em casa, sem que eu pudesse conter, as lágrimas corriam dos meus olhos. Pedi ajuda, dizendo que precisa cuidar dele: ele ia melhorar. Imediatamente, peguei uma seringa e abasteci de água. A conta gotas, introduzi na sua boquinha. Apesar de ter engasgado um pouco, ele ingeriu o líquido. Respirei aliviada por um instante. Em seguida, lembrei que tinha alpiste e, então, tentei fazê-lo comer, mas não deu certo.

Eu conversava com ele. Eu beijava seu corpinho frágil. Eu orava em voz alta rogando a intercessão de São Francisco de Assis, o padroeiro dos animais. Eu implorei a Deus que desolvesse sua saúde, afinal, se havia cruzado meu caminho, era porque eu seria um instrumento Seu a favor da vida dele.

Já estava 20 minutos atrasada. Ainda não havia dado café para minha tia, nem a refeição da Pri e muito menos me alimentado. Deus, ainda teria que atender! Mais: como terapeuta, deveria estar emocionalmente disponível. Respirei fundo. Não ia dar.

Brevemente, conversei com o filhote e expliquei-lhe que eu voltaria logo. Fiz questão de dizer que ele não estava mais sozinho e que eu faria tudo para que ele ficasse bem. Coloquei-o em uma caixa, com um pano e um pote com água. Saí com o coração entre apertado e esperançoso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Já no setting terapêutico, precisei me desculpar com minha paciente: ela foi compreensiva. Mas eu não estava inteira na sessão: queria, a todo custo, salvar o passarinho. Não me conformava com o destino que se insinuava.

Em poucos segundos, eu estava novamente com o passarinho verde. Ele parecia imóvel. Ele estava imóvel. Desacreditada, peguei-o delicada e amorosamente e senti a morte em minhas mãos. A rigidez cadavérica se impunha. Ainda incrédula, tentei estimulá-lo a respirar. Suas perninhas estavam imóveis e rijas. Mais algumas lágrimas caíram e, então, exausta e derrotada, me rendi ao inevitável: ele havia morrido. Sozinho. Sem ninguém para dividir a experiência. 29 de dezembro de 2025. O dia em que eu segurei a morte nas mãos e precisei olhar para a vida que havia em mim.

Aproximadamente 30 minutos antes da sessão finalizar, ouvi alguns pios muito, muito profundos. Gemidos talvez. Sentia dor? Eu realmente não sei. Qual o som da morte? Supus que ele estava me chamando. Ou clamando a pre-

sença de sua mãe. Eu realmente queria sair da sessão porque eu não tinha dúvida de que, naquele momento, ele precisava muito mais de mim do que ela. Respirei aliviada quando a sessão expirou.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Curioso que, enquanto escrevo esse texto, fico assombrada com os rumos que ele está tomando. Eu realmente imaginei que fosse escrever apenas sobre a morte do passarinho. Mas não é isso, né? Só agora percebo que não é sobre o passarinho: é sobre mim. Sobre minha relação com a morte e com o que ficou depois que ela deixou sua tatuagem em mim.

A morte me ronda desde sempre. A todos nós, claro, pois, como eterniza o ditado popular, "Para morrer, basta estar vivo." É verdade incontestável. Mas, no meu caso, meu namoro com a indesejada das gentes, conforme enuncia Machado de Assis, começou cedo: precisamente, aos 1 ano e 8 meses quando minha mãe faleceu.

Agora, ao escrever, me dou conta de que, talvez, minha obsessão por salvar o passarinho tenha sido uma tentativa inconsciente de elaborar a morte de minha mãe já que não consegui salvá-la. Talvez. Nenhuma certeza e todas as dúvidas. Vieram me visitar novamente, as lágrimas. Não sei de qual família são: da tristeza, raiva ou impotência? Todas juntas talvez? Da esperança, pouco provável. Transferencialmente, o passarinho simbolizou a minha porção criança tentando criar um novo desfecho ao inevitável. Era eu mesma dizendo para o passarinho-eu: "Você não está mais sozinha. Vai ficar tudo bem. Não vou te abandonar. Você vai sobreviver mesmo sem mãe. Vou cuidar de você." Na impossibilidade de lutar contra o último ato da vida - a morte - veio a rendição. E, sutilmente, algo se reorganizou. Eu desaguei em mim.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Com obstinação, passei a vida tentando salvar desesperada e destemidamente tudo e todos que julguei amar. Esse é o caminho da ferida traumática em nossa vida: se trauma é o evento em si, traumatização é a resposta que damos ou não ao que aconteceu. É uma história que continua dentro de nós e que irá retornar muitas vezes até que o ciclo seja, finalmente, encerrado. A traumatização correspon-

de às marcas de experiências que não foram cicatrizadas.

Será que foi essa a experiência traumática da orfandade materna que, sem perceber, tentei elaborar? Me render à morte do passarinho, de alguma forma, se assemelha ao meu rendimento à morte de minha genitora? Possibilidades. No mundo emocional, apesar de algumas constâncias, quase nada é: tudo

está. Somos trântito.

Fato é que, agora, ao redigir essa crônica para vocês, me sinto consternada e muito emocionada. Parece que, dentro de mim, algo clareou. Amenizou. Derreteu. Integrou. Elas, as lágrimas, insistem por aqui e as recebo com reverência certa de que têm um papel a cumprir.

É isso: ao dar lugar ao que sentimos, ou seja, sem fugir das emoções, algo importante acontece dentro da gente: integração das experiências afetivas. Fluxos de conteúdo emocional se movem e constroem um novo percurso em nosso corpo. O ciclo, finalmente, fecha, pois, a reatuação de experiências de conteúdo emocional similar à ferida traumática acaba e libera o fluxo da vida que havia ficado preso na

dor. Sem as barragens que fazem a contenção do fluxo emotivo, a água volta a fluir.

Voltando ao passarinho, eu o deixei por um longo tempo dentro da caixa. Não consegui dizer adeus com rapidez. Precisei deixar o tempo passar e a tristeza derreter... a caixa-caixão, então, me fez companhia e me auxiliou a olhar para a morte com respeito e quietude.



IMAGEM GERADA POR IA usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026



Imagem de VisualCreative por Freepik

Assim como eu, pode ser que você tenha encontrado um passarinho quase morto pelo caminho ou esteja alojando alguns caixões em sua vida íntima:

- Um relacionamento falido.
- Um emprego que não faz mais sentido.
- Uma mágoa que consome.
- Uma amizade que desqualifica.
- Um gesto que você não expressa.
- Uma palavra que mata tudo o que está em volta.
- Uma desesperança amarga.

Os caixões têm sentido importante em nossa esfera emocional: eles nos auxiliam a ritualizar transformações /ações necessárias. Velar o morto, sepultá-lo, desfazer-se de seus pertences, encontrar um novo lugar emocional dentro de si. Negar, brigar, barganhar, deprimir e aceitar são fases do luto que não acontecem cronologicamente apenas: com frequência, aliás, são experiências superpostas.

Em qual fase do seu luto você está hoje?

E eu que pensei que só ia escrever um texto sobre a morte de um ilustre desconhecido passarinho e acabei fazendo uma crônica autobiográfica? Confesso: não estava nada preparada para isso rsrs! Acho que usei minha licença poética, né? Perdoem-me pela ousadia, mas, o texto veio pronto, de jato, sem tempo de pensar. Parecia que as palavras estavam já todas mancomunadas em algum recanto muito oculto aguardando o momento de eclodirem... Como diz Drummond, em “O lutador”,



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

*Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.*



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Ao cuidar do passarinho com amor, sei que teve uma morte digna. Cumpri meu papel com a vida: nos últimos instantes, ele foi amado, nutrido e acolhido. O que ficou em mim, depois, foi uma sensação de paz, pois deixei-me conduzir por minha humanidade e não fugi da avalanche de emoções intensas que me tomaram. Sentir a emoção sem se perder nela e sem se fundir nela

é um princípio importante de regulação emocional.

Da mesma forma, quando minha mãe faleceu, também fui acolhida, nutrida e amada. A vida que ficou como herança materna chegou até aqui. A vida - tão frágil e tão poderosa - precisa de cuidado.

você, tem se cuidado?





Para os dias que seguem céleres, solicitando delicadeza e presença, vale retomar o fôlego com Paulo Freire, um gênio da Educação, que diz assim:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.

E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.

Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

Dessa vez, eu termino meu texto não só feliz, porque escrever é um amor, mas também mais integrada porque pude, pela experiência literária, revisitar minha memória afetiva e me reelaborar psicologicamente. É uma grande verdade: a arte cura!

A você que me acompanhou até aqui, minha sincera e profunda gratidão! Que a esperança por dias de paz, de vida abundante, fecunda e amorosa seja nosso combustível para honrar a vida que pulsa em nós!

Um beijo no seu coração,

Adriana

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Colunista Adriana Moura Salles

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES
SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





06



RENATA MUNHOZ



Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

O Diário de Navegação de Teotônio José Juzarte, de 1769

O autor do diário de navegação de que trataremos foi Teotônio José Juzarte que, do posto de Ajudante, foi nomeado por mérito à função de Capitão-Mor Regente da expedição que deveria colonizar a praça de Iguatemi. O propósito da comitiva era o de defender as fronteiras portuguesas dos ataques dos inimigos castelhanos.

O comboio de trinta e seis canoas, que mediam cerca de sessenta palmos de comprimento, partiu no dia 13 de abril de 1769 de Ararituaba. Cada canoa contava com um piloto na frente, o proeiro e cerca de seis remeiros, todos em pé. Os demais tripulantes seguiram sentados sobre as cargas na descida no Rio Paraná, rumo à Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi, onde chegaram em 12 de julho de 1769.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

O Governador e Capitão-General da capitania de São Paulo na ocasião, o Morgado de Mateus, criador do projeto, apoiou-se no conceito de que os paulistas tinham um espírito aventureiro, de que eram “fundadores de currais, caçadores de escravos, descobridores de ouro, os paulistas açulados pelo espírito de aventura, pela cobiça ou pela necessidade de expansão do gado”. De modo contraditório, em nome de uma política de povoamento, a pequena vila de Paratininga despovoou-se, uma vez que seus habitantes “dispersam-se por toda parte, devassando sertões, abrindo caminhos e estabelecendo, ao norte, ao sul e a oeste, núcleos de povoamento e de civilização.”

O projeto ambicioso de militarização e defesa do território, em que o Morgado de Mateus investiu grande parte da renda de seu governo, culminou na dizimação dos povoadores e, por consequência, levou à ruína seu próprio posto de Governador. Iguatemi nada mais era do que um povoado de homens famintos vivendo em terras estéreis. Já no governo subsequente, após o Tratado de Santo Ildefonso de 1.º de outubro de 1777, a Praça de Iguatemi foi tomada por mais de três mil espanhóis com o apoio dos índios guaicurus e os colonizadores tiveram de retornar ainda mais miseráveis às suas cidades de origem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Ao tratar de uma expedição que durou dois anos e dois meses, o diário de Juzarte revela uma realidade bastante distanciada de versões romanceadas do que teria sido a colonização dos “sertões” brasileiros. Dos 700 colonizadores enviados à Praça do Iguatemi, 320 eram homens, moradores da capitania de São Paulo. Não havia de fato “voluntários”, pois todos foram alistados de maneira forçada, sob pena da prisão de seus familiares. Assim impedida de desertar, essa tripulação foi exposta a toda a sorte de perigos ao longo da longa jornada por rios e terra.

O texto integral encontra-se atualmente incorporado à biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Foi publicado em forma de edição atualizada justaposta à imagem do respectivo manuscrito e dos mapas pela Editora Edusp. Dentro do diário, consta o plano em rascunho, o “borrão” de 54 mapas. Esses mapas manuscritos no período são chamados “estampas” e contêm o percurso dos rios navegados pela expedição ao longo dos 26 meses de percurso fluvial de Araritaguaba (atual Porto Feliz, SP) até o Iguatemi (MS).

Como começou essa navegação

Um ofício de 10 de outubro de 1772, enviado por Afonso Botelho de Sampaio ao Morgado de Mateus, atesta os méritos de Juzarte para promoção a Sargento-Mor: “Devo pôr na presença de Vossa Excelência os merecimentos do Ajudante “Theotônio Iozê Zuzarte” (como foi grafado o seu nome nos documentos do período), para ocupar o posto de Sargento-Mor do Seu Regimento, que com tanto desvelo e trabalho criou”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

A análise filológica do diário revela não rudeza, mas total domínio do gênero textual "diário de navegação". Juzarte estrutura sua narrativa diária com fórmulas fixas como "Em este dia treze de Abril", "Amanhecendo este dia" ou "Chegamos da diligência que fica dita", garantindo coerência e coesão. A ideologia católica, como era comum aos documentos do período, permeia o discurso: "todas as pessoas estão confessadas, e Sacramentoadas, porque daqui para baixo não há mais Igrejas, nem Sacramentos". A bênção das canoas pelo pároco, com salvas de espingarda e elevação da bandeira, reforça a construção de sua imagem como comandante devoto.

Os desafios da jornada



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

O diário registra privações extremas que desafiam a visão heróica das bandeiras paulistas.

Doenças dizimaram a tripulação: "Porém ainda aqui não pararam tantos incômodos, trabalhos, e impertinências, porque estando tudo na forma dita sobreveio uma diarreia geral por homens, mulheres e crianças".

As mulheres são descritas como fonte constante de transtornos: "As mulheres que nunca, jamais são boas de contentar, umas com dores do parto".

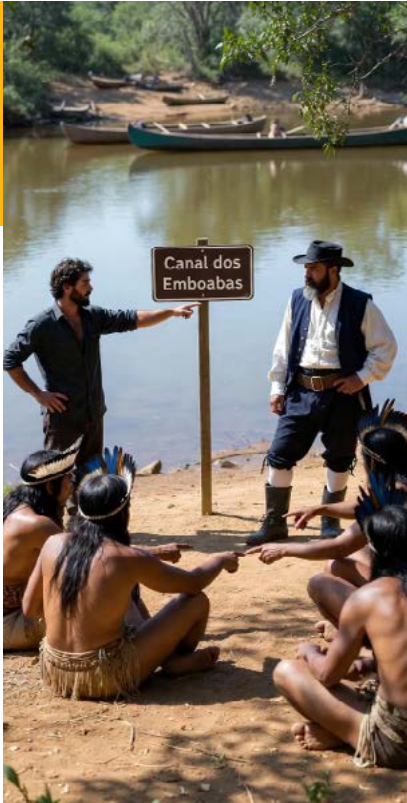
A esses desafios da própria tripulação, impunham-se ainda questões externas, referentes à burocracia, que levaram Juzarte a isolar sua tripulação por dois dias sem seguir viagem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Fenômenos naturais também aterrorizavam a jornada: "esta tão horrível tempestade molhando-se tudo". Insetos e vermes atormentam: "mosquitos chamados pólvora, borrachudos, pernilongos [...] os carrapatos de várias qualidades [...] que se formam em bolhas do tamanho de

nozes". Soluções práticas são detalhadas: esfregar o corpo com "caldo de tabaco de fumo, ou sarro de pito". Cobras representam morte instantânea: "tão venenosas que mordendo em qualquer pessoa instantaneamente fica sem vida, e entra a exalar sangue pelos olhos, boca, e nariz, e pelas unhas".



Pontos de destaque da narrativa

Juzarte demonstra preocupação didática ao elucidar termos indígenas e regionais. "Canal dos Emboabas; tem este título por cá os filhos do Reino, que quer dizer homem calçado, ou cabeludo pelas pernas". Sobre a cachoeira Abaramanduaba ("onde caiu um Padre"), narra a lenda do Padre José de Anchieta, que rezava seu breviário no fundo d'água, sobrevivendo milagrosamente. Além disso, o autor serve-se de comparações para facilitar a compreensão de suas descrições "Capivaras, que são como um porco e vivem na água, em terra".



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

Releitura da imagem histórica

Longe do estereótipo de rudeza, Juzarte revela-se funcionário qualificado para padrões do século XVIII, quando a escrita era rara no Brasil colonial. Sua capacidade de gerenciar crises aparece em diversos contextos: consolando doentes melancólicos, precavendo deserções com vigilância, detalhando remédios contra insetos. Essas ações constroem uma imagem de liderança equilibrada. Vale-se do imaginário coletivo, mas dele se distancia impondo superioridade. Assim, superstições coletivas, como o mau agouro do defunto na canoa, são narradas com distanciamento, preservando sua autoridade de comandante.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



O fracasso do Iguatemi, principal motivo da posterior destituição do Governador Morgado de Matheus, não apaga méritos do diário como testemunho

da cultura escrita. "Qualquer que seja sua natureza, a palavra escrita foi feita para durar além do evento de que ela é testemunha", como afirmam Ferreira e Targino. Juzarte não foi intelectual como seu patrão "o homem que não tinha preguiça de escrever", segundo Taunay, mas contribuiu para preservar memórias que a materialidade não guardaria.



Para além de "notas toscas de soldado", como depreciado por contemporâneos, o documento comprova proficiência linguística e filológica. Sua preservação desafia anacronismos que julgam

o século XVIII pelos padrões atuais de alfabetização. Juzarte emerge assim como peça-chave na história da capitania de São Paulo, iluminando não apenas pela rica geografia fluvial, mas pela subjetividade de quem conduziu uma multidão por caminhos inóspitos e desconhecidos em nome de um Rei tão distante.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 01/02/2026"



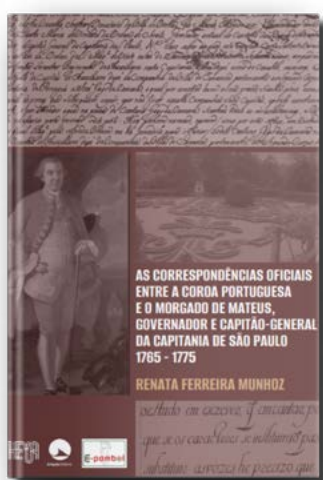
Legado do sertão real

O Diário da Navegação desmistifica a romantização das expansões sertanejas. Nesse registro não há bandeirantes bem vestidos e ávidos por ouro, mas homens simples, forçados a enfrentar a fome, as doenças e as hostilidades naturais. O texto manuscrito produzido no calor das tantas emoções e dificuldades revela a humanidade de seu comandante: seu temor das sucuris monstruosas e seu horror das tempestades ao lado de sua fé religiosa e de sua racionalidade administrativa.



LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



Contos

O Café Passagem

Capítulo 5: Páginas em Branco

Daniel passou o domingo à tarde caminhando sem destino pelas ruas da cidade. O encontro com Luísa havia deixado uma sensação estranha em seu peito, uma mistura de alívio e pânico que ele não conseguia nomear. Pela primeira vez em quinze anos, o futuro era completamente opaco para ele.

Quando chegou em casa, o apartamento pareceu menor, mais silencioso. Sentou-se à mesa da cozinha e abriu o caderno na primeira página em branco. Pegou a caneta e tentou escrever qualquer coisa sobre o dia seguinte.

Nada.

Tentou se concentrar em eventos específicos: o resultado de jogos, o clima, notícias que poderiam acontecer. A caneta permanecia imóvel sobre o papel, como se tivesse esquecido sua função.

Às sete da noite, o telefone tocou.

— Daniel? — A voz de Miguel soou preocupada. — Você está bem? Tentei te ligar mais cedo.

— Estou — Daniel mentiu. — Só... pensando.

— Sobre a mulher do café?

Daniel hesitou. Miguel era a única pessoa que conhecia seu segredo, mas também era o mais cético em relação ao dom.

— Encontrei com ela de novo hoje.

— E?

— Perdi a capacidade, Miguel. Não consigo mais ver nada.

O silêncio do outro lado da linha se estendeu por longos segundos.

— Talvez seja temporário — Miguel disse finalmente. — Você já passou por períodos de bloqueio antes.

— Não assim. Desta vez é diferente. É como se... como se conhecê-la tivesse quebrado alguma coisa.

— Ou consertado — Miguel sugeriu. — Daniel, você já considerou que talvez isso seja bom? Você passou a vida inteira preso a visões que nem sempre se realizavam. Talvez seja hora de viver sua própria vida.

— Mas e se eu precisar do dom? E se algo terrível for acontecer e eu não conseguir avisar?

— E se algo maravilhoso for acontecer e você puder simplesmente viver?

Daniel não tinha resposta para isso.

Na segunda-feira de manhã, Daniel acordou com uma sensação que não experimentava há anos: curiosidade genuína sobre o dia que o esperava. Não sabia o que aconteceria, e isso era simultaneamente aterrorizante e libertador.

Decidiu fazer algo que nunca fizera: sair de casa sem destino específico e ver onde o dia o levaria.

Caminhou até o centro da cidade, observando detalhes que normalmente passavam despercebidos. A forma como a luz da manhã se refletia nas vitrines, o ritmo apressado dos pedestres, o aroma de café que escapava das padarias.

Sem perceber, seus passos o levaram até O Café Passagem.





Contos

Através da vitrine, viu Luísa sentada à mesa deles, digitando em um laptop. Ela não deveria estar ali — era segunda-feira de manhã, dia de trabalho. Mas lá estava ela, concentrada, mordendo levemente o lábio inferior como fizera no domingo.

Daniel entrou no café, e ela ergueu os olhos quando o sino da porta tocou.

— Daniel? — Ela pareceu genuinamente surpresa. — O que faz aqui?

— Eu... não sei — ele admitiu, aproximando-se. — Acordei e meus pés me trouxeram aqui. E você? Não deveria estar trabalhando?

— Deveria — Luísa fechou o laptop. — Mas não consegui me concentrar em casa. Vim aqui porque... bem, porque é aqui que as coisas fazem sentido ultimamente.

Daniel sentou-se à frente dela, e o garçom automaticamente trouxe café sem açúcar e chá de jasmim.

— Sobre o que estava escrevendo? — ele perguntou.

— Na verdade, estava pesquisando — Luísa hesitou. — Sobre pessoas que afirmam ter habilidades premonitórias. Queria entender melhor o que você passou.

— E o que descobriu?

— Que é mais comum do que imaginava. Há relatos ao longo da história, estudos científicos, teorias sobre percepção temporal alterada — ela abriu o laptop novamente. — Mas também descobri algo interessante.

— O quê?

— Muitos casos documentados mostram que a habilidade pode desaparecer quando a pessoa encontra estabilidade emocional. Como se o dom fosse uma forma de compensar algum vazio ou necessidade.

Daniel sentiu um aperto no peito.

— Você está sugerindo que eu só tinha visões porque estava... vazio?

— Não vazio — Luísa se apressou a corrigir. — Talvez buscando algo. E agora que encontrou...

— Não preciso mais procurar no futuro — ele completou.

Eles ficaram em silêncio, absorvendo a implicação. Se a teoria estivesse correta, Daniel havia perdido o dom não por acaso, mas porque finalmente havia encontrado o que procurava: conexão real com outra pessoa.

— Como se sente sabendo disso? — Luísa perguntou.

Daniel considerou a pergunta. Durante toda a manhã, havia se sentido perdido, como um navegador sem bússola. Mas agora, olhando para Luísa, percebeu que talvez não precisasse de uma bússola. Talvez precisasse apenas de um destino que valesse a pena.

— Assustado — ele admitiu. — Mas também... esperançoso? É estranho não saber o que vai acontecer, mas ao mesmo tempo é emocionante.

— Quer fazer um teste? — Luísa sugeriu.

— Que tipo de teste?

— Vamos sair daqui e deixar o dia nos levar. Sem planos, sem destino. Vamos ver o que acontece quando duas pessoas simplesmente... vivem.

Daniel sorriu. Era exatamente o tipo de aventura que nunca se permitira antes.

— E o seu trabalho?

— Posso trabalhar à noite. Hoje quero descobrir como é viver sem saber o que vem a seguir.

Eles saíram do café de mãos dadas, e Daniel sentiu uma vertigem estranha. Pela primeira vez em quinze anos, o futuro era um mistério completo. E pela primeira vez na vida, isso não o apavorava.

Passaram o dia explorando a cidade como turistas em sua própria terra. Visitaram um museu que Daniel nunca havia notado, almoçaram em um restaurante escolhido ao acaso, sentaram-se em um parque para observar as pessoas passarem.



A cada momento, Daniel esperava que as visões retornassem, que algum flash do futuro invadisse sua mente. Mas havia apenas o presente: o riso de Luísa quando ele contou uma piada ruim, o sabor do sorvete que dividiram, a sensação de sua mão na dele.

— Daniel? — Luísa disse quando se sentaram em um banco de frente para um lago.

— Sim?

— Posso te contar um segredo?

— Claro.

— Eu sempre tive medo do futuro. Não de forma paranóica, mas... sempre me preocupei tanto com o que poderia acontecer que esquecia de viver o que estava acontecendo.

— E agora?

— Agora, pela primeira vez, o futuro não me assusta. Porque sei que, aconteça o que acontecer, não estarei sozinha.

Daniel se virou para olhá-la. O sol da tarde criava reflexos dourados em seus cabelos, e ele teve vontade de memorizar aquele momento, de guardá-lo como costumava guardar suas visões.

— Luísa?

— Sim?

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por me ensinar que o presente pode ser mais interessante que qualquer futuro.

Ela sorriu e se inclinou para beijá-lo. Foi um beijo suave, sem pressa, como se tivessem todo o tempo do mundo. E talvez tivessem. Afinal, quando se vive apenas o presente, cada momento se torna infinito.

Quando se separaram, Daniel percebeu que não sentia mais falta das visões. Pela primeira vez em quinze anos, estava exatamente onde queria estar: no presente, com a pessoa certa, construindo um futuro que nenhum dom poderia prever.

— E agora? — Luísa perguntou, ecoando a pergunta que se tornara o refrão de seus encontros.

— Agora — Daniel disse, entrelaçando os dedos com os dela — vamos descobrir juntos.

E pela primeira vez na vida, a incerteza do futuro não era uma fonte de ansiedade, mas de infinitas possibilidades.



COLUNAS E COLUNISTAS

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 4



WOLFBIO



POST NO SITE



05



SANDRA SANTIAGO



Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.



A INTERSEÇÃO DOS TEMPOS EM PROL DA INCLUSÃO

Os conceitos de Chronos, Kairos e Aion, conforme a mitologia grega, indicam três dimensões do tempo na existência humana e oferecem um referencial interessante para a reflexão sobre a experiência do espírito humano, de maneira profunda, inclusive nos dias hodiernos. De tal modo, utilizar tais conceitos de tempo para analisar determinados temas pode ser um refrigério, sobretudo, num contexto marcado por um aligeiramento de praticamente tudo: metas, estudos, práticas, relações, programas, políticas etc.

No campo da educação não tem sido diferente. Isso se reflete de maneira determinante na estrutura educacional, de modo geral, e no currículo escolar, em particular. Se expressa, de maneira inequívoca, nos programas de aceleração, compensação ou nos pactos para recomposição das aprendizagens, usando a terminologia mais recente (Brasil, 2026) que dominam as instituições país afora e impacta mais diretamente aqueles que não se adequam aos padrões instituídos, como é o caso das pessoas com deficiências, por exemplo.



IMAGEM GERADA POR IA * Imagem: 8564.07.01, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026



Todos somos, de algum modo, arrastados pela cronologia, como a única forma de viver o tempo e esquecemos que Kairos e Aion também habitam em nós. Entretanto, são as pessoas com deficiências que sofrem os maiores impactos, pois, suas necessidades desafiam Chronos, necessitam de Kairos e reclamam a presença de Aion.

Um Pouco de Mitologia Grega

Os gregos apresentaram três aspectos do tempo e nomearam de formas distintas (Chronos, Kairos e Aion), oferecendo uma percepção bastante acurada de como essas dimensões compõem e interferem no modo como os seres humanos vivem suas experiências terrenas. No entanto, são dimensões que apresentam peculiaridades, mas, que não se repelem, pelo contrário, se complementam, promovendo o equilíbrio e a paz interior que todos buscam.

Chronos, na mitologia grega, é frequentemente retratado com um "Titã", ou seja, um ser que devora aos seus filhos, sem nenhuma piedade. Portanto, de modo análogo, Chronos é esse devorador da existência humana, pois, a corrói dia após dia. Assim, à medida em que se vive, menos tempo há para se viver. Então, o que fazer? Antes de tudo é preciso compreender que ele é, tão somente, uma dimensão do tempo, portanto, não pode definir o tempo em si.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Chronos, de onde se origina a palavra "cronologia" designa o aspecto físico, material, sequencial e mensurável da vida e a organiza em termos de passado, presente e futuro. Constitui, pois, para o ser humano, o tempo que pode ser medido por meio do relógio, do calendário, das datas, dos prazos. Contudo, tem suas limitações, impõe a finitude, ainda que marque o nascimento, o crescimento, também indica a morte. Infelizmente, para quem vive apenas em Chronos, a vida pode ser bem pesada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



Para não viver desse modo, os gregos apresentam Kairos, a outra dimensão do tempo que se dá em termos qualitativos, se refere às oportunidades e no significado que damos a elas. Esse tempo não é possível ser medido em quantidade, portanto, não são as horas que duram uma experiência, mas, a relação afetiva que se estabelece durante a vivência. Assim, ainda que situado no tempo cronológico, aproveitar os momentos, dando sentido a eles, muda o tempo. Kairos convida a parar de contar o tempo, para vivenciá-lo, aproveitá-lo.

De certo modo, Kairos é uma espécie de brecha que se abre no tempo de Chronos e, quando aproveitada pode ser eternizada, pois, Aion permite isso. Mas, quando desperdiçada, é uma oportunidade perdida que jamais voltará. Nesse sentido, Aion refere-se ao tempo sob uma perspectiva eterna e ilimitada, portanto, o tempo em Aion é visto sob o prisma da imaterialidade, da espiritualidade, algo que integra a essência humana. Ele é um convite para que lembremos que há uma parte de nós que é eterna, que não finda, que está para além de Chronos.



A Inclusão através dos Tempos

Apesar de integrarem a vida humana, em determinadas civilizações e épocas, uma ou outra dimensão do tempo é desvalorizada ou esquecida. Consequentemente, quando não se olha para o tempo com as lentes adequadas, algumas de suas dimensões são apagadas ou ficam borradas, o que resulta em cicatrizes para uns e outros. Com relação às pessoas com deficiências, essa visão reduzida do tempo, tem efeitos ainda mais devastadores.

Em diferentes momentos e contextos, quando não se vislumbrou a complexidade do tempo e tampouco o papel que cada uma delas assume para a completude humana, se promoveu a exclusão. As pessoas com deficiências, portanto, são vítimas de uma sociedade que usa Chronos para impor limitações e prazos, que quantifica, mas, não qualifica os resultados e, consequentemente, não compreende o ser com deficiência para além de um corpo deficiente.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



O fato é que, quando uma única compreensão do tempo assume maior representatividade, reforçando alguns comportamentos e desvalorizando outros, é inevitável que se viva em situação de exclusão. Os estudantes que não conseguem cumprir os prazos, não alcançam as notas para aprovação, não completam suas unidades de estudo etc. são marginalizados no sistema educacional. E, ainda que se utilizem de estratégias para

adaptação, muito pouco ou nada é feito para respeitar os tempos de cada um.

Então, os gregos estavam certos quando pensaram o tempo sob esta tríptica configuração, demonstrando que nenhum dos pilares deve se sobrepor ao outro ou ser negligenciado, sob pena de que assim agindo, se esteja violando as leis universais que são imutáveis e para todos.

Em certa medida, é possível dizer que busca pela nossa humanidade é perdida quando não se integram os tempos. Parece que, ainda hoje, Chronos dita as regras do jogo e que Kairos tenha sido sequestrado por ele e, por tabela, Aion fora expulso da jornada evo-

lutiva humana. Por isso, as sociedades vivem com pressa, correndo contra o tempo e nesse processo, não consegue aproveitar as oportunidades, se fazendo presente de corpo e alma. Também não conseguem respeitar o tempo do outro; daquele que anda, aprende,

pensa ou fala de outro modo ou noutro ritmo. O resultado é uma sociedade doente, violenta e excludente. A ansiedade, o estresse, as guerras etc. atestam essa desconexão do ser com o todo, com sua busca por humanizar-se.

Ao olhar para a história da humanidade, talvez possamos encontrar em algumas épocas e em algumas pessoas distintas, uma conexão entre os tempos e a necessidade de autoconhecimento para viver bem em sociedade. Supõem-se que as circunstâncias contribuíram, de algum modo, para o bom uso do tempo, mas, hoje, com tantos atrativos, talvez, não esteja sobrando tempo para esse mergulho interior.

Nomes como: Sócrates, Platão, Tales de Mileto, Sêneca, Heidegger, Kant, dentre tantos outros, se eternizaram, mas, não porque viveram longos anos na terra, mas, porque viveram profundamente cada instante de vida, em sintonia com suas buscas internas. Talvez, suas vidas e o modo como experimentaram o tempo tenham algo a nos dizer. Talvez, alguns foram marginais em suas terras, excluídos, perseguidos, incompreendidos, mas, não abriram mão de pensar e viver em sintonia consigo mesmo. Integraram os tempos.

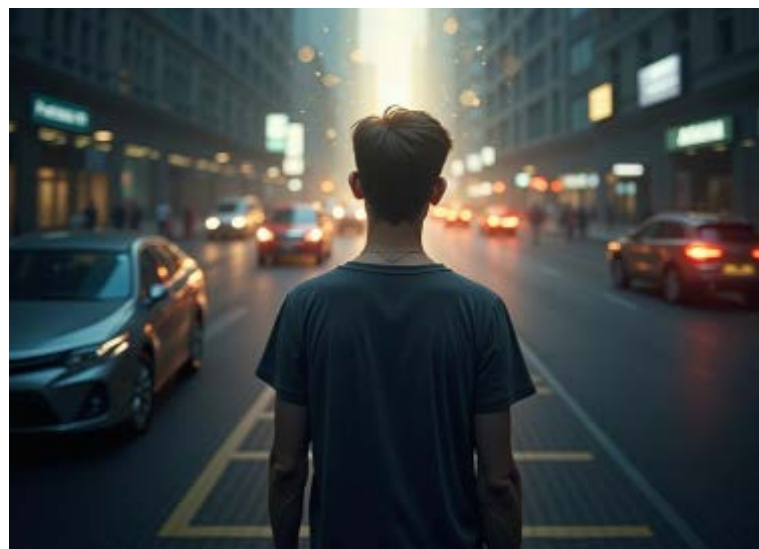


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Sêneca, filósofo estoico que viveu entre 4 a.C. a 65 d.C, pensando sobre o tempo, afirmou que:

Não é que tenhamos um curto espaço de tempo para viver, mas o desperdiçamos demais. Uma vida é longa ou bastante e foi concedida em medida suficientemente generosa para permitir a realização de coisas maiores, se o tempo for bem investido (Sêneca, 2023, s/p.).

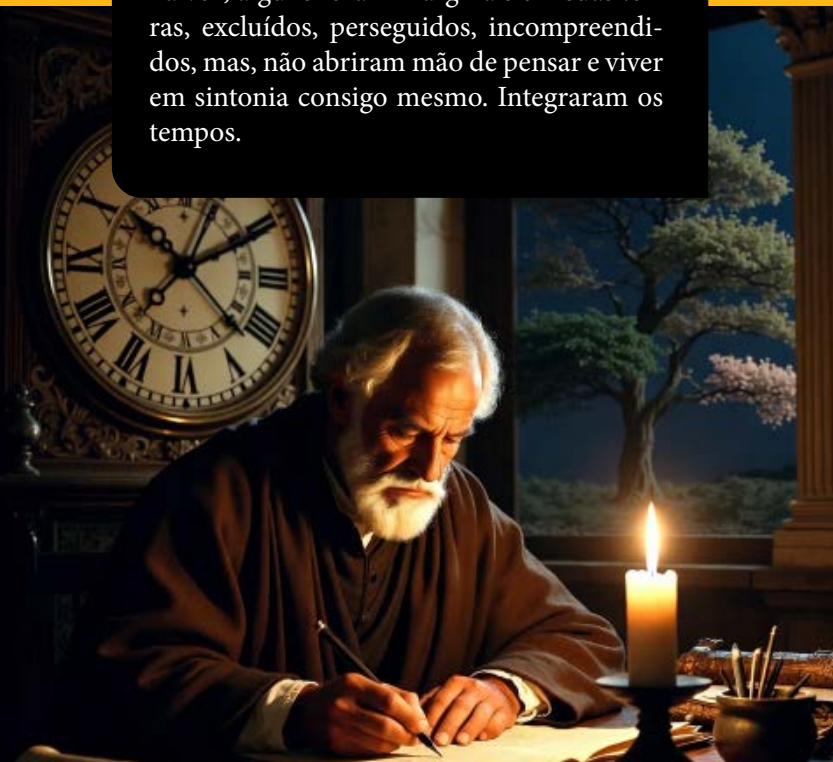


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Na mesma direção, séculos depois, ao refletir sobre o tempo, Heidegger diz que se, de fato, fosse o tempo cronológico que pautasse nossas atividades diárias, não seríamos mais do que meros executores de tarefas. No entanto, para o filósofo, há uma disposição afetiva no tempo que são os seres humanos que conseguem qualificá-la. Na prática, o tempo de Kairos, nos permite passar horas e não sentir a hora passar ou experimentar minutos de sofrimento que parecem ter durado anos.

Desta perspectiva, há um aspecto individual na experiência com o tempo. Ela pode fazer sentido para alguns, mas, ser

uma tortura para outros. Então, que experiências são vividas na escola? Elas alcançam a todos da mesma forma? O que elas significam para as pessoas com deficiência?

O espírito humano preza pela experiência, pela oportunidade e somente quando ele é capaz de agir no kairós, ele dá sentido ao Khronos e alcança sua dimensão transcendental, aquela que transcende o tempo linear e dá sentido pleno a sua existência: Aion. Essa interseção dos tempos pode nos ajudar a pensar a inclusão, pois, o respeito ao ser humano não se fará com base no que é uniforme, mas, no que é singular.



IMAGEM GERADA POR IA *usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026*

Colunista Sandra Santiago

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





13



ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

Arteterapia, uma breve introdução

Nos tempos atuais em que a vida segue célere, e o mundo parece apresentar cada vez mais características de instabilidade, estamos necessitados de um pouco de paz na alma para que a realidade não nos adoeça. A busca pelo sentido da vida, o dom de buscar a essência do eu interior e o discernimento para buscar os recursos que possam auxiliar nesta busca, são fatores

predominantes para o autoconhecimento. Uma das ferramentas disponíveis e eficazes para este autoconhecimento é a “Arteterapia”.

O estimado leitor já deve ter lido ou vivenciado este tema que, por meios singelos, venho abordar aqui. No entanto, acredito serem sempre bem-vindos novos olhares e perspectivas ao tema referido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

O que é, em síntese, Arteterapia?

A Arteterapia é uma prática terapêutica que utiliza recursos que contribuem para conectar o mundo interno do indivíduo à sua realidade externa. Pessoas são transformadas com essa abordagem, a arte consegue transformar vidas, e o terapeuta, neste processo, é um facilitador.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Histórico no mundo e no Brasil

A arte como terapia vem sendo pesquisada e aplicada desde o século XIX, embora houvesse sido utilizada desde o tempo das cavernas. À luz de pinturas de pacientes, o psiquiatra "Max Simon" analisou suas patologias, classificando-as segundo seus trabalhos artísticos. Na mesma época, outros médicos europeus também se interessaram pelas expressões artísticas de seus pacientes, dentre eles, Morsselli(1894), Júlio Dantas (1900) e Fusac(1900). Mohr, entretanto, foi quem realizou um

importante estudo comparando os trabalhos de doentes mentais com os de pessoas saudáveis e dos grandes artistas. Ele percebeu a manifestação de histórias de vida e de conflitos pessoais nestas criações.

Este importantíssimo estudo, posteriormente, influenciou o desenvolvimento de testes utilizados pela psicologia até os dias atuais. Por exemplo, o teste Rorschach e TAT (Murray).



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Foi no início do século XX que Freud se interessou pela arte e postulou que o inconsciente se manifesta por meio de imagens, e que estas podem transmitir uma riqueza de significados maior que as palavras. No entanto, foi Jung o primeiro a utilizar a expressão artística em consultório. Para ele, a simbolização do inconsciente ocorre na arte. Mas não foram apenas Freud e Jung que contribuíram para a utilização da Arteterapia.

Dois grandes nomes da psiquiatria no Brasil também o fizeram:

Osório César e Nise de Oliveira. Nomes estes, sobre os quais eu poderia discorrer sobre seus trabalhos por muito tempo. Em síntese, posso dizer que eles conseguiram utilizar a arte como base do processo terapêutico, proporcionando um tratamento mais humanizado e eficaz.

A Arteterapia é recomendada para qualquer idade, ela é democrática, ao estabelecer que sempre há tempo para o crescimento interior de cada indivíduo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Autoconhecimento por meio da arte

A arte possui uma linguagem universal, transcendendo o espaço e o tempo. Carrega em si a expressão da essência de cada indivíduo que nela mergulha. No contexto terapêutico, a arte deve ser espontânea, não deve ter a preocupação de seguir padrões estéticos, posto que deve ser livre. Sua livre expressão possibilitará a eficácia do autoconhecimento, a expansão da consciência, o crescimento interior do indivíduo em foco no tratamento. Cabe ao terapeuta a formação específica na área, uma vez que a disciplina é uma interface da arte e da terapia.

É imperativo que o profissional possua formação ou especialização na área e que tenha no currículo a carga mínima exigida pela União Brasileira de Arteterapia (UBAAT).

É vasto o campo de atuação de um arteterapeuta, visto que essa abordagem vem sendo reconhecida no mundo. Seu potencial para a recuperação de traumas, conflitos, depressão e tantas outras enfermidades da mente é visivelmente relevante.

O autoconhecimento por meio da expressão artística é uma mola propulsora para o bem-estar de cada paciente.

Idosos, crianças, adolescentes e adultos têm tido maravilhosos resultados com esta abordagem. E, como em outros textos que elaborei para esta revista que me acolhe, quero deixar meu "VIVA a ARTE"!!!!

Criar é curar, criar é trazer ferramentas de cura...



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Ferramentas comuns à aplicação da terapia

Há muitos meios de trabalhar com arte em terapia, mesmo que não se fale muito, gostaria de salientar a importância da leitura e da escrita nestes processos terapêuticos. A leitura amplia horizontes, expande a consciência e fortalece a criatividade. A leitura é um exercício terapêutico. E como separar a leitura da escrita terapêutica?

Não há separação. Uma escrita fluida sempre será amparada pelo indivíduo que possui o hábito da leitura. A palavra sempre será uma catarse, um mecanismo de expressão criativa, uma aliada na cura terapêutica para o pleno desenvolvimento das capacidades do indivíduo que busca ajuda através da terapia. Há uma grande gama de materiais utilizados pela Arteterapia, cada material evoca respostas diversas:

— Colagem: utiliza imagens já existentes, o que pode ser um agente facilitador para um determinado grupo de pessoas.

— Tecelagem: uma maneira diferente de organizar os pensamentos.

— Pintura e Desenho: Liberdade total no uso de formas e cores.

— Escultura: Excelente para tratar questões de limites e dar forma aos problemas.

O terapeuta criativo e dedicado encontrará um universo de recursos para o sucesso da abordagem. Deixo aqui uma frase de impacto que resume lindamente o tema que ora abordo por aqui:

Na arteterapia, a mão sabe como solucionar um enigma com o qual o intelecto lutou em vão. (Carl Jung)

Um paralelo que expande os nossos pensamentos para além da terapia. Há muito que aprender e crescer como indivíduos, buscando o autoconhecimento por meio de mecanismos que não são reservados ao espaço do intelecto. Além de mentes pensantes, somos seres intuitivos e emocionais. Há mistérios na alma humana que a razão desconhece.

A arte nos ensina que sua manifestação consegue humanizar, tocar a alma humana, trazer novas cores e encantos ao coração da humanidade.

A nós, cabe reconhecer, incentivar, apoiar e realizar projetos que envolvam expressões artísticas em sua gama infinita de opções.

O que importa é o “criar”, e o que o indivíduo sente enquanto cria, não o resultado final da obra.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SZA.ART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Alguns benefícios da arteterapia

— Qualidade de vida: Auxilia na capacidade de enfrentar desafios diários por promover o bem-estar e elevar a autoestima.

— Saúde física: fortalece o sistema imunológico, reduz o estresse e contribui para o tratamento de doenças como câncer, Alzheimer, Parkinson, agindo como grande

aliada nestes tratamentos.

— Saúde Mental: Auxilia na recuperação de traumas e doenças mentais, visto que alivia o estresse, a depressão e a ansiedade.

— Desenvolvimento: Aprimora a percepção, memória, linguagem e funcionamento psicomotor.

Considerações finais

A prática da Arteterapia é uma ponte que une o consciente ao inconsciente, expressões artísticas revelam além do que as palavras podem dizer. Por meio da expressão criativa, estabelece-se a união desta arte ao bem-estar psicológico, salientando que o foco da obra não é a estética, mas o processo de cura. Em dias atuais, cada vez mais andamos necessitados de bem-estar emocional. No corre-corre da vida, é preciso pausar a mente e deixar que ela extravase as an-

gústias e preocupações por meio da liberdade na expressão artística. Esta, por sua vez, possibilita que o indivíduo se redescubra e abrace um universo de infinitas possibilidades. Reservar um espaço para a criação espontânea é permitir que a alma descanse. O equilíbrio humano proporcionado pela abordagem holística da Arteterapia é fundamental para a integração do ser. A liberdade que a arte nos oferece é um bálsamo para quem sofre de ansiedade, depressão e traumas.



IMAGEM GERADA POR IA *usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026*



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026*

A arte conta a história de cada um e democratiza o acesso às emoções.

A arte lava a alma da poeira da vida cotidiana. (Picasso)



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

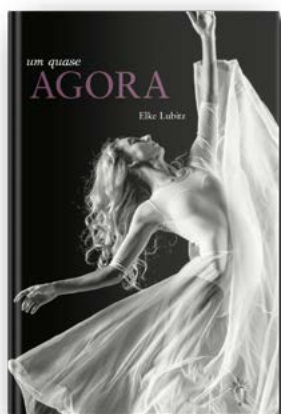
Agradecimento

Quero deixar registrado meu agradecimento à revista Internacional The Bar e ao seu idealizador, pela oportunidade de publicar meus textos que traduzem parte do meu ser.

Meu muito obrigado aos leitores que tão bem acompanham nosso trabalho.

Seguimos até a próxima edição...

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

Colunista Elke Lubitz

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





02



MIA KODA



Psicanalista, poetisa, espiritualista, escritora e criadora de conteúdo digital. Autora de seis obras, sendo “Rios Internos – Deixe sua essência fluir” sua publicação mais recente. Defensora da causa animal, destina parte dos direitos autorais para abrigos que resgatam animais abandonados. Membro da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – e vice-presidente da APL – Academia Penapolense de Letras. Redatora digital e colunista da Revista Internacional The Bard.

O TEMPO DOS SONHOS: SANTIAGO DE COMPOSTELA UMA PEREGRINAÇÃO INTERIOR

Ao longo dos séculos, Santiago de Compostela consolidou-se como um dos mais importantes centros de peregrinação do mundo ocidental. Desde a Idade Média, milhões de pessoas percorrem o Caminho de Santiago movidas por fé, promessas, busca de sentido ou necessidade de reorganização interior.

Mais do que um trajeto religioso, o Caminho tor-

nou-se um patrimônio cultural e humano, atravessando países, línguas e épocas, unindo desconhecidos pelo gesto simples de caminhar. Ao longo dos anos, a peregrinação moldou cidades, tradições, hospitalidades e narrativas de superação, tornando Santiago um lugar onde a história coletiva encontra as histórias individuais e onde cada chegada carrega, silenciosamente, séculos de passos que vieram antes.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026*

No entanto, desejo convidar você a olhar para a peregrinação a partir de outro ponto de vista. Entendo que na vida, há uma jornada menos visível, porém igualmente profunda, aquela que acontece em silêncio, mesmo quando os pés permanecem no mesmo lugar. É a peregrinação que a alma realiza enquanto espera,

amadurece e se prepara para reconhecer o seu tempo.

Talvez você carregue um sonho guardado há anos. Não porque tenha perdido valor, mas porque a vida pediu prioridades, responsabilidades e renúncias. Sonhos verdadeiros não desaparecem, eles aguardam, pois,

sabem esperar o momento em que nos tornamos capazes de sustentá-los.

Este texto é um convite para olhar com gentileza para esses chamados antigos e para refletir sobre o que se transforma em nós quando finalmente nos permitimos encontrá-los.

CADERNO DE RECOMEÇOS

Há sonhos que nascem muito antes de termos coragem de caminhar até eles.

O meu surgiu em 2001, quando eu trabalhava em Cuiabá, como auxiliar administrativa em uma empresa de produtos automotivos. Um dos sócios havia retornado recentemente do Caminho de Santiago de Compostela e nos contou como aqueles 45 dias de peregrinação haviam transformado sua maneira de existir. Ele falava de limites superados, de uma coragem que não conhecia e de uma sensação profunda de paz interior.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Algo despertou em mim naquele dia. Desejei sentir o que ele sentiu e plantei sua história no meu coração como quem deposita uma semente, confiando que, no tempo certo, ela germinaria.

Vinte e quatro anos depois, cheguei a Santiago de Compostela, na Espanha. Não percorri o caminho com os pés, mas caminhei com os olhos, com o coração e com a alma. Observei rostos de diferentes países, idades e histórias. Alguns chegavam exaustos, outros em silêncio. Todos, de algum modo, atravessados por uma emoção difícil de nomear, algo que apenas os lugares sagrados conseguem evocar.

A emoção que senti foi tão grandiosa quanto a própria catedral: sólida, imponente, testemunha silenciosa de incontáveis travessias humanas. Construída ao longo de mais de novecentos anos, ela carrega em suas paredes não apenas história, mas fé, promessas e esperas atravessadas pelo tempo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Estar ali foi compreender que certas obras, assim como alguns recomeços, pedem paciência, continuidade e confiança para se tornarem permanentes.

Nossos sonhos têm a capacidade silenciosa de nos devolver forças quando tudo em nós parece cansado. Eles funcionam como um lembrete íntimo de que a vida não se resume ao

que já foi vivido, mas também ao que ainda pode ser construído. Em muitos momentos, é o sonho que mesmo adiado, sustenta o impulso de recomeçar, oferecendo sentido quando as certezas falham. Sonhar não é escapar da realidade, é manter viva a parte de nós que acredita que ainda há caminhos possíveis, novas formas de existir e capítulos que merecem ser escritos com mais verdade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

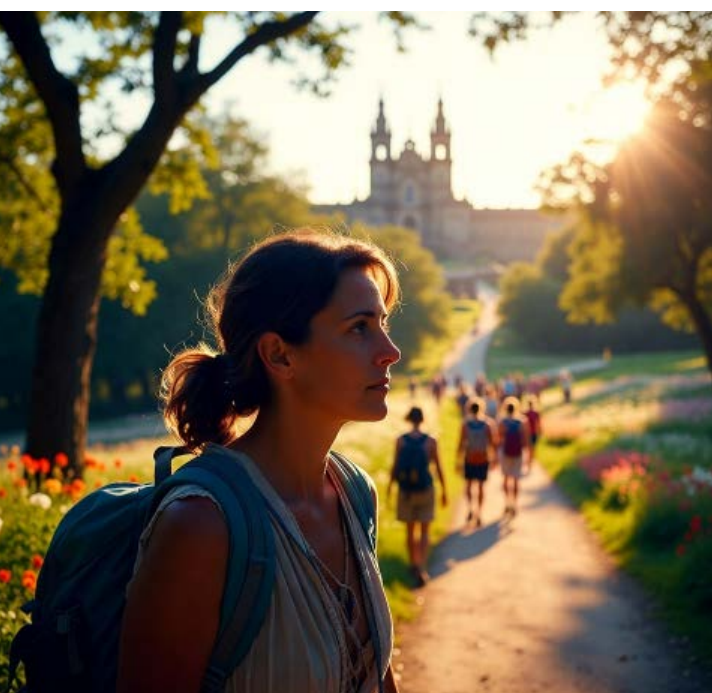


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

CARTOGRAFIA DA ALMA

Há lugares que não nos convidam a chegar, mas a nos reorganizar por dentro. Santiago é um desses territórios simbólicos onde o tempo desacelera, o silêncio orienta e a alma encontra espaço para se ouvir. Minha peregrinação, ali, não se definiu pelo deslocamento físico, mas pela forma como escolhi viver e repensar minha própria história, meus limites e escolhas.

Do ponto de vista filosófico, Søren Kierkegaard nos lembra que existir é assumir a responsabilidade de se tornar quem se é. Para ele, a transformação genuína não acontece na segurança da previsibilidade, mas na coragem de sustentar a própria existência diante da incerteza. A peregrinação simboliza, assim, o movimento interno de quem se dispõe a abandonar identidades antigas para acolher versões mais autênticas de si.

Sob a lente da psicanálise, Sigmund Freud compreendeu que muitos adiamentos não nascem da ausência de desejo, mas de mecanismos inconscientes de proteção. O medo da mudança, da perda ou do fracasso nos mantém onde estamos, mesmo quando esse lugar já não nos nutre. Colocar-se em movimento confronta essas defesas. Crescer implica reconhecer desejos guardados,

organizar angústias e aceitar que o controle absoluto sobre a vida é, em grande parte, ilusório.

A Cartografia da Alma não se desenha com mapas externos, mas com escolhas conscientes, já que a vida não se trata de chegar a um lugar, mas de permitir que durante a jornada algo em nós se torne mais verdadeiro e inteiro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

CRIAR-SE

A peregrinação pode ser compreendida como metáfora da superação dos próprios limites. Ao longo de um caminho, seja externo ou interno, somos convidados a atravessar medos, revisar crenças e

questionar fronteiras que, muitas vezes, foram construídas mais pela repetição do que pela verdade.

Reserve alguns minutos em silêncio e responda:

- Qual sonho ou projeto você adiou por acreditar que ainda não estava pronto?

- Que medo esse adiamento protegeu ao longo do tempo?

- Que pequeno passo você pode dar hoje para se aproximar desse sonho?

Não se trata de apressar o caminho, mas de reconhecer que todo movimento, por menor que seja, já é uma forma de peregrinação interior.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

ALMA EM VERSOS

Que possamos caminhar não apenas para obter respostas imediatas, mas para amadurecer as perguntas. Deixo alguns versos para inspirar sua própria peregrinação:

“Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar.”
— **Antonio Machado** (domínio público)

“Tudo vale a pena

*Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.”*
— **Fernando Pessoa** (domínio público)

*“Viva as perguntas agora.
Talvez então, gradualmente,
sem perceber, viva algum dia dentro das respostas.”*
— **Rainer Maria Rilke** (domínio público).



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

ENTRE LINHAS

Estar em Santiago de Compostela ao lado da minha filha, que em 2001 sequer havia nascido, foi um encontro especial entre tempos distintos. Aquela sementinha que me habitava antes de sua existência germinou e encontrou o futuro caminhando ao meu lado, como se a vida tivesse, silenciosamente, costurado passado, presente e porvir em um mesmo instante.

Ao observá-la ali, percebi que alguns sonhos não dizem respeito apenas a quem sonha, mas atravessam gerações, deixando marcas de coragem, sentido e continuidade. Compartilhar esse momento com meu marido, que sustenta e respeita meus sonhos, ampliou ainda mais essa compreensão: há caminhos que se tornam mais possíveis quando são acolhidos. Nem todo chamado precisa ser solitário; alguns florescem justamente porque encontram presença, apoio e amor para existir.

ESSENTIA

Santiago de Compostela ensinou-me que alguns sonhos não pedem pressa, pedem maturidade. E que a vida sempre nos apoia quando estamos disponíveis para recomeçar, mesmo que seja em silêncio.

Se esta mensagem tocou seu coração, conte-me: qual sonho antigo ainda chama pelo seu nome?

Compartilhe comigo no Instagram @miakodaoficial, um espaço de afetos, palavras e pequenos recomeços.

Com carinho,

Mia Koda



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





COLUNA RAÍZES DE MOÇAMBIQUE

13



Dany Amado Vasco



Dany Amado Vasco é um escritor e poeta moçambicano, nascido a 20 de dezembro de 2003 em Gurué, na província da Zambézia. Ele é conhecido por suas contribuições literárias e é colunista da revista *The Bard* em Moçambique. Dany Amado Vasco já participou de várias antologias nacionais e internacionais, destacando-se como um dos jovens talentos da literatura moçambicana.



A coluna Raízes de Moçambique é um espaço dedicado a explorar a rica cultura e as tradições de Moçambique. Nessa edição, você encontrará poemas traduzidos para a Língua Chona, permitindo que a beleza da poesia moçambicana ressoe em diferentes vozes e dialetos. Além disso, teremos uma entrevista exclusiva com um artista local, que compartilhará suas inspirações e visões sobre

o cenário artístico contemporâneo em Moçambique. A coluna também abordará temas como a importância da capulana na cultura moçambicana, considerada uma verdadeira coroa para a mulher moçambicana, simbolizando resistência, dignidade e orgulho.

Fique ligado para mais informações e para não perder a próxima edição!

As Línguas Nacionais: Raízes Vivas da Identidade Moçambicana

As línguas nacionais de Moçambique são mais do que meios de comunicação, são guardiãs da nossa história, cultura e forma de ver o mundo. Cada língua carrega saberes ancestrais, valores comunitários e memórias que não estão escritas nos livros, mas vivem nas pessoas.

O changana, macua, sena, lomué, ndau e tantas outras línguas moldam identidades e fortalecem o sentimento de pertença. É por meio delas que se transmite provérbios, histórias, rituais e ensinamentos que orientam a vida em comunidade.

No entanto, a crescente preferência exclusiva pelo português, sobretudo entre os jovens urba-

nos, coloca em risco essa herança cultural. Valorizar as línguas nacionais, na família, na escola e nos espaços públicos, é preservar as nossas raízes.

Defender as línguas moçambicanas é afirmar quem somos. Porque um povo que fala a sua língua, mantém viva a sua identidade.

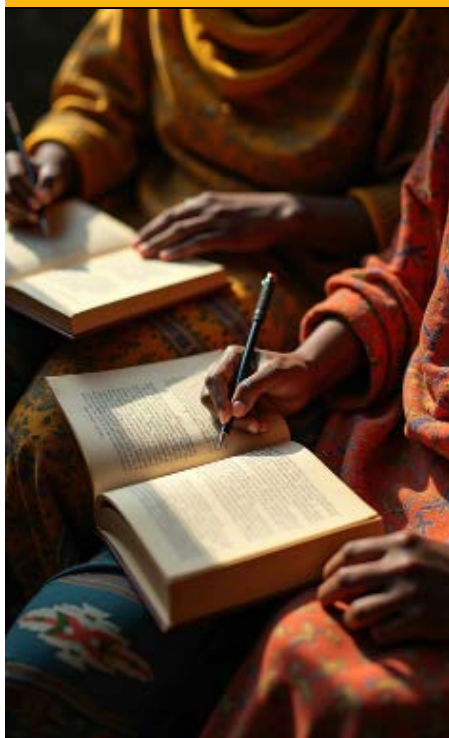
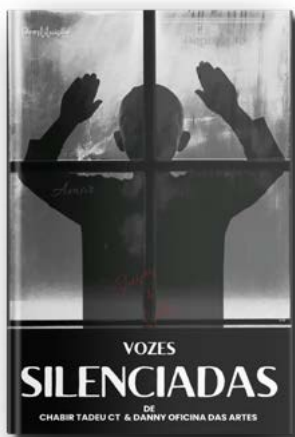


IMAGEM GERADA POR IA. Todos os direitos de Arty Soares Reis. Criada em 05/02/2026

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE





Chabir Tadeu CT, nascido aos 3 de dezembro, na cidade de Quelimane, “Moçambique”, escritor, ativista e formado em licenciatura em agropecuária. Editor e membro da Editora CLit, participou e organizou várias antologias. Os seus textos estão em várias plataformas, incluindo a Revista The Bard. Entrevistador da Coluna Raízes de Moçambique, da revista The Bard.

Terei o prazer de entrevistar um artista local, da província da Zambézia. Ele usa o “cafuro” como a matéria-prima de suas obras. Cafuro, para quem não sabe, é a casca do coco, conhecida como o endocarpo (parte dura do coco).

ENTREVISTA



Asulai José

Nascido no distrito de Chinde, Zambézia. Artista de arte cafuro, trabalha com cafuros ou melhor, casca de coco desde 2020.



1

Chabir Tadeu CT: Fale sobre você. Seu nome, de onde és e sobre a sua profissão.

Asulai José: Chamo-me Asulai José. Sou do distrito de Chinde, Zambézia.

Sou artista, trabalho com cafuros, ou melhor, casca de coco. Trabalho com esse material há uns 4 anos.

2

Chabir Tadeu CT: O que te inspirou a começar a criar arte com cafuro?

Asulai José: Primeiramente, foi para marcar diferença na zona e daí tivemos muito incentivo na zona. Daí, lentamente, fomos crescendo e fomos levando em diante.

3

Chabir Tadeu CT: Como descobriste que o cofuro poderia ser usado como matéria-prima artística?

Asualai José: Foi uma descoberta repentina. Peguei a parte dura do coco e começamos a raspar, e a arte foi surgindo. Assim, sucessivamente, levamos a arte até o que é hoje.

5

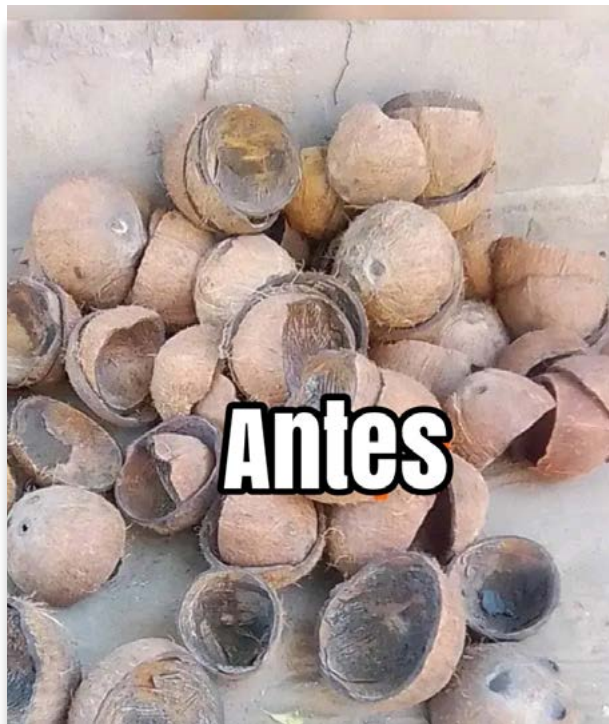
Chabir Tadeu CT: E em quanto tempo, em média, levamos para produzir uma peça?

Asualai José: Depende da peça.

7

Chabir Tadeu CT: Que tipo de ferramentas usas para esculpir ou moldar os cafuros?

Asualai José: As principais ferramentas são a lixa, cola, verniz e outros.



4

Chabir Tadeu CT: Os principais desafios são atender à demanda do mercado.

Asualai José: Dificuldades principais são atender os clientes (as encomendas) a prazo.

6

Chabir Tadeu CT: A mais simples, leva quanto tempo?

Asualai José: A simples leve leva 2 horas de tempo.

8

Chabir Tadeu CT: Qual foi a tua criação mais especial ou marcante até agora?

Asualai José: Máscaras e flores.





9

Chabir Tadeu CT: Já pensaste em combinar o cafuro com outros materiais para criar artes?

Asualai José: Sim, mas ainda estou tentando.

11

Chabir Tadeu CT: Já tiveste alunos que tiveram interesse em aprender e aprenderam?

Asualai José: Sim, já tive e tenho alguns alunos.

13

Chabir Tadeu CT: Muito bom! Que mensagem daria para quem quer aprender a sua arte?

Asualai José: O segredo é paciência, dedicação, amor e carinho com o trabalho.



10

Chabir Tadeu CT: Tens interesse em ensinar outras pessoas a trabalharem com esse tipo de arte?

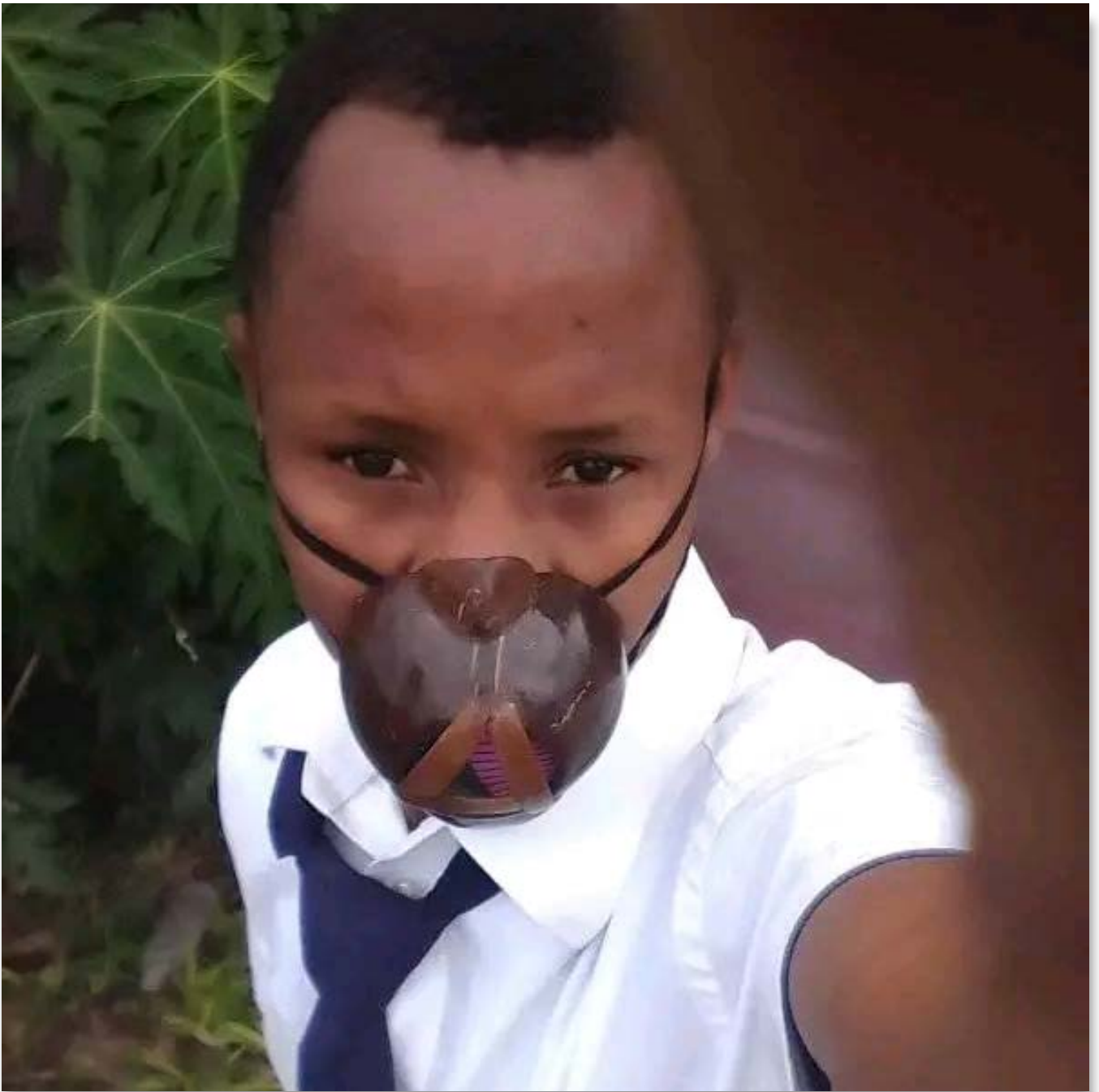
Asualai José: Sim, tenho.

12

Chabir Tadeu CT: Tens participado de feiras, festivais para expor suas obras?

Asualai José: Sim, ao nível da província da Zambézia.





INSTAGRAM



POST NO SITE





Danny Amado Vasco, escritor e poeta moçambicano, nascido a 20 de dezembro de 2003 em Gurué, na província da Zambézia. Ele é conhecido por suas contribuições literárias e é colunista da Revista The Bard em Moçambique. Dany Amado Vasco já participou de várias antologias nacionais e internacionais, destacando-se como um dos jovens talentos da literatura moçambicana.

PORTUGUÊS NDIMU NIWE

Ndimu niwe, você é o meu refúgio.
O meu porto seguro, onde eu me aninho.
Nas noites de escuridão, você é a luz.
Que me guia e me conduz, através da cruz.

Você é o meu sol, que brilha forte.
A minha chuva, que me dá vida e sorte.
Você é o meu tudo, o meu coração.
A minha razão de ser, a minha canção.

Ndimu niwe, você é a minha paz.
O meu abrigo, onde eu me sinto em casa.
Você é a minha força, que me levanta
A minha esperança, que me faz cantar.

Nas ruas de Maputo, onde a vida é dura.
Você é o meu sorriso, que ilumina a cultura.
Você é a minha alegria, que me faz dançar.
A minha música, que me faz cantar.

Ndimu niwe, você é a minha vida.
O meu amor, que não tem medida.
Você é o meu tudo, o meu paraíso.
A minha razão de ser, o meu compromisso.

Então, vamos viver este momento.
E fazer dele um sonho.
Vamos amar, com o coração aberto.
E fazer do nosso amor um porto seguro.

DIALETO CHONA NDIMU NIWE

Ndimu niwe, ndimi nzvimbo yangu yekupotera
Nzvimbo yangu yakachengeteka, kwandinogara
Muhusiku hwerima guru, ndimi chiedza
Chinonditungamira uye chinonditungamira kuburikidza
nemumuchinjikwa

Ndimi zuva rangu, rinopenya zvakajeka
Mvura yangu, inondipa hupenyu nerombo rakanaka
Ndimi zvese zvangu, moyo wangu
Chikonzero changu chekuvapo, rwiyo rwangu

Ndimu niwe, ndimi rugare rwangu
Nzvimbo yangu yekupotera, kwandinonzwa ndiri kumba
Ndimi simba rangu, muchindisimudzira
Tariro yangu, muchindiita kuti ndiimbe

Mumigwagwa yeMaputo, uko hupenyu hwakaoma
Ndimi kunyemwerera kwangu, kuchivhenekera tsika
Ndimi mufaro wangu, muchindiita kuti nditambe
Mimhanzi yangu, muchindiita kuti ndiimbe

Ndimu niwe, ndimi hupenyu hwangu
Rudo rwangu, rusingayereki
Ndimi zvese zvangu, paradhiso yangu
Chikonzero changu chekuvapo, kuzvipira kwangu

Saka, ngatiramei nguva ino
Uye tiite kuti ive hope
Ngatidei nemoyo yakavhurika
Uye tiite kuti rudo rwedu ruve nzvimbo yakachengeteka

INSTAGRAM



POST NO SITE





Bernardo Francisco Salvador, conhecido no meio literário poético como Belldryzzez, o poeta perdido, nascido em 30 de maio de 2002, no posto administrativo de Chalaua, distrito de Moma, Província de Nampula, Moçambique. Desde cedo, mergulhou-se no universo da escrita e canção, explorando temas e projetos musicais como identidade, memória e resistência, com foco na realidade africana.

PORTUGUÊS DESILUSÃO

Se quiser baixar os braços,
Abra aquela porta e jogue a toalha.
Mas se for,
Saiba que foi você
Que optou por desistir.

De tudo que brilha
A ti, te escolhi e amei,
Mas de arrogância
E orgulho hoje quer tudo destruir.

Fogo e água
Pela lei da natureza
Ambos não percorrem a mesma trajetória,
Quer que assim seja a nossa história?

Ah, que vitória!
O Satanás está na glória.
Pela tua ignorância e pelo fim da nossa história.

Os anjos choram
Num grito longe, dá para escutar.
Eles choram
Um sinal no rosto dá para enxugar.
Que azar!

DIALETO CHONA KUORA MWOYO

Kana uchida kudzikisa maoko ako,
Vhura gonhi iroro wokanda tauro.

Asi kana uchidaro,
Ziva kuti ndiwe
Wakasarudza kurega.

Pazvinhu zvose zvinopenya, ndakakusarudza
uye ndakakuda,
Asi nekuda kwekuzvikudza
Uye nhasi unoda kuparadza zvese.

Moto nemvura, Nemutemo wezvisikwa,
Usatevere nzira imwe chete,
Unoda kuti nyaya yedu ive yakadaro here?

Ah, kukunda kwakadini!

Satani ari mukubwinya, Nekuda kwekusaziva
kwake uye kuguma kwenyaya yedu.

Ngirozi dzinochema, Mukuchema kuri kure,
zvinogona kunzwicka.

Dzinochema, Chiratidzo pachiso chadzo,
chinogona kubviswa.

Rombo rakaipa sei!

FACEBOOK



POST NO SITE





Eunice da Flora, moçambicana, natural da cidade de Maputo. Tem-se destacado pela sua entrega à arte, à palavra e à reflexão social. Através da escrita, da poesia e da expressão cultural, constrói pontes entre sentimentos e consciências. Utiliza a arte como forma de resistência, cura e empoderamento. Seu compromisso com a verdade e com as causas humanas. Acredita no poder da palavra para curar, educar e despertar.

PORTUGUÊS PEDAÇOS DE PAIXÃO

Pelas pétalas do pensamento
Planto promessas no perfume do teu peito.
Pouso palavras puras
Procurando paz no pulso do teu paraíso.

Pele com pele
Pulso com pulso.
Parecemos um poema pintado pelo próprio pôr do sol.

Pernas entrelaçadas
Pupilas perdidas.
Partilhamos possibilidades.
Perdemos o plano e preferimos o presente.

Pecado? Talvez
Prazer? Com certeza.
Porque por trás de cada palavra tua.
Pulsa uma poesia que me persegue.

Parece pouco dizer que te preciso,

Porque precisar de ti é respirar.
Permanecer em ti é como pousar.
Num planeta só nosso.
Onde paixão é princípio e permanência é ponto final.

Continua no site...

DIALETO CHONA ZVIDIMBU ZVECHIDO

Kuburikidza nemaruva epfungwa, ndinodyara zvipikirwa muzvinonhuwira zvechipfuva chako. Ndinoisa mazwi akachena, ndichitsvaga rugare mukurova kweparadhiso yako.

Ganda kune ganda, kurova kwemoyo, tinoita senhetembo yakapendwa nekunyura kwezuva pacharo.

Makumbo akabatana, vadzidzi vakarasika, tinogovana mikana, tinorasikirwa nehurongwa uye tinosarudza zviripo.

Chivi? Pamwe. Mufaro? Zvechokwadi.

Nekuti kuseri kweshoko rako rega rega, kunorova nhetembo inondinetsa.

Zvinoita sezvisina kukwana kutaura kuti ndinokuda, nekuti kukuda kwakafanana nekufema. Kuramba uri mauri kwakafanana nekusvika panyika iri yedu chete, uko chido chiri kutanga uye kugara kwenguva refu ndiko kuguma.

Continua no site...

INSTAGRAM



POST NO SITE





Filomena Nhancale, poetisa, vive em Moçambique desde a sua pequena idade. Estudante do curso de Enfermagem Geral. Ligada aos grupos com interesse em resgatar a identidade africana, onde faz parte dos Caminhos para África, Núcleo Cultural da Machava sede, Editora CLit. Atualmente faz trabalhos voluntários de associativismo com fazedores das artes da CPA e UDM, comemorando que tem com as instituições assim como movimentos culturais.

PORTUGUÊS COMO AFRICANO, SOU PESADO

Como africano, sou pesado.
Como africano, sou pesado.
Carrego raízes e,
Diretrizes e me torno a
Força motriz desta nação.

A cada movimento
Faço alinhamento
Do conhecimento
Com discernimento.

Agora
Agora menos momentos até monumentos
dos meus antepassados.
Como africano, sou pesado.
Despi do trauma da escravatura.
Cavei mais fundo para manter a postura
E regar a agricultura.
Revisitei, trazendo a cultura.
Como africano, sou pesado.
Não é à toa que o homem mais rico da história é da África,
é que por natureza sou pesado.

Rompi correntes que me faziam cão negro.
E agora, por via da colonização sistemática, vendem-me o
mesmo como pin para realçar a beleza.
E eu, com realeza, sou pesado.
Sou a firmeza de cada riqueza, sua excelência sou pesado.

DIALETO CHONA SEMUNHU WEAFRICA, NDINOREMA

Semunhu weAfrica, ndinorema. Semunhu weAfrica,
ndinorema. Ndine midzi nenhungamiro, uye ndinova
simba rinotungamira rudzi urwu.

Nekufamba kwega kwega, ndinoenzanisa
ruzivo nekunzwisisa.

Zvino, munguva pfupi, ndinosvika pazviyeuchidzo
zvemadzitateguru angu.

Semunhu weAfrica, ndinorema. Ndinobvisa
kushungurudzika kweuranda. Ndakachera
zvakadzama kuti ndirambe ndakamira uye ndichitarisira
kurima. Ndakasvika pamusoro ndichiunza tsika.

Semunhu weAfrica, ndinorema. Hazvisi zvengozi kuti
munhu akapfuma munhoroondo anobva kuAfrica;
imhaka yekuti nemasikirwo angu ndinorema.

Ndakatyora cheni dzakandiita imbwa nhema.
Uye ikozvino, kuburikidza nekukoloniwa kwakarongeka,
vanonditengesa zvakafanana nepini yekuwedzera runako.
Uye ini, nehumambo, ndinorema.

Ndiri kusimba kwepfuma yega yega, kunaka kwayo,
ndinorema.

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



LANÇAMENTO

MARÇO & ABRIL DE 2026

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

"A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"



36ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2026

Do silêncio às páginas impressas:
"o papel da Tipografia na democratização
da informação no Brasil"

37^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO DE 2026

PERÍODO DE **08** DE FEVEREIRO À **31** DE MARÇO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

12


CRIS GOMES


Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

PÉ DE CHINELO OU PEDE CHINELO?



Saudações, caros leitores!

Não querendo fugir muito da temática desta edição, mas também evitando as repetições, fiquei pensando na palavra viagem e em tudo que pode estar relacionado. Mitos, lendas, pesquisas científicas, viajantes profissionais, turismo de toda espécie e lugar.

Ainda assim, custei a fixar minha ideia em algum ponto que me permitisse discorrer aqui. Sentada diante do meu notebook, fiquei olhando ao redor e deparei-me com meus pés envolvidos em um confortável chinelo. Parei. Fiquei uns minutos vasculhando as memórias e num clique, a viagem aconteceu... Voltei ao tempo de criança...

Houve um tempo em que eles — os chinelos — “cantavam” nas minhas pernas, deixando marcas que eu tentava, em vão, esconder. Minha mãe era ligeira na pegada e intensa na vontade. O formato dele ficava tatuado, ainda que provisoriamente. Sorte minha e da meninada da época que a marca desaparecia, embora, às vezes, nem tão rápido, tamanha a intensidade, mas sumiam, ainda bem. Durante muito tempo, eles foram considerados instrumento pedagógico familiar, acreditam? Minha opinião, na época, era bem diferente, mas isso não contava, é claro.





IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 03/02/2026"

Também me lembro deles gastos, quase num fio, fininhos mesmo, devido ao uso como freio nos carrinhos do rolimã dos meus primos. Eles construíam o veículo com caixotes de feira, pregos usados e madeiras descartadas pelos vizinhos. Era empenho de todos conseguirem material para o projeto. E cada um saía com uma missão. Só retornava com sua parcela de contribuição. A etapa seguinte era conseguir emprestadas as ferramentas. Isso era fácil. Um tio ou

um pai sempre dizia sim.

Após pronto, o teste era imprescindível. Era a vez dos chinelo entrarem em ação, evitando joelhos ralados ao final da descida. Que adrenalina! As mães ficavam furiosas porque os chinelo tinham que durar muito tempo e a brincadeira custava pares novos, ou não... o nosso castigo era ficar com os velhos, andando e sentindo cada irregularidade do caminho como se os pés estivessem descalços.

Outra lembrança que me vem à mente é o jogo de futebol. Os chinelo também marcaram presença nesse evento. Lembro também deles usados como luva de goleiro. Eu era péssima, mas insistia na brincadeira porque eles queriam jogar bola o tempo todo. Era a única posição que eles me ofereciam. Sem saída e sem primas — só tinha primos — eu topava.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 03/02/2026"

Não queria ficar só vendo, queria brincar, nem que fosse no gol.

Viajando mais um pouco nas memórias infantis, revivi cenas nas quais o chinelo era usado para demarcar terra — não era nenhuma espécie de reforma — era espaço para times se organizarem, equipes se aprontarem e ninguém ousava desrespeitar. As marcações eram sagradas e o chinelo ficava onde deveria ficar. De vez em quando, um atrevido mexia, tentando ganhar mais espaço. Logo, o chinelo tinha outro uso: voava acertando o matreiro.

E ainda das profundezas da minha memória, pesquei o arremesso de chinelo. Ah, essa eu adorava e tinha alguma chance contra os meninos. Era boa de mira. Eles colocavam latas de óleo de cozinha vazias — naquele tempo não era garrafa plástica — a uma distância medida em passadas, meu Deus, como era imprecisa aquela medição, dependendo totalmente do tamanho de cada um. Cada lata valia pontos diferentes dependendo da distância (perto, menos pontos; longe, mais pontos). Às vezes, alguém tinha a brilhante ideia de colocar lata de massa de tomate só para dificultar a situação, eram menores.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 03/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/02/2026"

Ao final, quem somasse mais pontos era o vencedor. Confesso que ganhei, para desespero deles, algumas vezes. Era o dia inteiro rindo de cada um e me consagrando a vencedora. Eles aceitavam raramente sem reclamar.

Para nós, tudo era apenas diversão. Não sabíamos que ali estavam sendo desenvolvidas habilidades cognitivas valiosas para nossa vida, como coordenação motora, criatividade, trabalho em equipe, planejamento etc. O que contava eram as inúmeras possibilidades de brincar com um par de chinelos; no nosso caso, muitos pares.

A nossa infância foi simples, mas feliz. Para nós, o chinelo era história construída com diversão e pé descalço, porque o chinelo estava sempre numa brincadeira.

Mas, você sabe a história do chinelo? Não?

Vem viajar comigo e não é brincadeira de criança.

Voltando no tempo, num mundo tão, tão distante...

Os primeiros registros de calçados abertos semelhantes ao chinelo datam de mais de 5 mil anos.

O famoso calçado surgiu da necessidade humana de proteger os pés ao andar por lugares incômodos. No Egito Antigo, eram feitos de papiro e folhas de palmeira. O uso era restrito aos ricos e nobres; já na Mesopotâmia e Índia eram mais simples e eram presos aos pés por tiras de couro; na Grécia e Roma tornaram-se mais populares, eram usados no dia a dia e o acabamento/material era o que diferenciava a classe social.

Mas foi o chinelo japonês, um feito de palha de arroz e outro de solado de madeira, que definitivamente influenciou o formato do chinelo moderno com tira em "Y". Ao término da Segunda Guerra Mundial, os soldados americanos levaram o modelo para casa. Nos Estados Unidos, o item logo foi aceito pela simplicidade e conforto. Enfim, o chinelo havia chegado ao ocidente. O calçado leve e barato se espalhou pelo mundo e foi conquistando adeptos rapidamente.

No Brasil, a empresa brasileira Alpargatas S/A, que desde 1907 produzia calçados para a classe trabalhadora, acompanha a aceitação mundial do novo calçado e lança em 1962 a marca “Havaianas” (chinelo simples e barato fei-

to de borracha inspirado no modelo japonês). O produto, com o passar do tempo, tornou-se o carro-chefe da empresa e expandiu a marca para o mundo, chegando a mais de 100 países.

Outra marca consolidada no país é Ipanema — do grupo Grendene. Os chinelos Ipanema conquistaram o público brasileiro com design inovador, marketing forte e sustentabilidade na produção.

Atualmente, Havaianas e Ipanema dividem o mercado brasileiro, seguidas de outras marcas. Ambas investiram no visual, conquistando público de todas as idades.

O chinelo ganhou posição de acessório elegante e tornou-se “marca” do povo brasileiro, uma expressão de nossa brasilidade. Num país tropical como o nosso, esse calçado reforça a leveza e conforto tão exigidos pelo consumidor, além da beleza nas criações que não param de surpreender todas as idades. Deixou de ser simples para ostentar ares de estrela.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/02/2026"

Atualmente, o chinelo é sinônimo de intimidade, já que faz parte da casa, da família, da vida e do lazer global. As pessoas se rendem ao prazer de ter um bom produto nos pés após um dia de atividade. Concorda?

Se concordou, continue viajando comigo que vou lhe contar algumas curiosidades sobre tão famoso item, vem:

— Há chinelos feitos com fio de ouro, adornados com diamantes e cristais, e custam alguns milhares de dólares.

— É um dos calçados mais vendidos no planeta (bilhões de pares são produzidos e comercializados anualmente).



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/02/2026"

— Já foi proibido em certos lugares (entrar em prédios públicos, escolas, igrejas era desrespeitoso). Hoje ainda em alguns.

— Artistas contemporâneos usam chinelo em atuações para representar identidade e estilo.

— Existe o Dia Internacional do Chinelo (02 de fevereiro). Essa data não é oficial. Na verdade, é parte das estratégias das empresas do setor que aproveitam o dia para falar de conforto, uso e sustentabilidade, além de aproveitarem para lançar novas coleções.

— No Brasil, virou expressão pejorativa (pé de chinelo). Hoje, o valor dessa expressão caiu em desuso porque o famoso objeto alcançou patamar de item “caro”.

— Existem chinelos específicos (hospitais, por exemplo).

— A borracha vulcanizada tornou o chinelo um produto barato e durável.

— É o calçado mais esquecido pelos hóspedes durante suas viagens, mas sempre está na mala de qualquer turista

— O chinelo virou símbolo internacional do Brasil. O produto voltou a seduzir o consumidor brasileiro.

— É um dos objetos mais universais do planeta.

Apesar de ser um item que suscita inúmeras curiosidades, há também que se falar sobre um assunto delicado que é o preconceito/discriminação.

O chinelo surgiu da necessidade de proteger os pés utilizando o que a natureza oferecia; no entanto, logo tornou-se restrito aos que tinham posse. O objeto comum ganhou ares de nobreza, revelando comportamento e cultura ao longo da história.

No Brasil, houve um tempo em que usar chinelo era sinônimo de inferioridade na pirâmide social. “Ele é um pé de chinelo.” — esse era o discurso dos mais afortunados. A pobreza como marca daqueles que usavam calçado barato ou que não tinham calçados caros, feitos de material de primeira linha, como couro, por exemplo.

Então, por que um objeto tão funcional é associado à desvalorização social? Porque o ser humano ainda julga pela aparência, infelizmente. As pessoas ainda valem por aquilo que possuem, não pelo que são. Roupas e calçados caros são indicativos de riqueza e caráter. Será? Temos visto que não.



IMAGEM GERADA POR IA - "camilo SEABERT", sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 05/02/2025

Ainda bem que a vida é movimento. O chinelo mudou. Ficou mais alegre, colorido, sustentável e conquistou todo tipo de público. Além de ser democrático, ele assumiu definitivamente seu lugar na rotina das pessoas. É sinônimo de bem-estar e intimidade. Não há nada melhor do que chegar em casa e trocar o sapato pelo chinelo. Parece que o pé pede chinelo para se desconectar dos afazeres do dia e sintonizar com o ambiente familiar, com a casa.

O chinelo faz parte do lar. É parte integrante dos momentos de descanso e paz.

Mais que um objeto simples e necessário, é fenômeno cultural e antropológico que resistiu ao tempo, ao preconceito e até à propaganda de certa artista famosa.

Ele faz parte da minha vida e da sua também, tenho certeza, então, e por isso, te convido a engrossar o coro e dizer comigo: Viva o chinelo!

Fica bem.

Até a próxima edição.

Cris Gomes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 03/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 03/02/2026"

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





11



BETH BALTAR

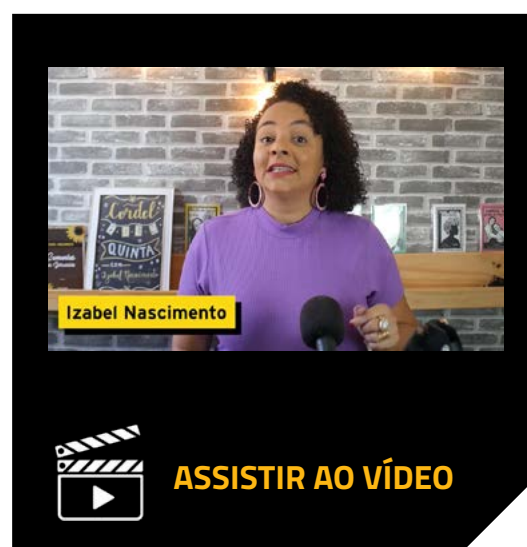


Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel. Colunista da Revista Internacional The Bard e do Jornal The Bard News.

MÉTRICA: AS SÍLABAS POÉTICAS DO CORDEL

A literatura de cordel, no Brasil, não evoluiu de forma harmoniosa. A literatura oral, que antecipou a escrita, sempre buscou uma forma estrutural para compor suas estrofes, que no início eram sem métrica, mas com versos, o que muitas vezes, serviu para definir o gênero. Esses gêneros orais foram adotados para a literatura popular escrita, embora esta, aos poucos, tenha conseguido ampliar seus gêneros, alguns sob a influência jornalística ou da literatura erudita. A esta classificação denominamos de silábica e estrófica.

Para conhecermos esta classificação, a Poetisa Izabel Nascimento apresenta o vídeo-aula sobre metrificação:



O verso mais curto conhecido na literatura é a parcela ou de quatro sílabas. A parcela é um gênero de cantoria constituída por estrofes com versos de quatro sílabas, também conhecida como Décima de versos curtos. Embora hoje, ainda, existam cantadores que a usam nas despedidas feitas, costumeiramente, no final das apresentações; no passado, tinha o objetivo de confundir o oponente. Neste gênero, destacaram-se os cantadores Pedra Azul,

Manoel da Luz Ventania, José Félix e o cego Benjamim Mangabeira. Como exemplo, apresentamos os versos de Pedra Azul:

*Eu sou judeu
Para o duelo!
Cantar Martelo
Queria eu!
O pau bateu
Subiu poeira!
Aqui na feira,
Não fica gente!
Queima a semente
Da bananeira!*

Surgida quase um século depois das estrofes de quatro versos, em a parcela de cinco sílabas, também, cantada em ritmo acelerado e que exigia rapidez de raciocínio do repentista, como encontramos na Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, texto escrito pelo poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral:

Pretinho

*no sertão eu peguei
um cego malcriado
danei-lhe o machado
caiu, eu sangrei
o couro tirei
em regra de escala
espichei numa sala
puxei para um beco
depois dele seco
fiz dele uma mala*

A evolução desta modalidade se deu, naturalmente, para formar a atual sextilha, estrofes de seis versos de sete sílabas, que passou a ser a mais indicada para os longos poemas romanceados. É a forma de cordel atual mais completa, a modalidade mais rica e obrigatória no início de qualquer embate poético, nas longas narrativas, sátiras políticas e sociais e em folhetos de época. José Camelo de Melo Rezende, poeta paraibano, exemplifica através dos versos seguintes:

*Eu vou contar a história
De um pavão misterioso
Que levantou vôo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso*



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

Cego

*Negro, és monturo
Molambro rasgado
Cachimbo apagado
Reganto de muro
Negro sem futuro
Pena de traição
Boca no porão
Beijo de gamela
Venta de moela
Moleque ladrão*



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

O cantador alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador fez uma adaptação à sextilha, criando o estilo de sete versos, conforme se pode averiguar no exemplo seguinte:

*Amigo José Gonçalves
Amanhã cedinho, vá
A Coatis, onde reside
Compadre João Pirauá,
Diga a ele dessa vez,
Que amanhã das seis a seis,
Deus querendo, eu chego lá!*

As septilhas são estrofes com rimas deslocadas, constituída de seis linhas, seis pés ou de seis versos de sete sílabas, nomes que têm a mesma significação. Na Sextilha, rimam as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos. No poema de José Pacheco da Rocha, poeta pernambucano, encontramos essas estrofes:

*Vamos tratar da chegada
Quando Lampião bateu
Um moleque ainda moço
No portão apareceu
- Quem é você, Cavaleiro -
- Moleque, sou Cangaceiro -
Lampião lhe respondeu.*

Atualmente de pouco uso, Gabinete foi um estilo muito apreciado pelo cego Aderaldo. É cantado em versos de sete sílabas, sem número de linhas determinado e com estribilhos nas linhas, como exemplifica o poeta pernambucano Otacílio Batista:



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

*O povo deseja ouvir
Um Gabinete bonito;
Poeta, só acredito
Se você não me mentir.
Trate de se prevenir
Para poder cantar bem
Eu comprei um cartão
Para viajar no trem:
Sem cartão ninguém vai,
Sem cartão ninguém vem!
Vai e vem, vem e vai,
Vem e vai, vai e vem.
Quem não tem o que eu tenho,
Morre danado e não tem!
Quem estiver com inveja,
Se esforce e faça também ...
Cavalo bom é ginete;
Quem não canta Gabinete,
Não é cantor pra ninguém!*

O quadrão tem sido o estilo que recebeu o maior número de alterações, não só na sua forma interna, mas, também, na estrutura das estrofes, em geral. O quadrão em oito apareceu com ligeira modificação na sua forma interna, isto é, o quarto verso que rimava somente com o oitavo passou a rimar também com o quinto. Numa homenagem póstuma ao ilustre mestre Lacerda Furtado, transcrevemos um quadrão no novo estilo, por ele escrito e oferecido ao grande cordelista paraibano Joaquim Batista de Sena:

*Namorando a Salomé,
Vi a barca de Noé,
Palestrei com Josué,
Com Jacó e Salomão;
Travei luta com Sansão,
Nadei no delta do Nilo,
Montado num crocodilo,
Cantando os oito em Quadrão!*



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

Com versos de doze sílabas, e conservando a mesma ordem das rimas do estilo anterior, criou-se o quadrão trocado, estilo que exige muita segurança e desembaraço do repentista; apresentando, a partir da terceira linha, palavras que vão se alternando no verso subsequente. As duas últimas linhas da estrofe formam o estribilho que se encerra com a palavra Quadrão. O repentista pernambucano Dimas Batista improvisou essa difícil estrofe:

*É no sangue, é no povo, é no tipo, é na raça,
É no riso, é no gozo, é no gosto, é na graça,
É no pão, é no doce, é no bolo, é na massa:
É na massa, é no bolo, é no doce, é no pão;
É cruzado, é vintém, é pataca, é tostão,
É tostão, é pataca, é vintém, é cruzado;
É Quadrão, é Quadrinha, é Quadrilha, é Quadrado,
É Quadrado, é Quadrilha, é Quadrinha, é Quadrão.*



No quadrão dialogado o último verso é cantado pelos dialogantes e não por um só, como no caso anterior. Como exemplo, apresentamos o desafio dos cantadores cearenses Simplício Pereira da Silva e Manoel Furtado:

*S.P. Colega, lá vem um sapo,
M.F. Ou por outra, um cururu!
S.P. Não vem vestido nem nu,
M.F. Porém vem batendo o papo!
S.P. Eu, nele, dou um sopapo!
M.F. Boto fora do salão ...
S.P. Pego, nele, com a mão;
M.F. Depois rebolo no mato ...
S.P. O guaxinim come o fato,
S.P. e M.F. Lá se vai dez a Quadrão!*



O moirão sofreu grandes variações ao longo do tempo. É uma modalidade, em que os cantadores se revezam dentro da mesma estrofe. Exemplificamos um Moirão de seis linhas, cantado pelos paraibanos Romano e Inácio:

*I Seu Romano, estão dizendo
Que nós não cantamos bem!
R Pra cantar igual a nós,
Aqui não vejo ninguém
I E o diabo que disse isto
É o pior que aqui tem!*

A décima, embora de origem

clássica, é um estilo muito apreciado, desde os primórdios da poesia popular, principalmente, por ser escolhido para os motes, em que os cantadores fecham cada estrofe com os versos da sentença dada, passando a estância a ser denominada de glosa. Vejamos os poetas paraibanos José Alves Sobrinho e Zé Limeira, como exemplo:

Mote:

*VOCÊ HOJE ME PAGA O QUE
TEM FEITO*

COM OS POETAS MAIS FRACOS DO QUE EU.

Sobrinho:

*Vou lhe avisar agora Zé Limeira
Dizem que quem avisa amigo é
Vou lhe amarrar agora a mão e o pé
E lhe atirar naquela capoeira
Pra você não dizer tanta besteira
Nesta noite em que Deus nos acolheu
Você hoje se esquece que nasceu
E se lembra que eu sou bom e perfeito
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu.*

Zé Limeira:

*Mais de trinta da sua qualistria
Não me faz eu correr nem ter sobrosso
Eu agarro a tacaca no pescoço
E carrego pra minha freguesia
Viva João, viva Zé, viva Maria
Viva a lua que o rato não lambeu
Viva o rato que a lua não roeu
Zé Limeira só canta desse jeito
Você hoje me paga o que tem feito
Com os poetas mais fracos do que eu.*





IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

A parcela é uma décima com versos de quatro ou de cinco sílabas, conhecida também pela denominação de Décima de versos curtos. Apresentamos, como exemplo, a peleja de Pedra Azul com o poeta paraibano Manoel da Luz Ventania:

Pedra Azul

*Eu sou judeu
Para o duelo!
Cantar Martelo
Queria eu!
O pau bateu,
Subiu poeira!
Aqui na feira,
Não fica gente!
Queima a semente
Da bananeira!*

Manoel da Luz Ventania

*Sou bananeira ...
Do alagadiço!
Você diz isso
Por brincadeira!
Meto a madeira,
Quebro a viola!
Só me consola
Te ver, um dia,
De vara e guia,
Pedindo esmola!*



IMAGEM GERADA POR IA "usando SORAIA, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

Uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel é o Martelo Agalopado, criado por Jaime Pedro Martelo. As martelianas eram estrofes de dez versos de dez sílabas. Exemplificamos com os versos do mineiro Luiz Carlos Lemos, conhecido por Compadre Lemos:

*Quando as tripas da terra mal se agitam,
E os metais derretidos se confundem,
E os escuros diamantes que se*

fundem,

*Da cratera ao ar se precipitam.
As vulcânicas ondas que vomitam*

Grossas bagas de ferro incendiado,

Em redor, deixam tudo sepultado

Só com o som da viola que me ajuda,

Treme o sol, treme a terra, o tempo muda,

Eu cantando Martelo agalopado.

As rimas encadeadas da Toada Alagoana, gênero pouco usado, mas de toada agradável são mostradas pelo pernambucano Otacílio Batista:

*Vai Otacílio Batista,
Repentista,
Neste momento tão forte,
Num estilo diferente,
No repente,
Correndo em busca da sorte...
Em noite de lua cheia,
Sou a sereia
Dos oceanos do norte!*

Os versos de Galope à beira mar são de onze sílabas, mais longos do que os de martelo agalopado, como estes de Joaquim Filho:

*Falei de sopapo das águas barrentas
de uma cigana de corpo bem feito
da lua, bonita brilhando no leite
da escuridão das nuvens cinzentas
do eco do grande furos das tormentas
da água da chuva que vem pra molhar
do baile das ondas, que lindo bailar
da areia branca, da cor de cambraia
da bela paisagem na beira da praia
assim é galope na beira do mar.*

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

Na meia quadra ou versos de quinze sílabas, outra modalidade aqui apresentada, cujas rimas e os versos são emparelhados:

*Quando eu disser dado é dedo você diga dado é dado
Quando eu disser gado é boi você diga boi é gado
Quando eu disser lado é banda você diga banda é lado
Quando eu disser pão é massa você diga massa é pão
Quando eu disser não é sim você diga sim é não
Quando eu disser veia é sangue você diga sangue é veia
Quando eu disser meia quadra você diga quadra e meia
Quando eu disser quadra e meia você diga meio quadrão.*



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

Dez Pés de Queixo Caído está incluído na Décima e apresenta, no final de cada estrofe, o estribilho “Nos dez de queixo caído”, exemplificado nos versos do paulistano Glauco Mattoso:

*Não há cão neste planeta
Que pene mais do que eu peno
Vendo a noite em dia pleno!
Por isso minha vendeta
É fazer verso que meta
No meio o tema encardido
Com o qual o azar revido!
Mais do povo sou motejo,
Mais eu me prostro e rastejo
Nos dez de queixo caído!*

A Gemedeira é um estilo de poesia, caracterizado pela interposição de quatro ou duas sílabas e formado pelas interjeições “ai! E ui! Ou ai! E hum!”. O poeta paraibano Severino Pinto nos dá um exemplo:

*Cantei Mourão a Galope,
Versejando como entendo!
Vou passar pra Gemedeira,
Como me pedem, eu atendo!
Há pouco, cantei me rindo.
Ai! ai! ui! ui!
Agora canto gemendo!*



Das características formais da poesia popular apresentadas, atualmente, a sextilha foi e é uma das mais utilizadas no cordel, cujos textos os poetas contemporâneos apresentam com certo rigor na uniformização ortográfica e primor nas rimas.

Historicamente, a produção

literária, sobretudo a escrita, foi privilégio de poucos, entretanto, as criações dos poetas clássicos passaram a ser cantadas, através dos tempos com regras claras para a composição do verso. Daí, herdou o cordel o seu estilo, as regras para a palavra escrita: da oralidade e da sonoridade do verso rimado.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

BETH BALTAR

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



06


Fátima Moniz


Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

Embaixador do Reino do Kongo em Roma (1604- 1608)

Dom António Manuel O “Negrita”

A História da ida de Dom António Manuel á Roma nos anos 1604-1608 é uma epopeia da História de Angola e da Africa subsariana. Depois de terem sido enviados dois emissários e que devido a factores de deslocação, por via marítima, quer através da Rota Costeira do Atlântico, que demorava cerca de 3 meses, ou da rota por alto mar, que ligava São Salvador, isto é, Mbanza Kongo á Luanda e a Lisboa, dependia ainda as condições das Embarcações. Deve-se ainda acrescentar os riscos de enfermidades e mortes provocadas pela mudança abrupta de ambiente, e outros obstáculos criados pelo cenário de conflito entre as nações europeias, nas disputas políticas e económicas transcorridas no Mediterrâneo, ataques de corsários Franceses e Ingleses, não conseguiram chegar a Roma. A Embaixada de Negrita com muito esforço chega a Roma.



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEAMPT.AI, sob a direção de Tânia Lenúnia, Criada em 30/01/2026.

Acompanhe um pouco desta História e se deleite com as peripécias da época dos barcos a caravela e das viagens de 3 a 6 meses para se chegar ao destino. Pois pesquisadores angolanos, portugueses, espanhóis e italianos, fizeram pesquisas aturadas para se ter conhecimento desta viagem e as repercussões dela no mundo africano e europeu.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tónia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

A embaixada extraordinária conduzida por António Manuel ao Papa Paulo V pode ser entendida como a primeira missão de obediência de um soberano da África Ocidental Subsariana, presidida por um Embaixador natural do Kongo á

ser recebido em Roma. Simultaneamente e, para a Diplomacia dos nossos dias, António Manuel o “Negrita” é considerado o Precursor das Relações Diplomáticas do Kongo e de Angola.

O Papel do religioso Português António Brásio na compreensão da temática

Aqui daremos destaque ao alcance e valor científico da Congregação dos Espiritanos, através do religioso português, António Brásio, onde em suas publicações, durante décadas, nos deixou um importante repertório documental, o maior da África centro-ocidental, relativo ao período anterior ao séc. XVIII. A Primeira série da colecção Monumenta Missionária Africana- (Brásio, 1952-1988), em que transcreve e publica fontes Históricas inéditas e supre dificuldades de acesso a arquivos e bibliotecas europeias. Numa época anterior a digitalização e aos repositórios, a Monumenta foi fundamental para permitir o acesso a fontes históricas, com trabalhos mais recentes a demonstrarem a sua continuada pertinência, pelo que permanece como obra de referência para o período posterior ao século XIV.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tónia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

Mas afinal quem é este embaixador negro que nos anos 1604 vai a Roma. Que mensagem levava?

O embaixador negro, vindo do Reino do Kongo em 1604-1608, para tratar assuntos do Kongo, uma parte deste antigo reino do Kongo é hoje Angola, seu nome encontra-se registado de diversas formas na documentação oficial produzida na época:

Dom António Emanuele; Emanuele Marchese di Funta; Dom António Negrita; Marchioni António Negrita, dentre outros.

Para nós Dom António Manuel, O “Negrita”, chamado assim pela cor da pele. Pertencia a Corte de São Salvador, hoje Mbanza Kongo, Património mundial da Humanidade pela UNESCO. Cidade turística e de estudo da História de Angola.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tónia Lavínia, Criada em 30/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

Segundo o registo Oficial do Diarorum Cerimonialium de Giovanni Paolo Mucanzio, o mestre de cerimónias da corte de Paulo V, consta que o Negrita, teria 33 anos, que seria primo do Rei Congo, de cor negra, com aspecto nobre e grave, piedoso e zeloso da religião católica, muito prudente e hábil as negociações.

Negrita chega a Itália debilitado, em estado grave de saúde e acabou por morrer a 05/01/1608, três dias após a chegada em seu aposento que lhe foi oferecido no palácio do Vaticano, algumas horas depois da visita e da Benção in extremis, que lhe foi concedida por Paulo V.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

Profunda determinação em Finalizar a Missão

Segundo os registos, no leito da morte, Negrita fez a recomendação do seu Rei ao Papa. Pediu para que fossem enviados ministros do Evangelho ao Reino do Kongo e que o Kongo prestava obediência ao Papa. O que contribuiu para que a Monarquia Kongo, elevasse o diálogo para a construção política-religiosa, num período do tempo em que a Coroa Portuguesa marcava passos significativos para a penetração e ocupação da ÁFRICA.

Negrita, o primeiro Em-

baixador do Kongo em Roma nos permite compreender que a história de África representa a vida, a forma de ser de um povo que mesmo antes da Chegada dos Europeus já tinha sua organização social/política e administrativa. Com a Chegada dos portugueses ao reino do Kongo em 1482, não começou logo com a ocupação do território. Começou com a troca de presentes entre o Rei do Kongo com o Rei de Portugal, troca de visitas e mais tarde a evangelização, que foi o pano de fundo da colonização.

A História de negrita constitui uma mensagem de força e Convicção dos povos do continente africano. Sua Missão foi cumprida e está nos anais da História Universal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

FÁTIMA MONIZ

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

08



ARELY SOARES



Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora. Autora da obra *Re-tratos Poéticos*, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

Prezados leitores, sejam calorosamente bem-vindos à coluna "Vai um Livro Aí?", nesta 36ª edição da Revista Internacional The Bard.

É com imensa alegria que embarcamos em mais uma aventura literária, selecionando obras que merecem um lugar na sua rotina. Como mencionamos na edição anterior, um novo ano requer novas conquistas e andes delas, vêm os novos hábitos. A leitura consciente sempre será o caminho mais fértil para florescermos nas áreas que mais precisamos. Nesta edição, apresento uma variedade de títulos para enriquecer não apenas sua biblioteca pessoal, mas também o seu repertório intelectual.

Para inaugurar esta jornada, trazemos o imortal "**Frankenstein**", de **Mary Shelley**. Este clássico da lite-

ratura inglesa exerceu uma influência profunda na cultura ocidental e, apesar das críticas por seu teor denso, permanece como uma poderosa reflexão sobre o sentido de como vivemos e pensamos. Vale lembrar que o aclamado Stephen King considera esta obra um dos três grandes pilares do gênero de terror.

Adiante convidamos você a deleitar-se com o romance nacional "**Arma Negra – A Décima Terceira Garota, Livro 1, de Sávyo Wilton**". Esta obra enriquecedora nos recorda que somos resultados de nossas próprias escolhas: ou permitimos que os obstáculos da vida nos humanizem, ou nos tornamos os vilões da nossa própria história. Com uma linguagem concisa e narrativa gradual, o autor explora com maestria temas como medo, solidão e as intensas lutas internas e externas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

E ainda, nesta viagem literária não poderia faltar o famoso **Les Misérables (Os Miseráveis)** que é um romance de **Victor Hugo publicado em 1862** que deu origem a muitas adaptações, no cinema e muitas outras mídias. É considerada por muitos estudiosos o ponto mais alto da carreira do escritor.

deiro clássico contemporâneo. Desde que **Jojo Moyes** revelou Will e Lou ao mundo em 2012, a obra rompeu as barreiras das páginas para ganhar as telas em 2016, tornando-se um marco cultural. É uma narrativa magnética sobre o poder transformador do amor, capaz de desarmar até os corações mais incrédulos.

E para finalizarmos nossa seleção, conheçam **“Como Eu Era Antes de Você”** consolidou-se como um verda-

Um universo infinito espera por nós nas páginas dos livros. Boa leitura!

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

Através da nossa coluna "Vai um livro aí?", estamos abrindo um portal para que suas histórias alcancem leitores ao redor do mundo. É uma oportunidade para que suas histórias sejam lidas e façam parte de uma comunidade literária global. Para participar, basta enviar um exemplar do seu livro e seguir a revista nas redes sociais.

A colunista escolherá o momento certo para publicar sua obra. É uma chance de divulgar seu trabalho e conectar-se com leitores globais.

Esta é mais do que uma oportunidade de divulgação; é uma chance de fazer parte de algo maior, de um diálogo literário que transpõe oceanos.

INSTAGRAM



POST NO SITE



LIVRO: FRANKENSTEIN

AUTORA: MARY SHELLEY



CLICK AQUI

A partir de uma indagação fundamental, mergulhamos em Frankenstein, de Mary Shelley — marco do terror gótico e pilar da literatura inglesa. Mas será que esta obra, que atravessa séculos impactando gerações, é realmente tudo o que dizem? Longe de desestimular sua leitura, apresentamos aqui os motivos pelos quais este clássico é indispensável.

A narrativa desenrola-se através das cartas do Capitão Robert Walton à sua irmã, durante uma expedição ao Polo Norte. Entre as geleiras, a tripulação avista uma figura colossal em um trenó e, logo após, resgata o moribundo Dr. Victor Frankenstein. É neste cenário desolador que a verdadeira trama começa: Victor passa a narrar sua jornada ao capitão, revelando um enredo rico onde criatura e criador protagonizam um embate psicológico profundo.

A obra explora a complexa relação entre criação e criador, expondo a vaidade humana através da obsessão de Victor em gerar vida. Após anos de estudos, ele obtém êxito, mas o triunfo logo se torna tragédia. O texto nos intriga ao questionar as ambições humanas, fazendo-nos partilhar da angústia e do desespero do doutor ao fugir das consequências de ter dado vida a um "monstro".

Por outro lado, somos confrontados com a dor da criatura em sua busca por respostas sobre a própria existência. O cenário obscuro e melancólico ondula pelas páginas, conferindo um realismo visceral ao terror. Inspirada em lendas e experimentos científicos da época, a narrativa aborda temas maduros como vida, morte e brutalidade — o que justifica sua indicação para leitores mais experientes. Contudo, além do horror, o livro fala sobre arrependimento, humanidade e o peso dos laços familiares.

Se você busca uma leitura que toque a alma, reflita sobre estas indagações:

E se a imortalidade não for uma bênção, mas uma maldição?

E se formos nós os arquitetos de nossos próprios monstros internos?

Talvez você também esteja em busca de respostas, assim como a criatura de Victor. Permita-se ser atravessado por esta narrativa. E um último pedido: não julgue o monstro antes de encontrar o verdadeiro culpado.

A trajetória sombria e dolorosa de Frankenstein espera por você!

POST NO SITE



LIVRO: ARMA NEGRA - A DÉCIMA TERCEIRA GAROTA - Livro 1

AUTOR: SÁVYO WILTON REIS



CLICK AQUI



A literatura brasileira possui um cenário vasto, repleto de obras que marcam gerações. Mas por que não expandir esse olhar aos escritores independentes e valorizar ainda mais nossa produção nacional? É por isso que hoje apresento a obra de um autor que acaba de deixar aos corações dos leitores uma narrativa considerada "fora da curva" por sua inovação e criatividade.

A começar pelo título, Arma Negra já nos lança uma indagação: o que seria, afinal, esta arma? Desde o primeiro momento, o autor instiga essa curiosidade, mas a resposta não é simples; as revelações surgem minuciosamente até o desfecho da história.

Esta obra é uma jornada de transformação marcada por dor, sangue e escolhas difíceis. Primeiro volume de uma saga, o livro não é apenas a trajetória de uma garota, mas o espelho brutal de um lugar feito para devorar tudo o que pulsa e respira — especialmente os corações que batem apressadamente.

A narrativa é construída por personagens que sustentam esse início de saga: Brígida, Chloe, Sigrid, Charlotte e Virna. Cinco garotas lançadas ainda crianças em um abismo, vivendo dia após dia em uma luta constante pela sobrevivência. Cada uma possui um traço marcante — da coragem inabalável à razão fria; do egoísmo latente ao olhar guiado pelo coração.

Classificado como um romance de fantasia e suspense, o livro traz uma trama densa, política e profundamente intimista. Cada passo das protagonistas revela, silenciosamente, que o perigo é iminente e que o destino é o peso principal em suas almas. Imagine acordar em um lugar desconhecido, buscando respostas que ninguém pode dar. O terror acontece quando menos se espera e o inimigo surge num piscar de olhos, fazendo tudo desmoronar, exceto os muros que as cercam.

A obra aborda temas como amor, lealdade, traição e preconceito, com o bônus de que a história continuará em futuras edições. É um livro que faz os olhos e a mente caminharem ansiosos, pois cada capítulo nos empurra a descobrir o que virá a seguir.

Leitor, que tal abrir o coração para a literatura nacional e descobrir até onde uma "arma" está disposta a ser usada em uma guerra? Nem sempre o melhor livro é aquele que o mundo inteiro já conhece, mas sim aquele que você permite encontrar e te fazer mergulhar em suas páginas.

Vamos mergulhar neste abismo de palavras e acontecimentos!

POST NO SITE



LIVRO: OS MISERÁVEIS

AUTOR: VITOR HUGO



CLICK AQUI

Esta é uma obra que atravessa gerações. Para muitos jovens de hoje, ela foi o primeiro grande tesouro descoberto nas prateleiras das bibliotecas escolares; para o mundo, é a prova da genialidade de Victor Hugo. Os Miseráveis (1862) não é apenas um clássico do romantismo francês: é um romance histórico e social que mantém sua relevância tão pulsante quanto na época em que foi escrito.

Com um talento ímpar, Hugo tece palavras que dão vida a personagens instigantes e inesquecíveis. A trama central acompanha a jornada de Jean Valjean, um homem condenado a dezenove anos de prisão pelo simples "crime" de roubar um pão para comer. Ao conquistar a liberdade, Valjean descobre que as correntes da sociedade são invisíveis: ele é sumariamente rejeitado por seu passado.

A narrativa é enriquecida por um mosaico de vozes: o compassivo Bispo de Digne, a sofrida Fantine, a pequena Cosette, o implacável inspetor Javert e o jovem Marius Pontmercy. Cada personagem carrega as marcas de uma França que ainda sentia as cicatrizes da Revolução e fervilhava em novos ideais. Porém, há muitos outros personagens.

Mesmo escrita há séculos, a obra se prova atemporal. A estrutura, dividida em cinco partes, traz um dinamismo que transporta o leitor por diversos cenários e mergulha em temas profundos como: A Fé e a Resiliência; a busca pela redenção em um mundo hostil; justiça e desigualdade: uma denúncia forte contra as opressões humanas; o amor e a solidão: os fios que sustentam ou rompem a alma.

Asseguro a você, querido leitor: esta obra possui voz própria. Ao longo de suas páginas, você encontrará pérolas que impactarão sua forma de ver, pensar e sentir. Frases como "O amor sustenta a existência" são o tipo de presente que todo leitor apaixonado ama descobrir. Em Jean Valjean, percebemos que a capacidade de amar ultrapassa o papel; ela salta das folhas e nos toca profundamente.

Os Miseráveis não é apenas um livro comum. É uma realidade fiel esboçada em palavras que sobressaem ao tempo. Convido você a mergulhar nesta jornada e descobrir o destino desses personagens que, garanto, irão comover o seu coração de forma inesquecível.

POST NO SITE



LIVRO: COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ

AUTORA: JOJO MOYES



CLICK AQUI

Sabe aquela obra que todo mundo reconhece pela capa ou que já assistiu ao filme sem sequer imaginar a profundidade das páginas originais? É com esse clássico contemporâneo que escolhi encerrar nossa coluna. Se você busca uma leitura com um teor mais leve e suave — o respiro perfeito para um feriado — esta é a minha recomendação absoluta.

Em "Como Eu Era Antes de Você", mergulhamos na vida de Louisa Clark. De forma inusitada, ela assume o desafio de ser cuidadora de Will Traynor, um homem outrora rico e vibrante que, após um acidente que o deixou tetraplégico, perdeu o desejo de viver. O que começa como uma necessidade financeira de Lou transforma-se em algo infinitamente maior.

Como cuidadora, Clark precisa exercer uma resiliência e uma compaixão admiráveis para não desistir de uma missão que é, ao mesmo tempo, amarga e atraente. O romance floresce da persistência da protagonista, que se recusa a recuar diante de um chefe inicialmente rabugento e pessimista.

Diferente do que muitos dizem — e aqui discordo do senso comum — a obra está longe de ser um romance clichê. Jojo Moyes entrega uma narrativa densa e profunda, afastando-se de qualquer superficialidade. Através de um olhar consciente e humano, a autora nos convida a refletir sobre temas essenciais: Dignidade e bondade diante da dor; as limitações humanas e a superação física e psicológica; o sentido da vida e o valor das pequenas experiências; o impacto irreversível que as pessoas causam em nossas trajetórias.

Por que ler, se já vi o filme?

É uma leitura que ressalta o valor da vida, mesmo quando os obstáculos parecem intransponíveis. E fica aqui o meu convite: embora o filme seja uma bela parte da obra, ler o livro é fundamental. É nas páginas que você encontrará os detalhes que dão solidez à história e permitem uma autorreflexão junto aos personagens.

Um romance com essa força é, sem dúvida, um tesouro que merece um lugar de destaque na sua prateleira.

Até o nosso próximo encontro, Abraços!

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



ESNUIDA

em Palavras

ERÓTICO



17



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico *Deliciosamente Libertino* (2020) e da trilogia *Meu Nome é Maximus*, cujo título mais recente, *Maximus Infernus*, foi lançado em abril de 2025.

Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

A subjetividade e a cruzeza: o erotismo entre o ontem e o agora



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Escrita erótica contemporânea e a dos grandes eróticos do passado nascem do mesmo impulso: o desejo. Mas caminham por trilhas distintas, moldadas pelo tempo, pelos tabus e pelas liberdades de cada época.

Nos romances eróticos clássicos, o poder estava no não dito. O erotismo acontecia nas pausas, nos silêncios, no gesto interrompido antes de se cumprir. Era menos sobre o ato e mais sobre a atmosfera. O desejo se insinuava, nunca se impunha. O corpo era sugerido, pensado, imaginado — raramente descrito em sua ação direta.

Esse erotismo era construído no

espaço entre as palavras. O leitor — e, sobretudo, a leitora — participava ativamente da narrativa, completando com a imaginação aquilo que o texto apenas insinuava. O prazer nascia da espera, do quase, da promessa suspensa. Era um erotismo subjetivo, profundamente ligado ao sentir.

A escrita erótica contemporânea, por outro lado, escolhe outro caminho. Ela é mais direta, mais explícita, mais crua — não por ausência de poesia, mas porque o corpo feminino conquistou o direito de ser nomeado. Hoje, falar do prazer não é mais apenas transgressão: é afirmação, é consciência, é autonomia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 24/07/2026"

O corpo deixa de ser metáfora e passa a ser centro da narrativa. A experiência não se esconde; ela se mostra. A crueza surge como escolha estética e política. O desejo não precisa mais de disfarces para existir na página.

Essa diferença não aponta superioridade de um tempo sobre o outro, mas revela contextos distintos. Antes, a subjetividade era um refúgio. O erotismo precisava acontecer “por dentro”, protegido da censura, do julgamento, da culpa. Hoje, a crueza é uma possibilidade: o erotismo acontece “à vista”, assumido, declarado, consciente de si.

O contraste mais fascinante talvez esteja aí. No passado, o erotismo era sonhado porque era proibido. No presente, ele é vivido porque é permitido. Mas, apesar das mudanças, algo permanece intacto: o mistério.

Entre a palavra e a pele ainda existe um espaço indizível. Um território onde nem o explícito nem o silêncio dão conta sozinhos. É ali que o erotismo continua a respirar — ontem e hoje — como uma linguagem que nunca se esgota, apenas se transforma.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

EROTISMO ENTRE O ONTEM E O AGORA

Sempre me pergunto quando o erotismo deixou de ser sussurro para se tornar declaração. Quando a palavra passou a tocar o corpo de outra forma.

A escrita erótica — ontem e hoje — nasce do mesmo impulso: o desejo. Mas cada época encontrou sua própria maneira de dizê-lo, contê-lo ou libertá-lo. Não se trata de evolução linear, nem de ruptura absoluta, e sim de deslocamento. O desejo permanece; muda o modo como ele é escrito, lido e permitido.

Nos grandes eróticos do passado, o poder estava no não dito. O erotismo habitava o silêncio, o quase, o gesto interrompido antes de se cumprir. Era menos sobre o ato e mais sobre o clima. Menos sobre o corpo que age e mais sobre o corpo que pensa. O desejo surgia nas frestas — na pausa de um olhar, na espera prolongada, na promessa suspensa. A imaginação da leitora fazia o resto. Ali, o erotismo não se oferecia por inteiro: convidava.

“

“O erotismo evoluiu de um sussurro silencioso e sugestivo para uma declaração mais explícita, mas o desejo permanece como impulso central, apenas mudando a forma como é expresso e percebido em cada época.”

”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Hoje, a escrita erótica contemporânea caminha por outra via. O corpo ocupa o centro da narrativa. A palavra é mais direta, mais visceral, mais crua — não por ausência de poesia, mas porque a mulher conquistou o direito de nomear o próprio prazer. Falar do corpo deixou de ser transgressão para se tornar reivindicação. E, quando o corpo pode ser dito, o texto muda de respiração.

Essa diferença revela algo essencial: ontem, a subjetividade era refúgio. O erotismo acontecia por dentro, no imaginado, no sussurrado, no que não podia ser vivido. Hoje, a crueza é escolhida. O erotismo acontece à vista, consciente, assumido, declarado. Não porque perdeu mistério, mas

porque ganhou voz.

Ambos têm potência.

Ambos são legítimos.

Ambos conversam, inevitavelmente, com o tempo em que existem.

Talvez o ponto mais fascinante desse contraste seja justamente esse: no passado, o erotismo era sonhado porque era proibido. Hoje, ele é vivido porque é permitido. Ainda assim, algo permanece intacto — quase intocável. Entre a palavra e a pele, existe um espaço que nenhuma época consegue dominar por completo. Um território onde o desejo não se explica: apenas ilumina.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

“A escrita erótica é uma conversa íntima entre a palavra e o corpo, onde o desejo é o impulso constante, mas a forma de expressá-lo muda com o tempo, do silêncio sugestivo do passado à explicitação contemporânea.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

O CORPO QUE A PALAVRA APRENDE

Você já leu desejo como quem pede licença.

E já leu desejo como quem afirma presença.

Entre o erotismo que sussurra e o que hoje fala em voz firme, não existe ruptura. Existe travessia. Os grandes eróticos do passado escreviam para contornar o proibido; a escrita contemporânea escreve para ocupar o espaço conquistado. O gesto muda, o impulso não.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Antes, o silêncio protegia. Hoje, a palavra liberta.

Mas, em ambos os tempos, o erotismo continua sendo esse lugar instável onde a linguagem falha um pouco e o corpo completa.

O erotismo sempre foi uma conversa íntima entre a palavra e o corpo. O que muda, com o tempo, é a forma como essa conversa acontece.

A escrita erótica do passado e a contemporânea partem do mesmo impulso — o desejo —, mas caminham por trilhas distintas. Nos grandes romances eróticos de outras décadas, o poder estava no não dito. No silêncio carregado. No gesto interrompido. No quase.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

O erotismo não se oferecia de imediato; ele se insinuava. Era preciso imaginar. Completar com o próprio corpo aquilo que o texto apenas sugeria. O desejo acontecia nas frestas — e ali ganhava profundidade.

Era menos sobre o ato e mais sobre o clima. Menos sobre o corpo em ação e mais sobre o corpo que pensa, que espera, que arde por dentro. A subjetividade era território sagrado: o erotismo vivia dentro da leitora antes de ganhar qualquer forma concreta.

Hoje, a escrita erótica se desloca. O corpo passa a ocupar o centro da narrativa. A literatura contemporânea é mais direta, mais visceral, mais crua — não por ausência de poesia, mas porque a mulher conquistou o direito de nomear o próprio prazer. Falar do corpo deixou de ser transgressão para se tornar reivindicação. Dizer “eu desejo” é, também, um gesto político.

Se antes a subjetividade funcionava como refúgio, agora a crueza surge como escolha. O erotismo deixa de se esconder no sussurro e passa a se afirmar em voz firme. Não porque o mistério tenha desaparecido, mas porque ele mudou de lugar. Hoje, o erotismo acontece à vista, consciente, assumido, declarado.

E, ainda assim, há algo que permanece intacto.

No passado, o erotismo era sonhado porque era proibido. No presente, ele é vivido porque é permitido. Mas, entre a palavra e a pele, continua existindo um espaço indomável — aquele que só o desejo ilumina. É ali que o texto ainda respira. É ali que o corpo ainda reconhece algo que não se explica totalmente.

Talvez seja isso que una o ontem e o agora: a certeza de que, por mais que a linguagem mude, o erotismo nunca se esgota no que é dito. Ele sempre habita esse intervalo — onde a leitura toca o corpo e o corpo responde em silêncio.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

ENTRE A PALAVRA E A PELE

É nesse intervalo — entre o ontem e o agora — que *Desnuda em Palavras* se inscreve.

A coluna nasce do diálogo entre essas duas formas de dizer o desejo: a que silenciava para sobreviver e a que fala porque já não aceita recuos. Não se trata de escolher um lado, mas de escutar o que cada tempo ensinou ao corpo feminino.

Se antes o erotismo se escondia nas entrelinhas, hoje ele se revela como consciência. Ainda assim, o que me interessa não é a exposição pelo choque, mas a permanência do mistério. O desejo continua acontecendo nesse espaço invisível entre a palavra e a pele — mesmo quando é nomeado, mesmo quando é assumido.

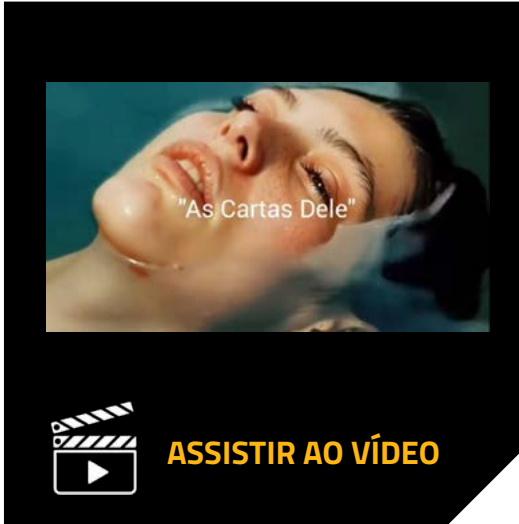
Desnuda em Palavras não busca repetir o sussurro antigo nem aderir totalmente à crueza contemporânea. Ela habita a fronteira. O lugar onde o corpo pensa, lembra, escolhe. Onde a escrita não invade, mas toca. Onde o erotismo não grita — respira.

Ao revisitar os romances de banca, os tabus, as leitoras que aprenderam a desejar em segredo, esta coluna reconhece uma herança. E, ao escrever no presente, afirma uma conquista: a mulher que hoje escreve o erótico não pede permissão. Ela reflete, decide e assume o próprio gesto.

Entre o quase e o dito, entre a memória e o agora, *Desnuda em Palavras* propõe isso: um erotismo que não se reduz ao ato, uma escrita que nasce do corpo, e um corpo que já não precisa se esconder para existir.

Vídeo no Youtube:

"As Cartas Dele"
por Tônia Lavínia

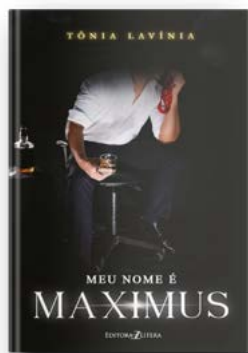


"As Páginas Amareladas do Tempo"
por Tônia Lavínia

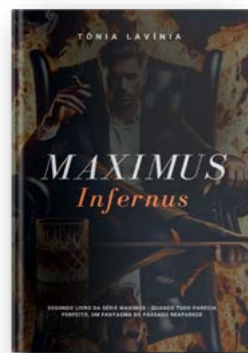


LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



Clique aqui

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE

KWAI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

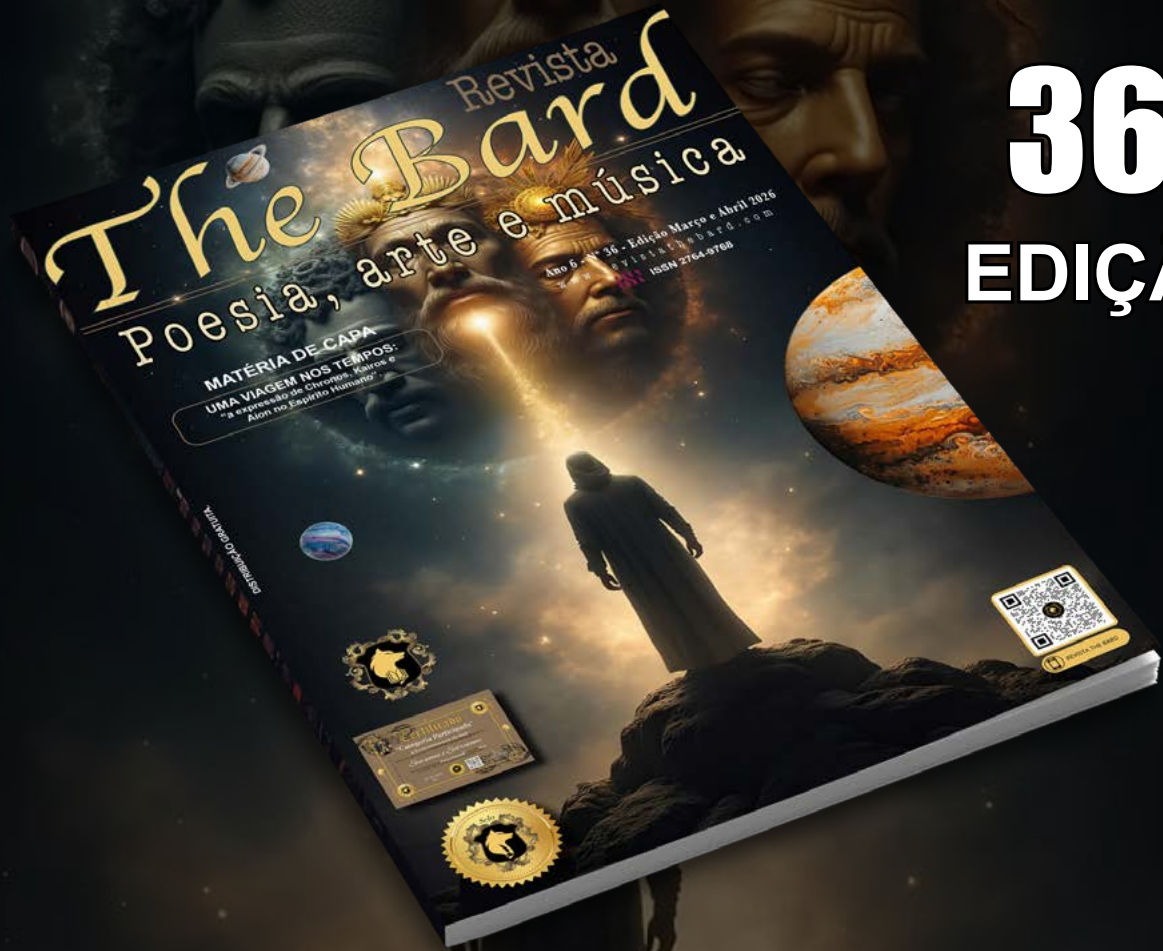


LANÇAMENTO

MARÇO & ABRIL DE 2026

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

"A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"



36ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2026

Do silêncio às páginas impressas:
"o papel da Tipografia na democratização
da informação no Brasil"

**37^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO DE 2026**

PERÍODO DE 08 DE FEVEREIRO À 31 DE MARÇO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

08



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins...".

Sou escritora, mas antes de tudo leitora voraz de boas histórias. E é com esse apetite que abro as páginas da próxima edição da coluna "Nem te conto", da revista The Bard – "Poesia, Arte e Música", para novas vozes. Se você escreve para provocar, encantar ou inquietar em poucas linhas, este espaço é seu. Escrevo e leio há tempo suficiente para reconhecer um bom texto antes do aplauso, e é exatamente esse faro que me move, ao se abrir a próxima edição da revista, buscamos encontrar autores que não desperdiçam palavras, que sabem que uma frase bem colocada pode fazer mais estrago do que um romance inteiro. Se você escreve para provocar pensamento, desconforto ou encanto em poucas linhas, esta chamada é para você.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"

O que é um miniconto?

É literatura em estado de concentração máxima. Poucas palavras, muito sentido. Um recorte de vida, uma epifania, um choque ou um sussurro. Não se explica: acontece.

O miniconto não nasce da pressa, nasce do corte. É o resultado de um escritor que sabe o que deixar de fora. Enquanto o conto tradicio-

nal constrói um caminho, o miniconto abre uma porta e empurra o leitor para dentro. Ele trabalha com silêncio, sugestão e cumplicidade. Não entrega tudo mastigado. Confiar que quem lê vai completar a história com sua própria bagagem emocional. Por isso, muitas vezes, o que mais pesa num miniconto é justamente o que não está escrito.

Regras do jogo (simples e sérias):

- Máximo 300 caracteres, excluindo o título;
- Qualquer gênero literário;
- Texto inédito;
- Impacto é essencial;
- Excesso, imperdoável.

Para inspirar, seguem cinco minicontos de gêneros distintos:

IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



1. Terror *Batidas*

Quando a casa silenciou, ele ouviu batidas na porta. Abriu. Nada. Voltou para a cama. As batidas recomeçaram, agora de dentro do armário. Lembrou, tarde demais, que morava sozinho.



2. Romance *Entrelinhas*

Nunca se beijaram. Trocaram livros, cafés e silêncios. Quando ela partiu, ele encontrou no exemplar devolvido a frase sublinhada: "Algumas histórias acontecem só para quem sabe ler."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/02/2026"



3. Fantástico

Manual de Desaparecimento

O mágico avisou: desaparecer dói. Mesmo assim, ela entrou na caixa. Sumiu. Anos depois, o público ainda a procura. Só ela sabe como é viver onde ninguém a chama pelo nome.



4. Humor

Feedback

O chefe pediu criatividade. Ele trouxe uma ideia genial. Foi demitido. No e-mail de despedida, elogiaram sua ousadia e recomendaram que a usasse... em outra empresa.



5. Drama

Última Mensagem

O celular vibrou após o enterro. Era dela: “Se você está lendo isso, criei coragem.” Ele sorriu em meio às lágrimas. Algumas despedidas chegam tarde. Outras, salvam.

IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 01/02/2025"

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 01/02/2025"

Se você acredita que 300 caracteres podem traduzir tudo que tem a dizer, a coluna “Nem te conto” quer ouvir sua voz. Aqui, cada palavra escrita, sentida, inspirada, importa: é no limite da síntese que surgem as histórias mais marcantes, aqueles relatos breves que provocam, emocionam e fazem pensar, fazem transformar.

A coluna “Nem te conto”, valoriza quem transforma o pouco em muito, transformando e mostrando que, mesmo em poucas linhas, é possível causar impacto.

Texto bom não grita. Fica.

Agradecimentos da colunista!



LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

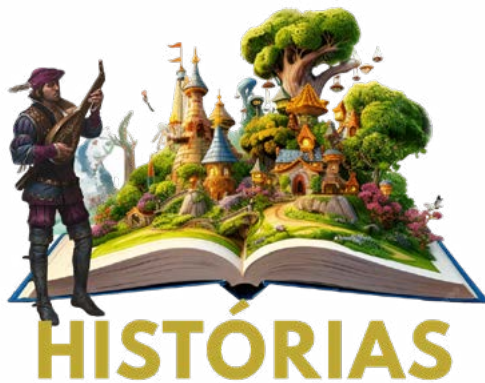
POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Contadores de



02



FAGNER LIMA



Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.



Contar histórias é um dos atos mais antigos da humanidade. Antes mesmo da escrita, foi por meio das narrativas que valores, saberes, afetos e memórias atravessaram gerações. A Coluna Contadores de Histórias nasce com esse propósito: valorizar a arte de narrar como ferramenta de educação, cultura, fé, sensibilidade e transformação social.

Neste espaço, vamos apresentar trajetórias de contadores e contadoras de histórias, artistas, educadores e criadores que fazem da palavra falada, cantada ou animada um instrumento de conexão humana. Aqui, a infância é respeitada, a imaginação é estimulada e a escuta se torna um caminho para o aprendizado e para o afeto.

IMAGEM GERADA POR IA - "usimário GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



Como contador de histórias, jornalista e criador da Turma do Faguiinho, acredito que toda boa história deixa marcas — ela acolhe, ensina, inspira e permanece. Esta coluna também é um convite para que pais, educadores e leitores redescubram o poder das narrativas bem contadas, especialmente aquelas que semeiam valores e esperança.

Nesta edição, temos a alegria de apresentar a história de Elisabete Silveira, criadora do canal infantil Semeadores Kids, que transforma histórias bíblicas em narrativas lúdicas, acessíveis e cheias de amor para crianças e famílias. Sua trajetória revela como a contação de histórias pode ser uma ponte entre fé, edu-

cação e imaginação, plantando sementes que acompanham a criança por toda a vida.

Que esta leitura inspire, emocione e reafirme a certeza de que toda história contada com verdade e afeto tem o poder de transformar o mundo, começando pelo coração das crianças.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Migalhões, Criada em 06/02/2026"

COLONISTA FAGNER LIMA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



Elisabete Silveira

*Semeando histórias bíblicas
no coração das crianças*



Elisabete Silveira é criadora e narradora do canal infantil de histórias bíblicas animadas Semeadores Kids. Sua vocação nasceu a partir da experiência como tia da escolinha bíblica infantil de sua igreja. Idealizadora da personagem Anabelle, criada a partir de referências afetivas familiares, dedica-se a produzir conteúdos que unem fé, educação e imaginação, com o propósito de evangelizar crianças de forma leve, responsável e amorosa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Criadora do canal infantil Semeadores Kids, Elisabete transforma a Palavra de Deus em narrativas lúdicas, acessíveis e cheias de afeto.

O amor pelas crianças, pela educação com valores e pela Palavra de Deus foi o ponto de partida da trajetória de Elisabete Silveira. Criadora do canal infantil Semeadores Kids, ela dedica seu trabalho à contação de histórias bíblicas por meio de animações e narração, le-

vando mensagens de fé, cuidado e esperança para crianças e famílias.

Sua vocação nasceu no ambiente simples e acolhedor da escolinha bíblica infantil de sua igreja. Atuando como tia, Elisabete percebeu, na prática, o poder que a escuta e a imaginação exercem no aprendizado das crianças. Foi ali que compreendeu que a contação de histórias é uma ferramenta capaz de ensinar, emocionar e transformar.

A experiência despertou o desejo de ir além dos muros da igreja. Assim surgiu o canal Semeadores Kids, com a missão de apresentar as histórias da Bíblia de forma simples, lúdica e acessível, respeitando o tempo e a sensibilidade da infância.

Para Elisabete, ser contadora de histórias é ser uma ponte. É traduzir mensagens profundas em palavras que alcançam o coração, especialmente o das crianças. Cada narrativa é pensada com cuidado, intenção e responsabilidade, pois ela acredita que toda história bem contada planta uma semente capaz de acompanhar a criança por toda a vida.



No Semeadores Kids, a escolha pela narração aliada aos desenhos animados permite que a criança se concentre totalmente na história e em sua mensagem, estimulando a imaginação e fa-

vorecendo um aprendizado natural e significativo.

Produzir conteúdo infantil nos dias atuais é um desafio. Em meio a tantos estímulos rápidos,

Elisabete mantém o compromisso de criar materiais responsáveis, fiéis à mensagem bíblica, sem perder a leveza, a criatividade e o respeito à infância.

A principal mensagem presente em seu trabalho é o amor de Deus. Valores como bondade, obediência, gratidão, fé e respeito ao próximo permeiam todas as histórias, alcançando o coração das crianças de forma leve e verdadeira.

Relatos de pais e educadores mostram que as crianças pedem para ouvir as histórias antes de dormir ou em sala de aula, demonstrando curiosidade pela Bíblia e pelos ensinamentos de Deus.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

A Bíblia é a base de todo o trabalho. Cada roteiro nasce da leitura atenta da Palavra e do cuidado em adaptar a linguagem ao universo infantil, sem perder a essência do ensinamento original.

Elisabete acredita que evangelizar crianças é investir no futuro da igreja e da sociedade, formando adultos mais empáticos, conscientes e comprometidos com valores sólidos.

Se pudesse resumir sua missão em uma única imagem, Elisabete escolheria Jesus acolhendo as crianças — um retrato fiel de seu propósito de ensinar, cuidar e conduzir os pequenos com simplicidade, amor e verdade.



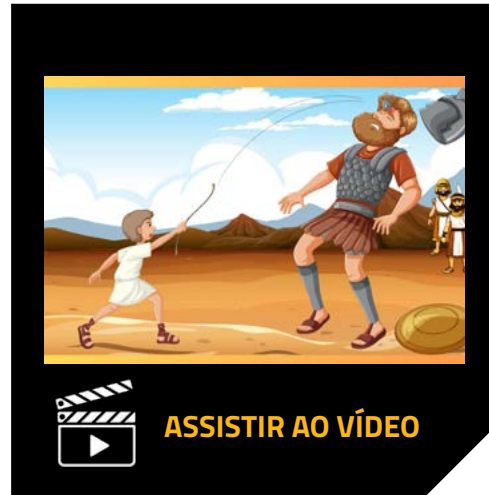
IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 06/02/2026"

Vídeos no Youtube:

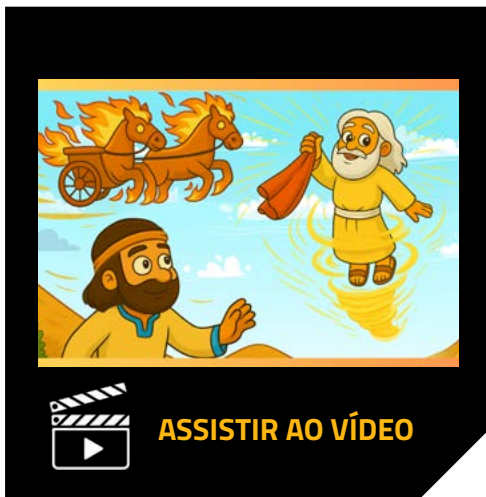
A CRIAÇÃO DO MUNDO



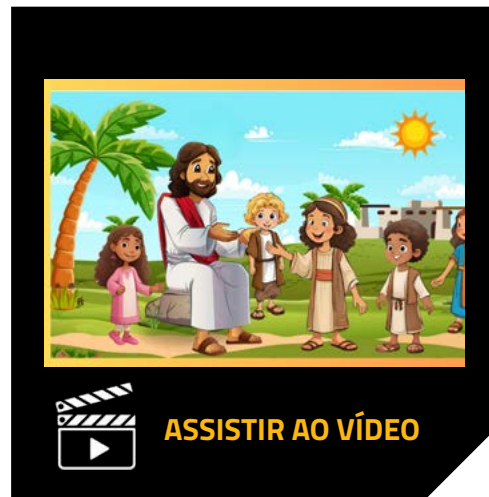
DAVI E GOLIAT



ELIAS E A CARRUAGEM DE FOGO



JESUS E AS CRIANÇAS



INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



02



RUTE ELLA DOMINICI



Escritora, ensaísta, poeta e pensadora, dr.h.c. em Literatura Francesa, fez da palavra um ofício de resistência e autopoiese. Já compôs poemas gastronômicos em cardápios, letras para melodias clássicas e sacras, além de colunas culturais em jornais e academias. Sua trajetória passa por antologias no Brasil, Portugal e Genebra, e foi voz de liderança feminina em eventos literários. Recebeu o Prêmio Selo Off Flip em Conto (2025). Autora de *Mar Germinal* e *Lava Incontida*, transforma a literatura em convite ao autoconhecimento e à alma em perspectiva, conquistando leitores que buscam uma voz autêntica e inspiradora.

MANIFESTO DA ALMA ACUSADA

L’Affaire Dreyfus, literatura, psicanálise e responsabilidade

Alma em Perspectiva é uma coluna dedicada a refletir sobre a experiência humana para além dos fatos imediatos, abordando as dores e dúvidas da existência à luz da psicanálise e da literatura, buscando preservar aquilo que permanece quando os discursos se esgotam: a dignidade da alma humana diante do tempo, da história e da responsabilidade de existir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Epígrafe expandida (paráfrase — Yehuda Amichai)

Há lugares onde a convicção endurece o chão
e nada mais aceita nascer.
Ali, a certeza ocupa todo o espaço
e expulsa a escuta.
A verdade não germina em solo rígido.
Ela prefere a terra remexida
pelas perguntas,
pelas mãos que hesitam
antes de condenar.
É no intervalo da dúvida
que a justiça respira.
E apenas onde o amor
não se envergonha de errar
algo humano
ainda pode florescer.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Prólogo

Este manifesto revisita o Affaire Dreyfus não como episódio histórico encerrado, mas como fratura fundadora da modernidade — o momento em que a justiça deixou de buscar a verdade para passar a fabricar sentidos. O que ali se inaugura não é apenas um erro jurídico, mas um modo de funcionamento psíquico do poder: quando a certeza passa a valer mais do que a escuta.

Articulando história, literatura, psicanálise e reflexão ética, o texto investiga a violência imposta à alma inocente quando o direito é capturado por ideologias e amplificado pelo espetáculo midiático. O Affaire reaparece como sintoma: retorna porque não foi simbolizado.

A partir dos legados de Émile Zola, Anatole France, Franz Kafka, Theodor Herzl, Victor Hugo e William Shakespeare, sustenta-se que a literatura não é apenas testemunha da injustiça, mas forma ativa de resistência, memória e reparação simbólica. Escrever emerge como responsabilidade moral diante da falência das instituições.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

A palavra diante da injustiça

Há momentos em que a justiça deixa de perguntar e passa a afirmar. Nesse ponto exato, algo se rompe na relação entre a lei e o humano. O veredito antecede o fato; a verdade já nasce cansada. Antes que a prova se organize, a sentença circula. O nome do acusado passa a carregar um peso que nenhuma defesa remove.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

A violência social, quando se mascara de legalidade, não grita — organiza-se.

Não sangra — classifica.

Não confessa — arquiva.

A alma inocente perde mais do que a liberdade: perde o direito à complexidade, o direito de não ser reduzida a signo. Escrever, diante disso, não é ornamento. É dever civil — e também gesto terapêutico da cultura.

"Quando a certeza precede a escuta, a justiça aprende a errar."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Antissemitismo na França de Dreyfus: o clima antes do tribunal

O Affaire Dreyfus não nasce no tribunal, mas no clima social. Na França do fim do século XIX, a judeofobia circulava como senso comum ilustrado: não precisava gritar, bastava insinuar. O judeu era tolerado enquanto funcional, suspeito enquanto diferente.

Quando Alfred Dreyfus foi acusado, a sociedade já estava preparada para acreditar. A prova tornou-se detalhe; a identidade bastou. O erro jurídico só se tornou possível porque o erro simbólico já havia sido aceito.

O processo como espetáculo

Documentos secretos, perícias forjadas, julgamentos fechados: o processo não investigou — confirmou. A degradação pública não buscava apenas punir um homem, mas educar a sociedade: mostrar quem pode ser acu-

sado, quando e por quê.

Aqui nasce o escândalo moderno: a justiça transformada em espetáculo moral. A psicanálise reconhece nesse gesto um mecanismo clássico — a projeção coletiva da culpa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Zola: escrever é acusar

Diante do silêncio pactuado, Émile Zola escreve *J'accuse...*! (1898).

Não para convencer, mas para interromper.

Ao nomear responsáveis, inaugura o intelectual responsável: aquele que compreende que a palavra não apenas representa o mundo — intervém nele.

Anatole France: a dúvida como resistência

Entre a acusação direta de Zola e o labirinto interior de Kafka, ergue-se a voz de Anatole France. Sua defesa de Dreyfus não se fez pelo grito, mas pela ironia lúcida. Pensar, naquele contexto, já era resistência nele.

Shakespeare: o arquétipo do acusado

Muito antes de Dreyfus, William Shakespeare já havia pressentido esse drama em O Mercador de Veneza. Shylock é tolerado enquanto útil, punido quando reivindica humanidade. O Affaire Dreyfus apenas atualiza esse drama com carimbos, tribunais e manchetes.

Herzl e Kafka: a fratura interior

O Affaire atravessa fronteiras. Theodor Herzl, ao testemunhar o caso, compreende que a assimilação não protege quando a identidade se torna culpa. Em Der Judenstaat (1896), a política nasce da ferida.

Se Zola enfrentou o tribunal externo, Franz Kafka descreveu o tribunal interior. Em O Processo, a acusação já não precisa de provas: basta existir.

Poetas judeus e a palavra ferida

Depois, houve o indizível.

E a linguagem sangrou.

Com Paul Celan (Todesfuge) e Nelly Sachs, a poesia torna-se vigília. Não repara — impede que a catástrofe se transforme em método.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Testemunho da Inocência Ferida (relato em prosa poética — voz de Dreyfus)

Quando fui acusado, algo se rompeu antes da sentença. Não foi o futuro que perdi primeiro; foi o presente que se estreitou. Passei a respirar com cautela, como se ocupar espaço fosse já uma falta. A noite deixou de ser repouso e tornou-se vigília.

Aprendi que a acusação não permanece nos autos. Ela escorre para os olhares, infiltra-se no silêncio e passa a habitar a alma. Repeti minha inocência muitas vezes, mas a palavra perdeu peso, e aquilo que não convence o mundo começou a ferir a mim mesmo. O olhar do outro fabricou um espelho que já não me reconhecia; vi-me reduzido a um retrato que não pintei. A vergonha não nasceu de um ato, mas da insistência em me ver culpado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

Compreendi então que não estava só. Havia séculos sentados ao meu lado. A acusação não perguntou o que fiz; insinuava o que eu era. Quando o julgamento recai sobre a pertença, resistir deixa de ser escolha e passa a ser condição. Ceder seria desaparecer.

Também minha fé foi interrogada. Perguntei a Deus se Ele via. Com o tempo, aprendi que Ele não se apressa nem se curva à multidão; Sua justiça não responde ao ruído, mas ao tempo. Ele não absolve a mentira por cansaço — permite que ela se revele.

Sobrevivi porque conservei algo que não puderam confiscar: a consciência de mim mesmo. Hoje sei que a acusação injusta não testa apenas um homem, testa uma sociedade inteira. Cada época responde como pode — algumas com coragem, outras com silêncio. Escrevo para permanecer; faço da memória, vigília.

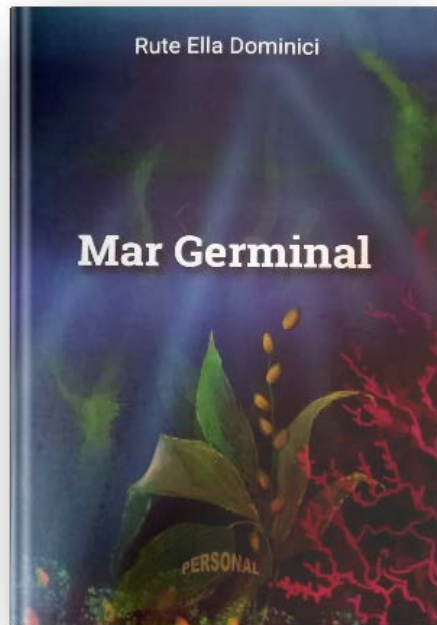
Invocação final (paráfrase — Nelly Sachs)

Há cinzas que não se dispersam.
Permanecem suspensas
na memória do mundo.
Delas nasce uma vigília silenciosa —
não para acusar os mortos,
mas para impedir que o esquecimento
seja cúmplice do erro.
Que a lembrança não se torne peso,
mas chama acesa
contra a repetição da injustiça.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 24/01/2026"

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA RUTE ELLA DOMINICI

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





02



RENATO MOTA



Desenhista. Autor de ficção de fantasia. Desenvolvedor de jogos para computador e consoles. Produtor de universos fantásticos e surreais, com caminhos para todos os afetos em intersecções com nossa realidade. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Design Gráfico pela Uninter. Coursou Psicanálise pela Associação Psicanalítica do Brasil. Na The Bard é colunista de Desvendando a fantasia. Conheça mais do trabalho do artista em [@ren_arrais](#) - [linktr.ee/rmaljogos](#)

A história sem fim — fuga e fantasia

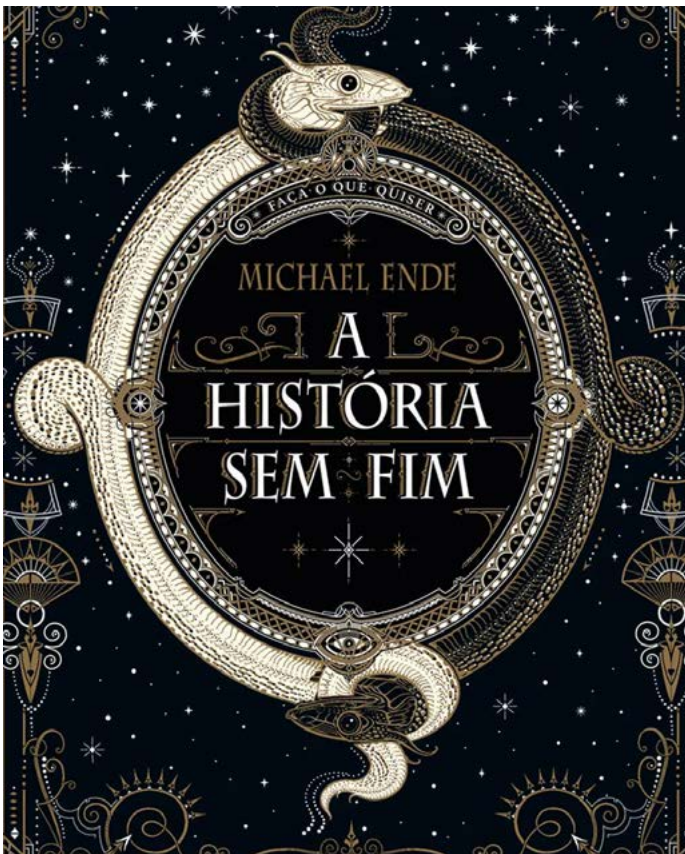


Imagem do Livro 'História sem fim' por Google

Penso que nunca vou me cansar de falar sobre fantasia e coisas fantásticas sobre livros, filmes e jogos com histórias incomuns. Então, trago, nesta edição da revista, uma história que fala sobre contar histórias. Chama-se “A história sem fim”, do autor Michael Ende (1929–1995), que certamente gostava de imagens incomuns, pois seu pai era um pintor surrealista (cuja arte era considerada degenerada pelo regime nazista). Um livro maravilhoso, com um protagonista gordinho de cerca de 11 anos e várias criaturas divertidas, como um gigante de pedra, um elegante homenzinho que corre em um caracol, duendes e muitos recursos maravilhosos. Como eu disse, uma meta-história com contos e outros textos, tudo entrelaçado. A intenção aqui não é fazer o melhor resumo do mundo sobre um livro de 430 páginas, então vamos ao que nos interessa.

Atreyu procura um menino humano

Começamos o livro com Bastian Balthazar Bux (e haja letra B no meio do mundo) entrando aperreado numa livraria, fugindo de moleques que faziam com ele toda sorte de malvadezas. O livreiro, Carl Conrad Coreander (BBB depois CCC... imagino que deva haver um sentido nisso), a princípio diz não gostar de crianças, mas, ao perceber que Bastian gosta de livros e está fugindo, acaba permitindo que Bastian fique lá um pouco mais.

Bastian é um menino

que perdeu a mãe havia pouco tempo e o pai andava com poucas interações afetivas com o filho. Os livros são a companhia do menino. Foi quando ele viu, na mesa do senhor Coreander, o livro chamado “A história sem fim”, com a imagem de duas cobras dispostas em oval, mordendo a cauda uma da outra. Bastian se aproveitou de um descuido do senhor Coreander e subtraiu da livraria o exemplar, levando-o para a escola, onde se escondeu para ler. E foi lá que a coisa ficou estranha.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"

Já vi muitos livros de fantasia, onde a protagonista dá uma fuga do mundo comum e vive aventuras esdrúxulas, como em “Alice no País das Maravilhas”. Na verdade, segundo Joseph Campbell (2007), em “O herói de mil faces”, sair do mundo comum, seja para um mundo imaginário, paralelo ou uma grande viagem, é o estopim de toda boa história. Eu poderia falar longamente sobre essa estrutura de texto “carnibalesca” e um zilhão de possibilidades que transgridam essa estrutura, mas como diria o Michael Ende (2022), isso é outra histó-

ria. Então vamos ver como acontece essa transgressão em “A história sem fim”.

Bastian era agredido e humilhado pelos colegas da escola por ser o tipo de criança que inventa suas próprias histórias e acaba, por vezes, contando-as a si mesmo. Histórias cheias de palavras inventadas e personagens incomuns, como os que aparecem no texto que ele estava lendo. Isso o prendia cada vez mais na leitura. O livro fala sobre uma terra chamada Fantasia e a leitura funcionou como um “chamado para a aventura” de Bastian.



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEARTAI, sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 24/01/2026

A princípio, o livro nas mãos de Bastian mostrava um gigante que se alimentava de pedras, um duende que voava em um morcego, um homenzinho pequeno em um caracol de corrida e um fogo-fátuo. Todos com a missão de chegar à Torre de Marfim e encontrar a “Imperatriz Criança”, que estava doente e nenhum médico de Fantasia conseguia curá-la. Em redor de uma fogueira, os quatro viajantes falavam sobre um assustador fenômeno que se espalhou em Fantasia: um nada que consumia tudo que o tocava. Onde havia o lago, agora não tinha nada, onde havia uma montanha, agora não tinha nada. E não era como se o lago secasse. Se houvesse um lago seco, haveria alguma coisa. Tudo que o nada tocava se tornava, desconcertantemente, nada, e isso parecia estar ligado à doença da Imperatriz.

Já na Torre de Marfim, um centauro recebeu a missão de encontrar Atreyu, um menino de um povo de pele verde que vivia da caça de búfalos, e entregar-lhe um amuleto chamado Auryn, que tinha a mesma imagem da capa do livro, duas cobras dispostas em oval, mordendo a cauda uma da outra. Atreyu montou em seu cavalo falante e saiu desarmado, portando o Auryn, em busca de uma criança humana.

A partir desse ponto, segue-se a aventura de Atreyu e, estranhamente, coisas que aconteciam com Bastian, aconteciam também com o herói do livro que ele estava lendo. Bastian pegou um sanduíche e Atreyu fez uma pausa para comer. Bastian teve um susto e Atreyu se assustou também. Quando Artax, o cavalo falante, morreu em um pântano, Bastian chorou como Atreyu.



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEARTAI, sob a direção de Arelly Soares Reis, Criada em 24/01/2026

"À medida que Bastian se envolve mais na história, a fronteira entre a realidade e a fantasia se torna cada vez mais tênue, e ele se torna um co-criador do destino de Fantasia."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"

Mais adiante, Atreyu conheceu o dragão da sorte, chamado Fuchur, sendo perseguidos por um lobisomem (que comeria qualquer lobo mau da história de Chapeuzinho Vermelho) chamado Gmork. Atreyu conversou com o Gmork e conheceu outras criaturas encantadoras como: pequenos duendes, uma criatura formada por um enxame de insetos, chamada Ygramul, e uma tartaruga gigante não tão encantadora assim, chamada Morla. As coisas não aconteceram exatamente nessa ordem. Por informação de Morla, Atreyo soube que a Imperatriz seria curada se ela recebesse um novo nome, mas apenas uma criança humana poderia fazer isso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"

Só até esse ponto da história existem muitas metáforas, como o pântano da tristeza, onde a pessoa se afundava quando perdia as esperanças, como o Bastian, afundando em saudade da mãe; o nada, que consumia tudo com seu vazio; e o pai de Bastian, que trabalhava o dia todo e, mesmo quando estava perto do filho, parecia longe. Esse "nada", quanto mais perto, mais se tornava intenso e acabava atraindo as coisas para si. Era como na depressão: quanto mais para baixo o indivíduo se sente, mais difícil é para melhorar.

No fim das contas, a grande missão de Atreyu era levar um garoto humano até Fantasia, e o menino humano, Bastian, acompanhou Atreyu durante toda a leitura. No final da primeira parte do livro, a Imperatriz Criança pediu, através do texto, que Bastian lhe desse um novo nome. E Bastian questionou a própria sanidade mental.

A Imperatriz só tinha aparência de menina, mas era velha como o tempo do mundo. Quando enfim Bastian aceita que o livro, ou a Imperatriz Criança, estava de fato falando com ele, o jovem falou o nome que escolheu para ela: "Filha da Lua".

Bastian foi parar no livro "Filha da Lua", que lhe deu o Auryn, para ele refazer Fantasia. Ele era um menino bem criativo e, quando começou a fantasiar, o lugar todo voltou a ser o que já foi um dia e muito mais.

A história sem fim tem um fim. Mais ou menos...

Com o amuleto no pescoço, Bastian caminhou por um deserto colorido e conheceu um leão chamado Graugamar, a morte multicolorida. Se esse livro é, de alguma forma, a fantasia de quem lê, está justificado por que o leão é colorido, afinal, o Bastian tem uns 11 anos? Segundo Graugamar, tudo que entra no deserto colorido morre queimado, e o deserto é o próprio Graugamar. Assim, onde for o leão, o deserto vai junto. Durante o período de sol, é um deserto colorido e, durante o período da noite, o leão se petrifica e uma floresta surge. Muita gente vê isso como uma indecisão (muitas cores, vida, morte...) de quem tem uma liberdade gigante e não sabe o que fazer com isso. Bacana que o leão tinha um castelo e todo tipo de comida, mas nenhum funcionário. Possivelmente, se o Bastian pensasse nisso, iria acordar de um sonho. Mas, deixando essas questões de lado, eu adoro esse livro! No fim dessa parte, o leão dá a Bastian uma espada que só poderá ser portada por quem souber o nome dela. E é claro que Bastian sabia que o nome dela era Sikanda... E a espada só poderia ser usada em combate se ela mesma se saltasse da bainha e fosse para a mão do usuário. Sikanda escolhia as batalhas que lutaria.

Para Bastian, aquele tempo de criação sem limites era maravilhoso. Ele poderia viver e criar o que ele quisesse. No começo, Bastian era contra a violência, a ponto de não revidar contra os moleques que o agrediam, e Atreyu saía em busca dele absolutamente desarmado. Mas agora, a fantasia consciente de Bastian envolvia uma espada mágica e ele queria aventuras e batalhas.

O amuleto Auryn era a fonte dos desejos, e isso era viciante. Mas a cada desejo, o amuleto tomava de Bastian uma memória. Assim, desejar muita bobagem era bem perigoso, já que ele deveria ir de desejo em desejo, até encontrar um desejo que o levasse de volta para o mundo real.

É preciso aqui fazer algumas distinções: o desejo consciente, aquele superficial, onde “Seu Fulaninho” ou “Dona Fulaninha” quer pizza, chocolate ou fazer sexo com determinada pessoa porque é bonita; o desejo inconsciente, na concepção psicanalítica, que tem muito mais a ver com direcionar-se ao que é intenso, independentemente de ser um objeto bom ou ruim, como um bebê que brinca com um ursinho de pelúcia ou com cocô; e a necessidade, aquilo que você realmente precisa, como um remédio, mesmo que seja amargo. Aqui vemos Bastian afundando na fuga da realidade. Ele sai de um mundo onde ele é perseguido por outros meninos, onde ele não tem mãe, onde o pai está distante e vai para um mundo mágico, onde ele pode ter, ser e fazer o que quiser. Conscientemente, ele deseja criar e viver aventuras, como uma compensação das amarguras da vida real; inconscientemente, ele repete os desejos, como num vício, entregando cada vez mais de si, o que não tem como dar certo; e, finalmente, a necessidade dele de tomar o remédio amargo, ou retornar ao mundo real e enfrentar a realidade dura e crua e crescer, isso, Bastian procrastinou, chegando a dizer com todas as letras, “vou ficar para sempre em fantasia”.



IMAGEM GERADA POR IA. "família GROOM-AI, sob a direção de Arty Soares Reis, Criada em 24/01/2025"

De desejo em desejo, Bastian fez amizade com Atreyu e Fuchur, viveu algumas aventuras e, quando estava em uma cidade de prata, construída em bascos sobre um lago corrosivo, Bastian contou a história de como aquela cidade foi criada: uma raça de seres feios e tristes chorou até criar o lago, e estas lágrimas também purificaram a prata no subsolo, que depois foi minerada e usada para criar a cidade. A partir dessa contação, a história se tornou real e foi assim que a cidade surgiu. Atreyu e Fuchur perceberam que Bastian estava diferente, que o Auryn estava drenando algo dele. Antes, Bastian era um menino

rechonchudo, agora era um tipo de fortão de histórias de espada e magia dos anos 70 e 80, e não tinha nada para dizer quando lhe perguntavam sobre a escola onde estudou ou seu mundo de origem. Quando Atreyu e Fuchur tentaram, para o bem de Bastian, roubar o Auryn, eles foram pegos e Bastian não os matou porque já foram amigos, embora tenha desejado nunca mais os ver. Nesse meio tempo, Bastian foi seduzido por uma feiticeira bonita que o fez guerrear contra a “Torre de Marfim” e querer se coroar e se autodeclarar a “Polícia do Mundo”, digo, “Imperador de Fantasia”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"

Tomada a Torre de Marfim, Bastian vê que Filha da Lua não está lá, e se lembra de uma coisa que ouvira antes: humanos não podem ver a imperatriz mais de uma vez. Mas ele, agora um grande guerreiro com o ego inflado, imaginava estar livre dessa regra.

Bastian adiou a própria coroação e, num passeio que fez, conheceu um macaquinho irreverente chamado Argax. O danado mostrou a Bastian um lugar assustador, chamado Cidade dos Antigos Imperadores, onde viviam todos os humanos que foram à fantasia antes de Bastian e que haviam desejado ser Imperadores de fantasia. Um deles cavou um buraco e lá colocou uma vela acesa, para logo em seguida, jogar terra no buraco; outro levava um carrinho de bebê com um objeto sem sentido dentro... e coisas assim. E Bastian percebeu ser bom fugir um pouco da realidade, mas viver num mundo de fantasia não era saudável.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPiK, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 24/01/2026"

A superação e o retorno pela fantasia

Nesse ponto da história, restavam poucas memórias para Bastian usar, assim, poucos desejos também. Talvez pelo medo de ir morar na Cidade dos Antigos Imperadores ou por finalmente aceitar a necessidade do remédio amargo, Bastian foi parar em um lugar chamado Casa Mutante (que ficava criando e desfazendo salas por vontade própria) onde morava a Dama Aiuola, uma gentil senhora que morria durante a noite e renascia durante o dia. Dela nasciam frutas deliciosas. A princípio, Bastian questionou a ideia de comer algo que saísse de outra pessoa, mas a senhora lhe explicou que os bebês tomavam leite da mãe e isso não era um problema. Não é preciso ser um gênio para saber que Bastian queria

rever a mãe, mas ela estava morta, então ele recriou a brincadeira de vai e volta (fort-da) que Freud cita em "Além do princípio do prazer" (1996). Alguns dias se passaram com Bastian na casa mutante, até que ele foi à busca do próximo desejo. O luto de Bastian foi vivido e superado.

O desejo de crescimento e retorno ao mundo real levou Bastian a um minerador chamado Yor, que era cego e escavava as entranhas de fantasia em busca de imagens perdidas. Uma dessas imagens deveria trazer alguma memória a Bastian. Como nenhuma das imagens já mineradas por Yor deu resultado, Bastian foi escavar sozinho no escuro

e, após dias de trabalho, encontrou uma imagem do próprio pai. O pai, o porto seguro, o que sobrou do mundo de Bastian, destruído pelo nada e pela tristeza. Agora Bastian tinha novamente para onde poder voltar. Isso me lembra "O nome do Pai", como diria Lacan, como regra regente do entendimento das coisas. Bastian estava diante de seu último desejo: a saída da depressão do nada, a capacidade de amar, representada no livro como uma "água da vida". Ele amava a memória da mãe, que, mesmo dolorosa, era tudo que restara do amor dela; o pai, seu porto seguro; e a sua própria criatividade para contar histórias.

Enfim, após anos de aventura, Bastian saiu da fantasia e, no mundo real, havia passado apenas um dia. Ele retorna para casa em um dia feriado e precisou pular a janela, o que para um menino rechonchudo era um obstáculo. Mas um obstáculo pequeno para quem cavalgou um leão e um dragão! Ele fez as pazes com o senhor Coreander (que lhe disse já ter ido à fantasia também), reencontrou o pai e seu luto

estava vivido, lamentado e superado.

E chegamos ao fim de mais uma fantasia belíssima. Tenho certeza de que, depois dessa leitura, todos aqui vão inventar muitas aventuras e jornadas fantasiosas para curarem seus traumas e realizarem seus sonhos, “mas isso é outra história e será contada em outra ocasião”. Quem sabe, né?



IMAGE GERADA POR IA, "usando Gemini, sob a direção de Renato Mota, criada em 24/01/2025"

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

COLUNISTA RENATO MOTA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





02



NATÁLIA CARMO



Professora de Língua Portuguesa, escritora e neuropsicopedagoga. Formada em Letras e mestra em Educação, atua no ensino da linguagem, leitura crítica e cultura brasileira. Produz conteúdo sobre literatura e formação de leitores. Entre suas obras destacam-se “O Amor Acaba e Recomeços”, acredita no poder transformador das palavras.

A coluna Momento Resenha nasce do desejo de olhar para a literatura com atenção crítica e sensibilidade, abrindo espaço para reflexões sobre obras, autores e caminhos da escrita. Mais do que apresentar livros, a proposta da coluna é convidar o leitor a percorrer as camadas da literatura, suas ideias, contextos e provocações, estimulando uma leitura mais consciente e curiosa.

Nesta edição, o destaque é a resenha da obra *Esquecidos e Superestimados*, de Rodrigo Gurgel, um livro que propõe revisitar o cânone literário com olhar questionador, discutindo autores que foram injustamente deixados à margem da história literária, ao mesmo tempo em que revisa nomes cuja consagração merece ser repensada. A obra abre um debate instigante sobre crítica literária, memória cultural e os critérios que definem o que permanece ou desaparece no panorama da literatura.



IMAGEM GERADA POR IA, "sumô SEARTAI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criado em 08/02/2025"

Resenha Crítica

Obra: Esquecidos e Superestimados Autor: Rodrigo Gurgel

A obra *Esquecidos e Superestimados* propõe uma reflexão incômoda e necessária sobre os critérios de valorização intelectual, cultural e social que regem a sociedade contemporânea. Em um cenário marcado pela espetacularização de ideias, pela

lógica da viralização e pela autoridade conferida à visibilidade, o livro convida o leitor a questionar quem são, de fato, os sujeitos, pensamentos e produções que merecem reconhecimento, e quais são artificialmente elevados à condição de referência.

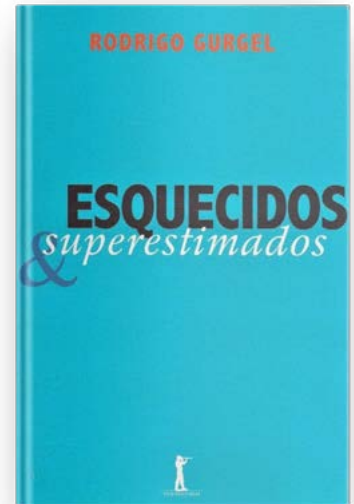


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 08/02/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 08/02/2026"

Com uma escrita direta, porém densa, o autor constrói um texto que transita entre crítica cultural, análise social e provocação intelectual. Não se trata apenas de apontar nomes ou fenômenos, mas de desconstruir os mecanismos que produzem o esquecimento de uns e a supervalorização de outros. O livro se insere, assim, em um debate urgente sobre mérito, memória, prestígio e construção simbólica na sociedade atual.

Ao longo dos capítulos, *Esquecidos e Superestimados* aponta que o reconhecimento social raramente está diretamente relacionado à profundidade intelectual, ao rigor teórico ou à efetiva contribuição para o pensamento crítico. Em seu lugar, prevalecem critérios como carisma, repetição discursiva, alinhamento ideológico, aceitação midiática e capacidade de adaptação ao consumo rápido de ideias.

A obra evidencia como figuras relevantes do pensamento, da literatura, da filosofia e da ciência acabam relegadas ao esquecimento por não se enquadrarem nos padrões de visibilidade contemporâneos. Em contrapartida, analisa o fenômeno da superestimação de personalidades que, embora amplamente divulgadas, apresentam produção superficial, argumentos frágeis ou reciclagem de ideias já consolidadas.

O autor também problematiza o papel das instituições, escolas, universidades, meios de comunicação e redes sociais, na legitimação desses processos. O livro demonstra que o esquecimento não é um acidente histórico, mas um efeito direto de escolhas culturais e políticas. Da mesma forma, a superestimação não é sinônimo de excelência, mas de conveniência simbólica.

Um dos méritos centrais da obra reside em sua capacidade de incomodar. Esquecidos e Superestimados não oferece conforto intelectual, tampouco respostas simplistas. Ao contrário, força o leitor a confrontar seus próprios critérios de admiração, suas referências e até mesmo suas repetições automáticas de discursos consagrados.

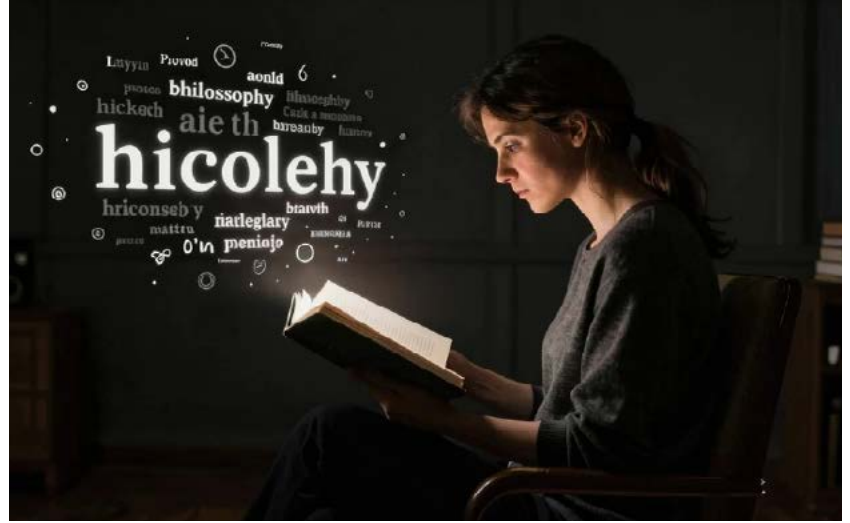


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 08/02/2026"

A linguagem adotada equilibra clareza e densidade conceitual, permitindo que o texto seja acessível sem se tornar raso. O autor demonstra domínio teórico ao dialogar, ainda que implicitamente, com conceitos da sociologia do conhecimento, da filosofia crítica e da psicanálise social, especialmente no que diz respeito à necessidade humana de validação simbólica e pertencimento.

Outro aspecto relevante é a crítica à cultura da autoridade. O livro expõe como determinados discursos ganham legitimidade não pelo conteúdo, mas pela posição social de quem os profere. Essa análise dialoga diretamente com o cenário atual das redes sociais, em que influência muitas vezes substitui competência, e engajamento se sobrepõe à reflexão.

No entanto, a obra exige um leitor atento e disposto à autocrítica. Em alguns momentos, a argumentação assume um tom incisivo que pode ser interpretado como provocação deliberada, o que, longe de ser um defeito, parece uma estratégia consciente para romper com a passividade intelectual.

Esquecidos e Superestimados contribui significativamente para o debate sobre produção de conhecimento, memória cultural e formação do pensamento crítico. Em um tempo marcado pela aceleração informacional e

pela substituição da leitura profunda por fragmentos de opinião, o livro reafirma a importância da análise criteriosa e do resgate de vozes silenciadas.

A obra é particularmente relevante para educadores, estudantes, pesquisadores e produtores de conteúdo por questionar diretamente o papel de cada um na manutenção — ou ruptura — desses ciclos de valorização artificial. Além disso, oferece subsídios para refletir sobre currículo, cânone, autoridade intelectual e responsabilidade ética na divulgação de ideias.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 08/02/2026"

Ao final da leitura, fica evidente que Esquecidos e Superestimados não é apenas um livro sobre terceiros, mas sobre todos nós. Trata-se de um convite à vigilância intelectual: sobre o que consumimos, sobre quem legitimamos e sobre quais vozes escolhemos ignorar.

Com uma proposta crítica consistente e uma escrita que alia firmeza e reflexão, a obra se estabelece como leitura necessária para quem deseja compreender os bastidores simbólicos da valorização cultural contemporânea. Mais do que apontar esquecidos ou superestimados, o livro nos obriga a perguntar: por quais critérios escolhemos acreditar, admirar e repetir?

Essa é, talvez, sua contribuição mais potente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 08/02/2026"

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

COLUNISTA NATÁLIA CARMO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





DAS CULTURAS TRADICIONAIS

02



NAZARETH ARRAIS



Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestre em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

O CANCIONEIRO DA TRADIÇÃO ORAL POPULAR: UMA MEMÓRIA MUSICAL DE MUITAS VOZES



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Nazareth Lima Arrais, Criada em 13/01/2026"

Nesta edição, a coluna Recanto das Culturas Tradicionais traz para os leitores uma discussão sobre o Cancioneiro Popular enquanto coletânea de composições artístico-musicais da oralidade, como um dos bens mais preciosos do patrimônio cultural de nosso povo. Partimos da concepção do vocábulo cancionero, passando pela origem, até a apresentação de versões de um dos tipos de cantiga de hoje, catalogadas em regiões do Brasil e em Portugal.

Cancioneiro Popular: concepção e origem

Por cancioneiro popular, concebemos o acervo de cantigas da tradição oral passadas de geração a geração pela voz do povo. Nesse percorrer no tempo, na história e na memória, algumas cantigas são discretamente alteradas em sua letra, prevalecendo o ritmo e a melodia.

Para Ricardo Mendes Mattos (1917), com os estudos folclóricos no Brasil, cujo olhar primeiro foi para a poesia popular, sobressai-se a relevância da “influência portuguesa nos cantos e contos brasileiros.” Segundo o autor, os estudos começam

com Celso de Magalhães (1849-1879) que “tinha, inclusive, o projeto de cotejar suas coletas de cantos brasileiros com publicações do cancioneiro português – projeto, infelizmente, não publicado, devido à morte prematura do autor.” (1917, p. 129). Segundo Ricardo Mendes Mattos, “diversos dos mais importantes folcloristas brasileiros ressaltam a grande influência portuguesa na poesia tradicional brasileira, a exemplo de Silvio Romero, Amadeu Amaral, Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade [...]” (1917, p. 129).

Desde a época medieval, de acordo com José Leite Vasconcelos, cantigas e poemas foram coletadas da tradição, cuja coletânea recebeu o nome de cancioneiro. O Cancioneiro Popular como temos hoje no Brasil, segundo o autor, tem sua origem nos cancioneiros do século XVIII (Santos; Batista, 1993).

Buscando no Dicionário de Literatura, organizado por José de Prado Coelho, em 1982, as professoras Idelette Muzart Fonseca dos Santos e Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (1993) elegeram oito cancioneiros de origem ibérica. Referências a esses cancioneiros, bem como digitalizações de alguns deles podem ser encontrados na Biblioteca Digital Luso-Brasileira.

Cancioneiro da Ajuda ou do Colégio dos Nobres, com 310 cantiga, reunidas em fins do século XIII, a partir de 38 autores diferentes.

Cancioneiro da Biblioteca Nacional ou Colloci-Brancuti, com 1560 cantigas, compiladas em fins do século XV.



IMAGEM GERADA POR IA usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026

"A tradição dos cancioneiros, que remonta à época medieval, influenciou a formação do Cancioneiro Popular brasileiro, com raízes nos cancioneiros ibéricos dos séculos XVIII e anteriores."



IMAGEM GERADA POR IA usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

Cancioneiro da Vaticana, com 1.205 cantigas de vários trovadores da lírica galego-portuguesa de fins do século XV.

Cancioneiro da Baena, contendo em torno de 1.445 poesias em castelhano e português.

Cancioneiro de Évora, do final do século XVI.

Cancioneiro de Luís Franco Correia, com poesias portuguesas quinhentistas.

Cancioneiro Fernandes Tomás, século XVII, com mais de 300 poesias.

Cancioneiro Geral ou de Resende, de 1516, com composições de cerca de trezentos poetas.

Em Portugal, também encontramos outras publicações de composições musicais populares, a exemplo de: Theophilo Braga, com *Cancioneiro Popular*, de Coimbra, em 1867, e *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, do Porto, em 1869; Pedro Fernandes Thomaz, com *Canções populares da Beira*, em 1896; Cesar das Neves e

Gualdino de Campos, com *Cancioneiro de Músicas Populares* (vol. I, II e III), no Porto, em 1893, 1985 e 1898, respectivamente; Francisco Xavier d'Athaide Oliveira, com *Romanceiro e cancionero do Algarve*, no Porto, 1905; Pedro Fernandes Tomás, com *Cantares do Povo*, de Coimbra, em 1919; Alves Redol, com *Cancioneiro do Ribatejo*, em 1950; Michel Giacometti, com *Cancioneiro Popular Português*, de Lisboa, em 1981; Carlos Nogueira, com *Cancioneiro popular de Baião* (vol. I e II), de Braga, em 2011, e *As rimas infantis portuguesas*, também de Braga, em 2011.

De acordo com as professoras Idelette Muzart e Maria de Fátima, no início, "a palavra cantiga foi usada para designar uma coleção de cantigas de amigo, de amor e de escárnio e de mal-dizer que eram poemas líricos, compostos de redondilha maior e divididos em estrofes iguais" (1993, p. 30). Essa concepção foi ampliada para indicar qualquer poema feito para ser cantado. Segundo as autoras, a diferença da canção é porque a cantiga veicula uma conotação antiga, "percebida pelo informante de modo mais ou menos claro" (1993, p. 30).

Ainda segundo as autoras, no Brasil, “a cantiga foi tradicionalmente em quadras, com rimas simples ABCD ou alternadas ABAB” (1993, p. 30). As temáticas eram claramente de origem lusitana com “elementos líricos,

distância, saudade, ciúme, aos quais o brasileiro acrescentava frequentemente tons humorísticos ou maliciosos” (1993, p. 30).

Com esses viéses, em 1903, o paraibano José Rodrigues de

Carvalho publicou um cancionero, designado de Cancioneiro do Norte que, embora o título faça referência ao Norte, é, na verdade, do Nordeste.

CANCIONEIRO DO NORTE

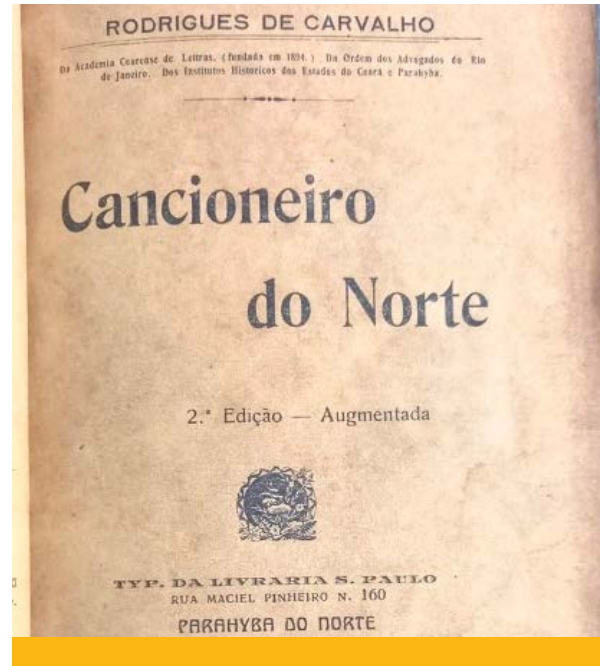
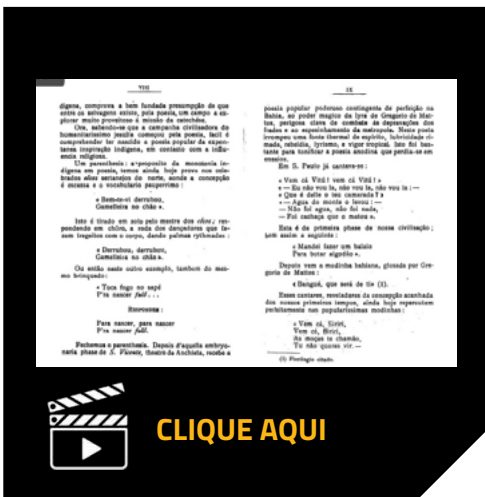


Imagem de divulgação por Google

IMAGEM GERADA POR IA *usando FREPIK, sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 05/02/2025*



Na coletânea se encontram composições com influências culturais indígenas e africanas de artistas negros, entre as quais figurou um poeta escravizado: o famoso Inácio da Catingueira. No referido cancionero, as composições poéticas eram de improviso e foram coletadas nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Sobre as composições, encontramos comentários do organizador da obra, veiculando os valores da época. A obra, segundo o organizador, foi publicada como forma de “comemorar o Tri-Centenário da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará” (1903, p. 54), registrando a riqueza, hoje reconhecida, da poesia do povo nordestino.

Quase um século depois, coordenado pelas professoras Idelette Muzart Fonseca dos Santos e Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, com a colaboração de 15 pesquisadores e pesquisadoras (entre as quais está Fátima, uma das organizadoras) uma coletânea também de composições musicais orais da Paraíba foi publicada, agora com o nome de Cancioneiro da Paraíba. Além de conterem características diferentes, as cantigas foram colhidas de gerações passadas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

A oralidade como modalidade de apresentação do cancionero

A oralidade é a primeira modalidade da linguagem usada para comunicar e interagir. De acordo com Paul Zumthor (1993) é com a oralidade, ou vocalidade, que a literatura tem origem. Para esse autor, “a voz foi então um fator constitutivo de toda obra que, por força de nosso uso corrente, foi denominada ‘literária’” (p. 9). O autor destaca três situações de cultura oral: a oralidade primária, a oralidade mista e a oralidade que se recompõe com base na escritura.

Com valores atualizados pelo próprio povo, a coletânea conta com 13 cantigas de ninar; 117 cantigas de brincar; 26 cantigas de folgado; 42 parlendas; 29 cantigas religiosas; 8 orações e crenças; 7 abois e toadas; e 20 cantos políticos de costumes. É das cantigas de brincar que apresentamos as versões, uma vez que nossa infância foi marcada por algumas delas que se encontram nesse registro.

É importante pontuar que também vamos encontrar outros registros de cantigas: em 1883, Silvio Romero publica Cantos

Populares do Brasil. E, como registros musicados, também temos: Canções infantis, sob a direção de Paulo Tapajós, com cantigas do Rio de Janeiro, em 1953; a gravadora Marcus Pereira grava discos de cantigas populares (Música Popular do Sudeste/Centro-Oeste (vol. 3), em 1974; Música Popular do Norte (vol. 1), em 1976; e Música Popular do Norte (vol. 4), também em 1976); e o grupo de coral Madrigal Infantil de Montes Carlos, também grava, pela mesma gravadora, Cantigas de roda e canções infantis do Norte de Minas Gerais, em 1979 (Mattos, 2017).



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"



Segundo Paul Zumthor, foi na oralidade mista, também designada vocalidade, que os poetas da Idade Média transmitiram seus poemas. Tratava-se de uma estratégia de produção da criação literária o emprego da voz entoada. Para isso, se organizava um espaço com plateia para quem o poeta cantava. Isto porque só é possível a realização da comunicação oral com a presença de um locutor (que nesse caso específico era o poeta)

e do interlocutor (os ouvintes). Segundo o autor, a construção poética só era possível por meio dessa relação.

É nesse contexto de oralidade que os cancioneros de todos os tempos se instauram, encantando com melodias e valores do povo de cada época que, ao ouvir as cantigas, se identificavam e se identificam, reproduzindo-as ad infinitum a gerações seguintes, pela memória.

A memória musical popular de muitas vozes

As cantigas que compõem os cancionários de modo geral são recursos musicais de uma memória coletiva, ou seja, comum a uma nação, região, estado, cidade.

Para destacar uma concepção de memória que esteja em consonância com a discussão que propomos, trazemos Le Goff (1990), para quem memória coletiva,

para além de um depósito de lembranças, é um processo dinâmico, cujos elementos do passado são recuperados e ressignificados para pensar os valores presentes.

É nesse contexto que a ideia de memória musical, a que nos referimos, está atrelada. Além das lembranças guardadas na mente e recuperadas pelas gerações que dão continuidade à existência de um povo, dos ritmos, das melodias desses discursos, estão presentes as letras que predominam, mas que também recebem ressignificações de acordo com o povo que delas toma posse.

Podemos considerar, pelas pesquisas, por exemplo, de Ricardo Mendes Mattos (2017), que as cantigas populares da tradição oral entoadas no Brasil é uma herança da tradição ibérica que, aqui chegando, recebeu um tratamento verbal e, conseqüentemente, semântico próprio da nova nação. É por isso que as versões de uma mesma cantiga podem ser encontradas em várias regiões do Brasil.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

Um exemplo é a cantiga infantil, bastante cantada no Brasil, O Cravo e a Rosa, que narra a desavenças entre o cravo e a rosa. Encontramos, por exemplo, uma versão levantada em Sergipe, na obra Cantos Populares do Brasil (Volume I), reunidos por Sylvio Romério e publicado em Lisboa, em 1883.

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma,
Anda o cravo em demanda
Porque a rosa tem mais uma.

O cravo brigou co'a rosa
Debaixo de uma sacada;
O cravo sahiu ferido,
E a rosa espinicada.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva o palácio do rei;
Viva o primeiro amor
Que n'esta terra tomei!

O cravo cahiu doente,
A rosa o foi visitar;
O cravo deu um desmaio,
A rosa pôz-se a chorar.



A versão incompleta que segue é do Rio de Janeiro e foi extraída por Ricardo Mendes Mattos (1917) de Canções infantis, publicada em 1953, por Renato Tapojós.

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada

O cravo ficou doente
E a rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar.

VERSÃO CANTADA



A mesma versão, encontramos no Cancioneiro da Paraíba, organizado pelas professoras Idelette Muzart Fonseca dos Santos e Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, em 1993. Melodia e letra prevalecem nas versões do Rio de Janeiro e da Paraíba

1. O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada

2. O cravo ficou doente
E a rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar



Imagem - Cancioneiro da Paraíba por Google



IMAGEM GERADA POR IA - "Imagem FREEMIX, sob a direção de Arley Soares Reis. Criada em 05/02/2026"

O professor Ricardo Mendes Mattos afirma que outras versões podem ser encontradas como em Ciranda Infantil (Música Popular do Sudeste, vol. 3, 1974) ou em Palavra Cantada (1998). O desafio entre ambos (cravo e rosa) também é tema da seguinte estrofe, extraída de As rimas infantis portuguesas, publicado em Braga, Portugal, no ano de 2011, por Carlos Nogueira.

O cravo bateu na rosa
E a açucena foi jurar;
Oh que lindo juramento
O meu jardim tem de dar!

Assim como O Cravo e a Rosa, outras inúmeras versões, é possível encontrar em diálogo nos estados do Brasil e em Portugal. No exemplo que trouxemos, a temática da cantiga de brincar é a mesma (desavença entre um casal), embora, no fragmento acima, o nome rosa é substituído por açucena.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/02/2026"

COLUNISTA NAZARETH ARRAIS

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





O Mundo DA FANTASIA



02



KAROL ARTIOLLI



Apaixonada por fantasia e mitologias, é autora do livro *O Destino da Espada: A Saga de Ériko Alek*. Nascida em Campinas, interior de São Paulo, começou sua jornada literária ainda na infância, quando se aventurava em diários e contos poéticos. Com uma reviravolta em suas crenças, dedicou-se desde os 12 anos ao estudo aprofundado das mitologias; uma paixão que a acompanhou por toda a vida e a inspirou viajar pelo mundo em busca dos cenários fantásticos descritos por Homero e Virgílio. Gamer nas horas vagas, ela encontrou na escrita sua verdadeira vocação, incorporando em suas obras fantásticas a fascinação por mitos. Na *The Bard*, investiga como o mundo da fantasia se reinventa — nas páginas, nas telas e nas mãos de quem cria, inspirando e provocando reflexões.

Da Fogueira ao Papel: A Fantasia do Medieval aos Tempos Modernos



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 30/01/2026*

Olá, queridos leitores.

Muito antes de alcançarem as páginas de livros que ocupariam as listas de mais vendidos do mundo, ou mesmo de alçarem voos ainda mais ousados e conquistarem as telas gigantescas, a fantasia nasceu de vozes, por vezes, solitárias.

Ela foi cantada por bardos em poemas metódicos, preservada por monges em pergaminhos enrolados e empoeirados, e reinventada por escritores ousados que, século após século, moldaram o imaginário de povoados, devotos e de ge-

rações inteira de novos escritores.

A história da fantasia é uma travessia longa, trilhada com passos mansos, carregadas como brisas mornas pelo tempo.

Ela começa muito antes de registramos figuras nas paredes das cavernas. A sede voraz da humanidade por responder às perguntas daquilo que lhe era desconhecido, deu origem a narrativas homéricas, construídas a partir de um acúmulo consciente de pequenas descobertas feitas em suas trilhas diárias.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMTAI, sob a direção de Tânia Lanhini, Criada em 30/01/2026"

Mas, se eu fosse começar no momento em que o primeiro ser humano descreveu, com a própria voz, os sons do mundo para criar a linguagem, eu teria que usar a revista *The Bard* inteira.

Assim, pouparei os queridos editores e começarei por onde algumas vozes foram esquecidas: A Idade Média.

Farei você, caro leitor, viajar comigo pela história da fantasia, desde os pequenos vilarejos franceses até os tempos modernos. Carregando mitos, crenças e perguntas que ainda nos acompanham.

Portanto, sente-se no tronco mais próximo, ajeite-se ao redor das chamas, e vamos para a aventura!

A fantasia medieval: quando o sobrenatural era real

Séculos VIII-XI

O sol estava se pondo no horizonte. As últimas galinhas já foram devidamente acomodadas no galinheiro e os três fardos de feno postos ao lado dos três cavalos baios, presos em baias de madeiras, acuradamente pregadas com grossos pregos de ferro.

A lenha já havia sido organizada no centro da comunidade e o fogo iluminaria os rostos cansados da lavoura, bem antes da lua alcançar o pino do céu. Essa era a hora das prosas soarem como lendas antigas, passadas de geração a geração.

As histórias ao redor de fogueiras eram contadas em ritmos teatrais, servindo de transmissão de cultura, memórias, mitos e conhecimentos. Era um momento de interação coletiva, risadas, uso intenso de linguagem corporal e entonação de voz para criar um ambiente imersivo.



Imagem de Pixabay

Na Idade Média, a fantasia não era um gênero: era uma forma de compreender o mundo. Um imaginário cultural repleto de mitologia (greco-romana, nórdica e celta), religião (cristianismo) e folclore, que inspiraram romances de cavalaria, canções de gesta e contos de fadas.

Imagine ter que explicar os sons produzidos por coiotes ou corujas (e tem alguns sons de aves realmente perturbadores) em florestas e matas densas, pedindo “cuidado” às crianças e donzelas, para não adentrarem os lados sombrios e obscuros do desconhecido. Ou mesmo, idealizar dragões e unicórnios, fadas e gnomos, herdados dos contos de diversas mitologias. Assim surgiam as histórias fantásticas.

Cito, como exemplo, o poema épico *Beowulf*, que surgiu nesta época, possivelmente no século VIII.

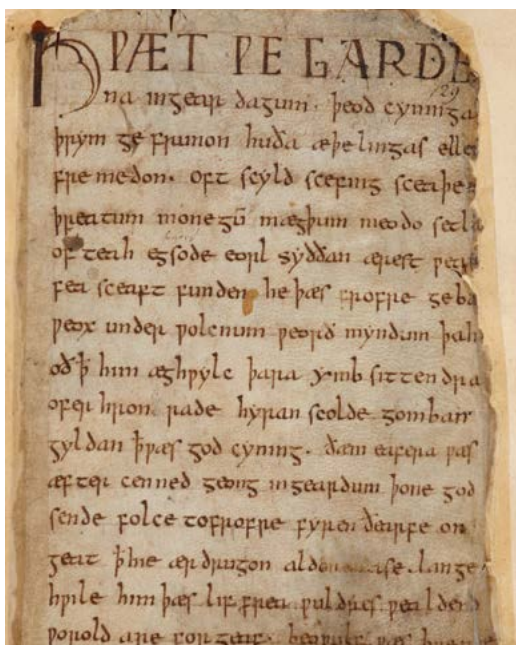


Imagem de Wikipédia por Google



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEAAART.AI, sob a direção de Tânia Leninha, Criada em 30/01/2026

Um marco da literatura medieval, cujo autor é desconhecido, a linguagem anglo-saxã e o único manuscrito existente está datado ca. 1000. A narrativa é lendária, mas alguns eventos e personagens históricos dos séculos V e VI são referidos no texto.

Apesar de ter sido escrito na Inglaterra, a história se passa na Suécia e Dinamarca e ela acompanha os feitos de Beowulf, um herói das tribos gēatas (Gautas da Gotolândia da Suécia ou Gutas da ilha da Gotlândia).

O poderoso e corajoso homem, se oferece para livrar Rodogário e seu povo dos ataques de Grendel, uma criatura monstruosa, descendente do clã de Caim e verdadeiro símbolo do mal encarnado. Beowulf, utilizando apenas as mãos nuas, sai vitorioso, porém, a mãe de Grendel aparece para vin-

gar a morte do filho. Em um combate com uma poderosa espada, criada para matar gigantes, o poderoso herói a derrota.

Após um salto temporal, Beowulf, já velho e rei entronado do seu país, necessita livrar seu reino de um dragão. Munido de uma espada (que reza a lenda é a de Excalibur) e um escudo de ferro, entra na caverna onde encontra o tesouro guardado pela besta cuspidora de fogo e a enfrenta. O dragão é derrotado e a história finaliza com o funeral do herói.

Aqui, podemos entender que o poema reflete a época violenta em que foi escrito: cheio de sangrentas batalhas, onde os valores mais estimados são a honra, a coragem e a fortaleza. Outro valor central na época e que também é sensível à narrativa, é a lealdade e o respeito entre guerreiros vassalos e seu rei.



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEAAART.AI, sob a direção de Tânia Leninha, Criada em 30/01/2026

Os monstros personificavam o caos e a morte, e o dragão não era apenas uma criatura fantástica, mas a materialização do mal absoluto e do destino inevitável.

A Lenda do Rei Arthur reforça esse imaginário ao introduzir símbolos duradouros: o rei escolhido, a espada mágica, o mentor sábio e o reino fadado à queda.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"



Imagem de Revista Galliera por Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

Muitos acadêmicos debatem a veracidade da figura do rei Arthur. Alguns afirmam que o rei realmente existiu e que fora um bretão-romano que lutou contra invasores anglo-saxões em algum período no final do século V e início do século VI. Porém, a falta de evidências convincentes nos registros mais antigos é a principal razão de muitos historiadores considerarem-no apenas um herói lendário.

Mas, de acordo com as histórias medievais e romances de cavalaria, o lendário líder é um guerreiro inigualável, caçador de monstros e defensor da Bretanha de todas as ameaças internas e externas. Algumas dessas ameaças eram humanas, como os saxões, mas a maioria delas são sobrenaturais, incluindo monstruosos gatos colossais, javalis divinos enfurecidos, dragões, gigantes e bruxas.

Nesta narrativa, podemos extrair elementos como a fé e a honra, atributos indispensáveis aos camponeses medievais, mas também havia a magia e tudo coexistia sem nenhum conflito.

O sobrenatural fazia parte da realidade cotidiana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

Do canto ao pergaminho: a fantasia se torna literatura

Séculos XII-XVII



Imagem de Granta FNL por Google

Com a transição oral para a escrita, a fantasia passou a ser registrada. Romances de cavalaria, hagiografias e contos folclóricos circularam pela Europa, preservando mitos que antes dependiam apenas de memórias coletivas.

Aqui, ressalto novamente as lendas arturianas como um forte exemplo.

O criador da tradição literária sobre o rei Arthur foi Godofredo de Monmouth, com seu livro pseudo-histórico *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis da Bretanha, em tradução livre), escrito na década de 1130.

Vale deixar claro que as obras relacionadas a Arthur e sua lenda são usualmente divididas nas escritas antes da *Historia de Godofredo* (pré-Godofredo) e nas escritas depois (pós-Godofredo).



IMAGEM GERADA POR IA - Imagem de Shutterstock, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 30/07/2024

Godofredo foi um clérigo galês e o responsável por trazer a primeira narrativa escrita de vida do rei Arthur, entre outros grandes reis, como Bruto e o rei galês do século VII, Cadwaladr.

Outra grande obra foi *Huon de Bordéus*, que data da primeira metade do século XIII. É uma canção de gesta francesa que mistura ideais cavaleirescos com fadas e seres mágicos.



Imagem de World History Encyclopedia por Google

Charlot, filho do imperador Carlos Magno, arma uma emboscada para Huon, filho de Séguin de Bordeaux; mas Huon mata Charlot sem saber sua identidade. Huon é então salvo da forca ao realizar uma série de tarefas aparentemente impossíveis.

Muitos épicos franceses, que formam o núcleo das Lendas de Carlos Magno, sobreviveram em manuscritos que datam do século XII ao XV.

Já no século XIV e início do século XV, temos como exemplo o clássico épico *A Divina Comédia* de Dante Alighieri e *O Livro das Cidades das Damas* de Christine de Pizan.

Como já citei a jornada épica pelo inferno no meu outro artigo na revista *The Bard*, pintelarei a prosa extensa de Pizan, concluído em 1405.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 30/01/2026"

O livro serve como uma resposta formal ao popular Romance da Rosa de Jean de Meung. Christine combate as declarações de Meung sobre mulheres através da criação de uma cidade alegórica de senhoras, utilizando elementos de visão e construção imaginária.

Não posso deixar de lado o fantástico no período Barroco e no início do Iluminismo, como Dom Quixote de Miguel de Cervantes, A Tempestade de William Shakespeare e O Paraíso Perdido de John Milton.

Neste período, o fantástico começava a se afastar da crença absoluta. Ele permanecia presente, mas já poderia ser lido como narrativa simbólica. A fantasia deixava de explicar o mundo e passava a contá-lo.

O romantismo e o retorno do imaginário

Séculos XVIII-XIX

O iluminismo exaltou a razão por um bom tempo, mas o Romantismo surgiu como uma ode a emoção e ao mistério.

Autores resgataram o sobrenatural, o folclore e o fantástico como reação à rigidez racionalista. Surgem contos de fadas literários, histórias góticas e narrativas onde o fantástico dialoga com o medo e o inconsciente.

No final do século XVIII, os góticos reinventaram a forma de contar o fantástico.

O Castelo de Otranto de Horace Walpole, escrito em 1764, é considerada a primeira novela gótica, estabelecendo as convenções do gênero: castelos assombrados, maldições e atmosfera de medo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 30/01/2026"

E, dentre tantos que seguiram a mesma narrativa, O Monge de Matthew Lewis (1796) talvez seja o meu favorito. Famoso por sua crueza e elementos satânicos, explorando corrupção e transgressão.

Já no século XIX nascia o fantástico aterrador e, claro, o início da ficção científica.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 30/01/2026"

Aqui já começamos a vislumbrar o que a natureza literária tinha a oferecer em se tratando de terror. Clássicos como Frankenstein de Mary Shelley (1818), A Bela e a Fera e outros contos de Hans Christian Andersen (anos 1835-1872), Contos de Edgar Allan Poe (anos 1830-1849), O Retrato de Dorian Gray de Oscar Wilde (1890) e Drácula de Bram Stoker (1897), entre outros muitos, revolucionariam a forma que a humanidade enxergava as histórias fantásticas, introduzindo o assustador e o pânico como elemento chave das narrativas.

Mas a medalha de ouro (pelo menos para mim, claro) vai para os Irmãos Grimm.

Jacob e Wilhelm, foram dois acadêmicos, linguistas, poetas e escritores alemães, famosos por se dedicarem aos registros de várias fábulas infantis (que de infantis, em termos de hoje, tinham poucas coisas, pois eram aterrorizantes). Os irmãos começaram a coleção com o propósito de criar um tratado acadêmico de histórias tradicionais e de preservar os contos como eles haviam sido transmitidos, de geração para geração.

Maria Tatar, professora de estudos da Alemanha na Universidade Havard, explica que é justamente a transmissão de geração para geração e a gênese na tradição oral, que dá a contos folclóricos uma mutabilidade importante. Para Tatar, os Grimm, ao verem fragmentos de fé e de religiões antigas refletidas nos contos, conjecturaram que elas continuaram a existir e sobreviver através da narração de histórias.

Então, a fantasia passava a explorar não apenas o mundo externo, mas o interior humano: melancolia, desejo, terror e sonho.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"



Imagem de Pandora por Google

O século xx e o nascimento da fantasia moderna

É no século XX que a fantasia se consolida como gênero literário.

J.R.R. Tolkien, profundamente influenciado pela mitologia nórdica (Edda Poética, Saga dos Volsungos), por Beowulf, o finlandês Kalevala e o folclore celta, organiza o imaginário fantástico em mundos coerentes, com mapas e línguas próprias.

Sua fé católica, a filologia (estudo de línguas) e as experiências pessoais na Primeira Guerra Mundial também moldaram profundamente a Terra Média.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 30/01/2026"

A fantasia deixava de ser episódica e se tornava uma saga.

Outros autores seguiram esse caminho, expandindo o gênero e estabelecendo convenções que ainda reconhecemos: jornadas longas, batalhas épicas e conflitos entre o bem e o mal.

Com o passar do tempo, a fantasia amadurece.

O heroísmo absoluto dá lugar a

personagens falhos, dilemas morais e intrigas políticas.

Autores como George R.R. Martin, com seus romances intermináveis e Andrzej Sapkowski, reinterpretaram o legado medieval sob uma lente mais realista e crítica.

O dragão continua presente, mas agora divide espaço com a corrupção humana. O mal não é apenas externo, ele habita reis, cavaleiros e heróis.

A fogueira agora é clube do livro

As fogueiras se apagam e as luzes incandescentes das bibliotecas se acendem para revelar mundos inteiros da literatura.

Em uma tarde qualquer de outono, em meio ao cheiro doce e amadeirado de baunilha das páginas dos livros antigos, sete ou oito leitores vorazes de fantasia se reúnem para lerem O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel. Ao término de um longo capítulo, eles debatem sobre o quão fantástico são os seres criados pelo professor Tolkien.

A conclusão lógica é, fantasia literária nunca deixou de se reinventar. Mudaram as vozes, as crenças, os formatos e os leitores, mas a essência permanece: usar o imaginário para refletir sobre o humano.

A fantasia não pertence a um tempo específico, ela atravessa séculos porque continua respondendo às mesmas perguntas fundamentais sobre coragem, fé, lealdade, poder e destino.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA KAROL ARTIOLLI

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



01



DRIKA GOMES



Neurocientista, hipnoterapeuta e filósofa, especialista em neurociência da música. Analista Junguiana e criadora do método NeuroMusic®, mostra como sons e frequências transformam emoções, despertam consciência e geram equilíbrio. Autora best-seller, traduz ciência em poesia. Na revista The Bard, leva aos leitores um olhar à luz da ciência e da arte, em diálogo profundo com a alma. Conheça mais em @drikagomes_neuro.

Neurociência da Música: o que acontece no cérebro quando você ouve uma canção?

Quando o som encontra o cérebro

A música sempre foi tratada como arte, emoção ou entretenimento.

Mas, antes de tudo, ela é um fenômeno neurológico.

Cada som que ouvimos percorre um caminho complexo no cérebro: ativa memórias, reorganiza emoções, sincroniza movimentos e influencia diretamente a forma como pensamos, sentimos e agimos.

A coluna **NeuroMusic** nasce exatamente nesse encontro entre ciência, música e experiência humana.

Aqui vamos explorar como o cérebro responde ao som, como certas músicas podem regular estados emocionais, influenciar foco, memória e criatividade, e como padrões sonoros interagem com os sistemas neurais responsáveis pela percepção, pelo comportamento e pela consciência.

Mais do que uma análise musical, esta coluna in-

vestiga o **som como arquitetura invisível da mente.**

Ao longo dos textos, o leitor encontrará reflexões sobre:

- neurociência da música
- emoção e memória
- padrões sonoros e comportamento humano
- música e desenvolvimento cognitivo
- som, consciência e experiência subjetiva

A proposta é simples e profunda ao mesmo tempo:

compreender como a música não apenas acompanha a vida humana — **ela participa da construção da mente.**

Porque, quando ouvimos uma música, algo muito mais complexo acontece do que simplesmente escutar.

O cérebro começa a tocar junto.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEASART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"



Quem nunca se arrepiou com uma melodia inesperada, chorou ao ouvir uma canção ou sorriu sozinho quando tocou aquela música especial da adolescência?

A música tem um poder curioso sobre nós. Ela atravessa o tempo, desperta emoções profundas e muitas vezes altera nosso estado interno em poucos segundos. Às vezes estamos distraídos e uma música começa a tocar em algum ambiente — e de repente algo dentro de nós muda. O corpo relaxa, a mente se abre, ou uma lembrança esquecida retorna.

Mas afinal, o que acontece no cérebro quando isso ocorre?

A **neurociência da música** é o campo que investiga como o cérebro interpreta sons organizados em ritmo, melodia e harmonia. Diferente do que se imaginava no passado, ouvir música não é uma atividade localizada em uma única região cerebral. Trata-se de um processo distribuído que envolve diversas redes neurais ao mesmo tempo.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"



Quando uma canção começa a tocar, o **córtex auditivo**, localizado no lobo temporal, é o primeiro a entrar em ação. Ele analisa as características básicas do som: frequência, intensidade, timbre e ritmo. Em frações de segundo, essa informação é enviada para outras regiões do cérebro que começam a interpretar o significado emocional e cognitivo daquela música.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEASART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"



Logo em seguida entram em cena estruturas do **sistema límbico**, responsável pelas emoções. Ao mesmo tempo, o **hipocampo** começa a buscar memórias associadas àquele padrão sonoro. Áreas motoras podem ser ativadas automaticamente, gerando vontade de acompanhar o ritmo com o corpo.

Além disso, regiões do **córtex pré-frontal** participam da avaliação estética da música. É nessa área que o cérebro decide, muitas vezes de forma inconsciente, se uma música é agradável, interessante ou emocionalmente significativa.



Estudos de neuroimagem mostram que ouvir música pode ativar simultaneamente diversas regiões cerebrais, criando uma espécie de rede integrada de percepção. Esse fenômeno demonstra que a música não é apenas um estímulo auditivo, mas um evento neurológico completo que mobiliza sistemas cognitivos e emocionais ao mesmo tempo.

Outro ponto interessante é que o cérebro não escuta música de forma isolada. Ele interpreta sons a partir de experiências anteriores. Cada pessoa escuta a mesma música de maneira um

pouco diferente porque cada cérebro possui um repertório único de memórias, emoções e associações.

Isso explica por que uma música pode ser profundamente significativa para uma pessoa e relativamente neutra para outra. O cérebro não responde apenas ao som em si, mas também à história emocional que aquele som carrega.

Como neurocientista da música, gosto de pensar que ouvir música é muito mais do que escutar sons. É uma experiência neurológica completa. O cérebro inteiro participa dessa experiência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

Por que sentimos arrepios?

Um dos efeitos mais curiosos da música é o chamado **frisson musical**, aquele arrepio que percorre o corpo quando ouvimos um trecho particularmente emocionante.

Do ponto de vista biológico, esse fenômeno está ligado ao **sistema de recompensa do cérebro**, o mesmo sistema envolvido em experiências prazerosas como comer, se apaixonar ou alcançar um objetivo importante.

Pesquisas conduzidas por Robert Zatorre na McGill University demonstraram que ouvir músicas emocionalmente intensas pode aumentar a liberação de **dopamina**, neurotransmissor associado ao prazer e à motivação.

O mais interessante é que essa liberação acontece em dois momentos distintos. Primeiro, antes mesmo do trecho mais emocionante da música. Depois, no momento em que esse trecho finalmente acontece.

"A experiência do frisson musical é uma demonstração de como a música pode influenciar nosso estado emocional e físico, criando uma sensação de euforia e conexão profunda."

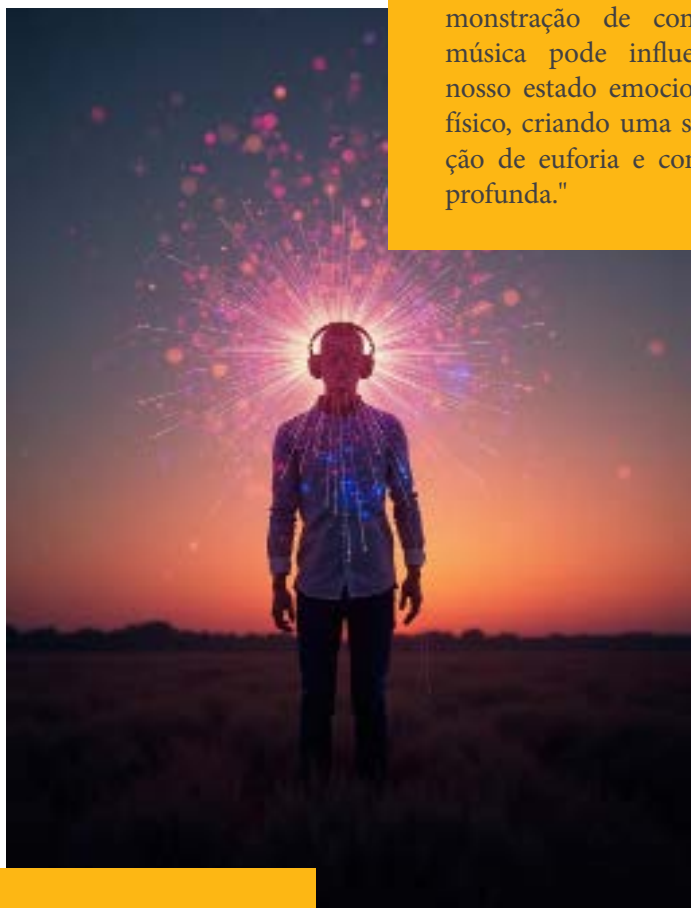


IMAGEM GERADA POR IA "usando SORA.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

Isso ocorre porque o cérebro reconhece padrões musicais e cria expectativas. Quando ele percebe que um clímax musical está se aproximando — como um refrão ou uma resolução harmônica — ele se prepara para receber uma recompensa.

Quando a expectativa se confir-

ma, ocorre um aumento na atividade do **núcleo accumbens**, uma estrutura central do sistema de recompensa.

Essa reação pode gerar manifestações físicas como arrepios, aumento da frequência cardíaca e sensação de expansão emocional.

Outro fator importante é a **empatia musical**. O cérebro interpreta certas variações de melodia e harmonia de forma semelhante à entonação emocional da voz humana. Isso significa que algumas músicas são percebidas quase como narrativas emocionais.

Além disso, pesquisas mostram que músicas com crescimento gradual de intensidade — o chamado **crescendo** — são particularmente eficazes em provocar respostas emocionais intensas. O cérebro percebe essa progressão como uma narrativa sonora que caminha em direção a um ponto culminante.

Outro elemento importante é o papel da **amígdala cerebral**, estrutura envolvida na avaliação emocional de estímulos. Ela ajuda a determinar se uma música provoca alegria, nostalgia, tristeza ou excitação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 14/03/2026"

Essas reações emocionais podem ocorrer mesmo sem que a pessoa compreenda tecnicamente a música. O cérebro responde diretamente às qualidades sonoras.

Outro aspecto fascinante é que o cérebro responde não apenas à música em si, mas também ao significado pessoal que atribuímos a ela. Uma mesma canção pode provocar lágrimas em uma pessoa e alegria em outra, dependendo das experiências de vida associadas àquela melodia.

Isso acontece porque a música ativa simultaneamente circuitos de emoção e memória. A cada audição, o cérebro não apenas escuta — ele revive experiências.

Às vezes uma música consegue dizer aquilo que palavras não conseguem expressar. Talvez porque ela fale diretamente com estruturas emocionais muito profundas do cérebro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 14/03/2026"

A máquina do tempo do cérebro

Entre todos os estímulos sensoriais que experimentamos, poucos têm o poder de despertar lembranças tão rapidamente quanto a música.

Um simples acorde pode transportar uma pessoa para um momento específico da vida: uma festa, um amor antigo, uma viagem ou uma fase marcante da adolescência.

Esse fenômeno acontece porque a música ativa simultaneamente o **hipocampo**, responsável pela memória, e o **sistema límbico**, responsável pelas emoções.

Quando uma música é ouvida em um momento emocionalmente significativo, o cérebro registra essa experiência como um conjunto integrado de estímulos. Som, emoção e contexto ficam ligados na mesma rede neural.

Anos depois, quando a música volta a tocar, todo esse circuito pode ser reativado.

Pesquisadores da Durham University demonstraram que músicas têm um efeito particularmente forte na memória autobiográfica.

Outro aspecto importante é que músicas da adolescência costumam ter um impacto ainda maior. Isso ocorre porque essa fase da vida coincide com um período de intensa **plasticidade cerebral**.

Além disso, a música atua como um **gatilho sensorial poderoso**. Diferente de outros estímulos, ela envolve ritmo, tonalidade, harmonia e timbre ao mesmo tempo, criando um conjunto rico de informações para o cérebro.

Esses múltiplos elementos aumentam a probabilidade de associação com memórias específicas.

Por essa razão, músicas frequentemente funcionam como marcos emocionais de fases da vida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

Outro aspecto interessante é que o cérebro tende a armazenar músicas junto com **contextos sociais**. Muitas lembranças musicais estão ligadas a pessoas, lugares e situações vividas.

Assim, ao ouvir uma música antiga, não recordamos apenas o som — recordamos também o ambiente, as conversas, as emoções e até sensações físicas daquele momento.

Talvez seja por isso que certas músicas parecem guardar pedaços da nossa própria história.

O cérebro prevê a música

Quando ouvimos uma música, nosso cérebro não permanece passivo. Ele constantemente tenta prever o que virá a seguir.

Esse mecanismo é conhecido como **processamento preditivo**.

O cérebro analisa padrões musicais e cria hipóteses sobre a próxima nota ou o próximo acorde. Se a previsão estiver correta, sentimos prazer. Se houver uma pequena surpresa — como uma mudança harmônica inesperada — o cérebro responde com curiosidade e emoção.

Essa combinação entre previsibilidade e novidade é fundamental para o prazer musical.

Se uma música fosse completamente previsível, ela se tornaria entediante.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

Se fosse totalmente aleatória, o cérebro teria dificuldade em interpretá-la.

A música funciona como um equilíbrio delicado entre ordem e surpresa.

Esse princípio também aparece em diversas formas de arte e até na natureza. O cérebro humano parece buscar padrões organizados, mas também precisa de pequenas variações para manter o interesse.

Outro ponto importante é que o cérebro aprende constantemente com as experiên-

cias musicais. Quanto mais escutamos determinado estilo musical, mais refinada se torna nossa capacidade de prever seus padrões.

Isso significa que o prazer musical também pode crescer com o tempo, à medida que o cérebro desenvolve maior sensibilidade para nuances rítmicas e harmônicas.

Talvez a música seja uma metáfora elegante da própria experiência humana: precisamos de estabilidade para nos orientar, mas também de surpresa para continuar aprendendo.

Música altera o corpo



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

Os efeitos da música não se limitam ao cérebro. O corpo inteiro responde aos estímulos sonoros.

Pesquisas mostram que diferentes tipos de música podem provocar respostas fisiológicas distintas.

Ritmos acelerados podem aumentar a frequência cardíaca e estimular estados de excitação. Já melodias lentas tendem a reduzir a atividade do sistema nervoso simpático, promovendo relaxamento.

Estudos indicam que ouvir música suave pode diminuir os níveis de **cortisol**, hormônio associado ao estresse. Ao mesmo tempo, pode estimular a liberação de substâncias como dopamina e ocitocina, relacionadas ao bem-estar e à sensação de conexão.

A música também influencia o padrão das **ondas cerebrais**. Determinadas frequências sonoras podem favorecer estados de atenção relaxada, semelhantes aos observados durante meditação.



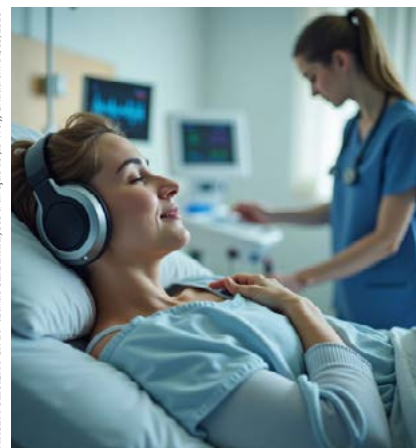
Por essa razão, a música tem sido utilizada em contextos clínicos como ferramenta complementar para reduzir ansiedade, dor e tensão emocional.

Em alguns hospitais, pacientes que escutam música antes de cirurgias apresentam níveis menores de ansiedade e maior estabilidade cardiovascular.

Além disso, a música pode

influenciar o ritmo da respiração. Quando escutamos músicas lentas, tendemos a respirar de maneira mais profunda e regular, o que ativa mecanismos naturais de relaxamento do sistema nervoso.

Talvez a música seja uma das formas mais naturais que o cérebro encontrou para regular seus próprios estados.



A matemática invisível da música

Por trás da emoção que sentimos ao ouvir música existe também uma estrutura matemática.

Toda música é construída sobre relações entre frequências sonoras. Intervalos harmônicos, proporções rítmicas e padrões de repetição formam a base estrutural das composições.

O cérebro humano possui uma forte capacidade de reconhecer

padrões. Quando esses padrões apresentam equilíbrio e proporção, tendemos a percebê-los como agradáveis.

A escala pentatônica — presente no hino Amazing Grace — é um exemplo fascinante. Ela aparece em diversas culturas diferentes, o que sugere que certos padrões sonoros podem ser percebidos como naturais para o cérebro humano.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

Alguns pesquisadores sugerem que essa preferência está relacionada à forma como o sistema auditivo interpreta relações harmônicas entre frequências.

Em outras palavras, a música pode revelar uma espécie de **geometria sonora da percepção humana**.

Outro ponto interessante é que muitos compositores utilizam intuitivamente proporções próximas à **sequência de Fibonacci** ou a relações harmônicas simples, que o cérebro percebe como equilibradas.

Isso sugere que a estética musical pode estar ligada a princípios universais de organização perceptiva.

Muitos compositores criam guiados apenas pela intuição. Ainda assim, suas obras frequentemente seguem proporções matemáticas surpreendentemente precisas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROMKAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

A linguagem mais antiga da mente

Muito antes da ciência investigar o cérebro, as culturas humanas já utilizavam a música como forma de expressão, cura e espiritualidade.

Dos cânticos gregorianos aos mantras orientais, das rodas de capoeira ao jazz, a música sempre esteve presente em rituais, celebrações e momentos de transformação coletiva. Em praticamente todas as sociedades humanas conhecidas, encontramos algum tipo de expressão musical. Isso sugere que a música não é apenas uma forma

de arte cultural — ela parece fazer parte da própria natureza da mente humana.

Do ponto de vista evolutivo, alguns pesquisadores acreditam que a música pode ter surgido antes mesmo da linguagem articulada. Ritmos e vocalizações teriam servido para coordenar grupos, fortalecer vínculos sociais e comunicar emoções em comunidades humanas primitivas. Nesse sentido, a música pode ter sido uma das primeiras formas de comunicação emocional entre seres humanos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

Essa hipótese ajuda a explicar por que a música continua sendo compreendida de forma intuitiva em diferentes culturas. Mesmo quando não entendemos a língua de uma canção, ainda somos capazes de perceber sua emoção. O cérebro reconhece padrões sonoros e interpreta variações de intensidade, ritmo e melodia como sinais afetivos.

Antes das palavras, existia

ritmo.

Antes da lógica, existia melodia.

A música parece acessar regiões cerebrais muito antigas, ligadas à sobrevivência, à emoção e à conexão social. Talvez seja por isso que ela continua sendo uma das formas mais profundas de comunicação entre mente, corpo e experiência humana.

Em momentos de alegria coletiva, cantamos.

Em momentos de perda, também cantamos.

A música acompanha os grandes rituais da vida humana: nascimento, celebração, despedida, memória.

Talvez isso aconteça porque a música consegue integrar dimensões que raramente se encontram em outras experiências: razão, emoção, memória e percepção sensorial.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"

O cérebro analisa padrões.

O coração reconhece significados.

Quando esses dois movimentos se encontram, nasce a experiência musical.

Talvez seja por isso que algumas músicas parecem atravessar gerações e permanecer vivas por séculos. Elas não falam apenas a uma época ou a uma cultura específica — falam diretamente à estrutura profunda da mente humana.

Talvez a música seja, no fundo, a linguagem que o cérebro sempre soube falar.

E talvez seja por isso que, quando uma canção começa a tocar, algo dentro de nós imediatamente responde.

Como se uma parte antiga da mente reconhecesse aquele som e dissesse silenciosamente:

“Eu conheço essa linguagem.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 14/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criado em 14/03/2026"

COLUNISTA DRIKA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

YOUTUBE

SITE

SITE

POST NO SITE

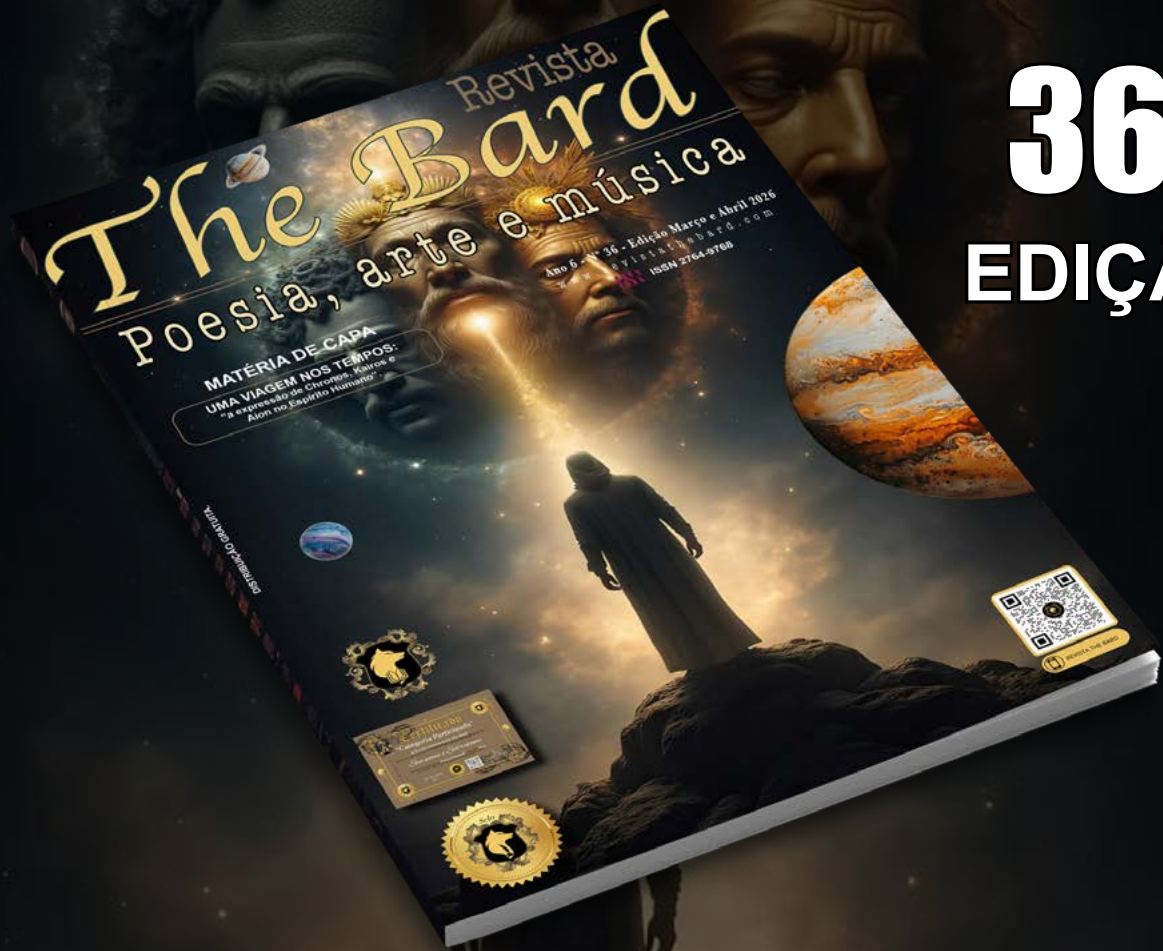


LANÇAMENTO

MARÇO & ABRIL DE 2026

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

"A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"



36ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2026

Do silêncio às páginas impressas:
"o papel da Tipografia na democratização
da informação no Brasil"

**37^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO DE 2026**

PERÍODO DE 08 DE FEVEREIRO À 31 DE MARÇO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

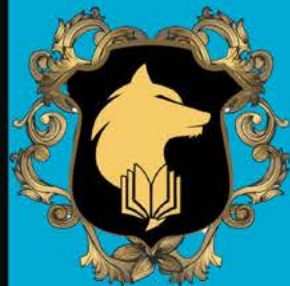
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- ➔ *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- ➔ *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

- ☎ 61-98479-6687
- ✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com
- 📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM



WHATSAPP





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

Acesse os links
clicando no botão abaixo



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.

Clique aqui



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.

Clique aqui



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos querereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

Acesse o link
clcando no botão abaixo



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

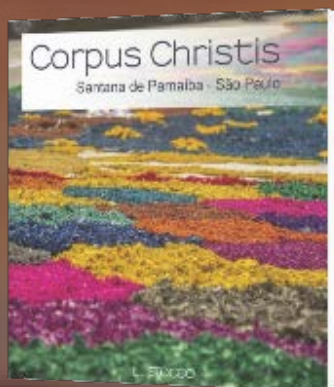
**Acesse o link
clikando na capa do LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Espaço

VITRINE

THE BARD



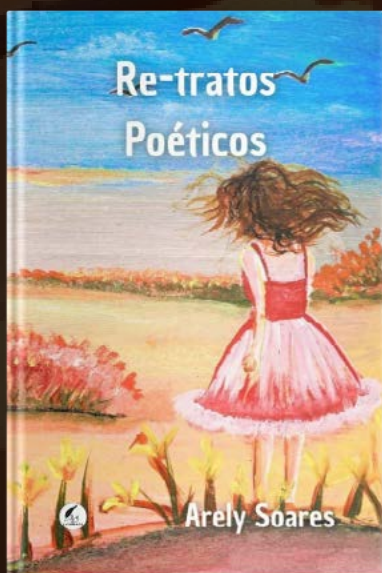
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

Livro Re-tratos Poéticos



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritor

Sávio Wilton Reis

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Arma Negra- A Décima
Terceira Garota, Livro 1**



Cinco meninas foram lançadas no Abismo, uma prisão situada na ilha de Amohai. Cercado por muros intransponíveis e criaturas perigosas, o lugar foi criado para executar pessoas condenadas à morte, abandonando-as à própria sorte.

No Abismo, o frio, a fome e o medo comandam a sobrevivência. Isoladas do mundo, as meninas lutam contra as ameaças do lugar e contra os próprios limites.

Com o passar do tempo, fica claro que o Abismo não mata apenas corpos: ele transforma quem sobrevive. E, quando uma delas finalmente consegue sair, descobre que o Abismo nunca foi deixado para trás — ele passou a existir dentro dela.

Clique aqui





COLUNA



Espaço

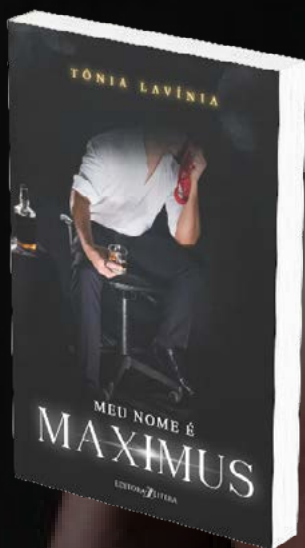
VITRINE

THE BARD

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui





COLUNA



Espaço

VITRINE

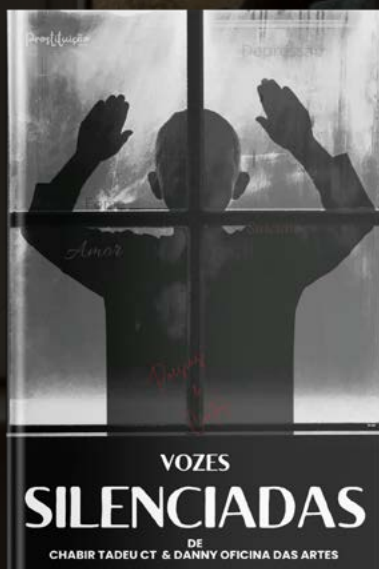
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes." Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



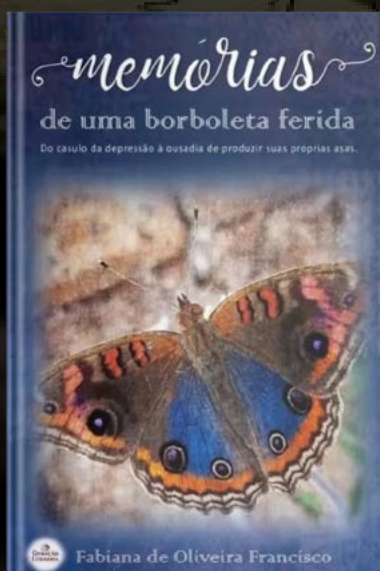
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



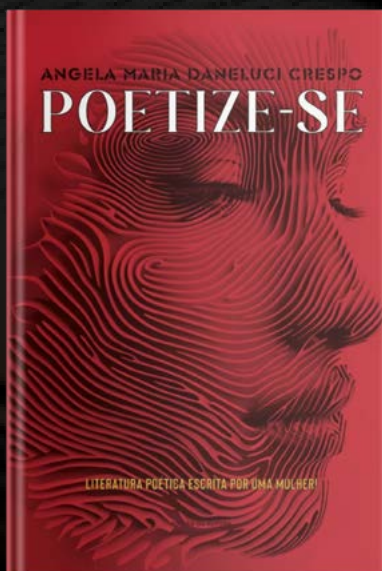
COLUNA

Escritora

Angela Daneluci

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Poetize-se
de Angela Daneluci**



Em "Poetize-se", somos convidados a embarcar numa jornada através das palavras, quando a poesia se torna um espelho das nossas próprias emoções e experiências. Neste livro, cada verso é uma porta aberta para o universo íntimo da autora, que nos guia por paisagens emocionais profundas e reflexões que tocam o cerne da nossa humanidade. Com uma linguagem lírica e sensível, a autora revela a beleza escondida nos detalhes do cotidiano, transformando o ordinário em extraordinário através da magia das palavras. "Poetize-se" não é apenas um convite à contemplação, mas também uma celebração da vida em todas as suas nuances, da alegria efervescente à melancolia sutil. Cada poema é uma pequena joia lapidada com cuidado e dedicação, transmitindo uma gama de sentimentos que ressoam com o leitor, tocando-o profundamente. Com uma voz única e autêntica, a autora nos leva a explorar os mistérios da existência e a descobrir a beleza escondida nos recantos mais obscuros da alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

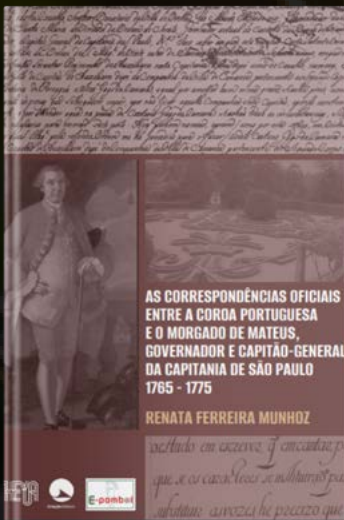


COLUNA

Escritora

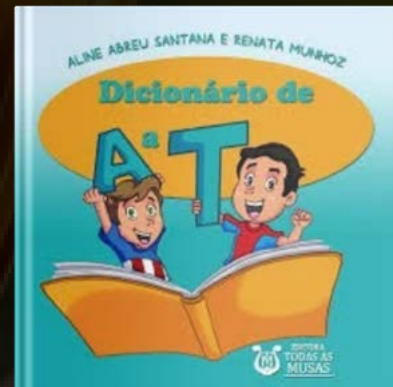
Renata Munhoz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de textos curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.



Espaço

VITRINE

THE BARD



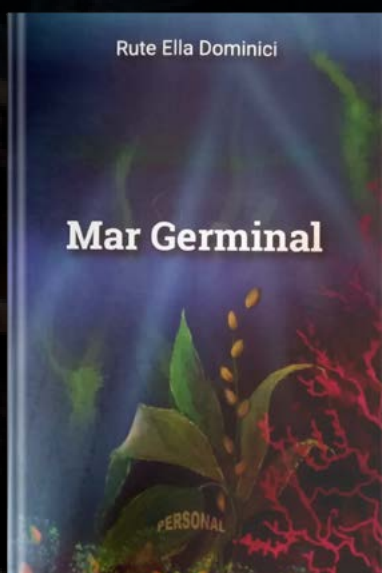
COLUNA

Escritora

Rute Ella Dominici

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

Livro Mar Germinal



"Mar Germinal" é uma coletânea de poemas que explora temas como a natureza, o amor, a solidão, a existência humana e a conexão entre o mundo interno e externo. Escrito com linguagem fluida e rica em metáforas, o livro convida o leitor a viajar pelas emoções e paisagens descritas nas palavras. Cada poema é um universo próprio, trazendo reflexões profundas sobre a vida, a arte e a busca pelo sentido.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



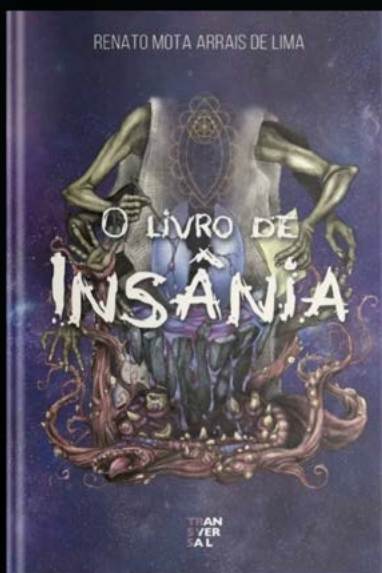
COLUNA

Escritor

Renato Mota

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Livro de Insânia



Depois de uma semana exaustiva, Seu Narto acabou preso. Na prisão, ele viu uma passagem que o levou ao mundo de Insânia, um lugar com criaturas fantásticas e cidades em ilhas flutuantes. No caminho, Seu Narto encontrará seres estranhos e divindades que lhe mostrarão seu destino: derrotar a Loucura do Mundo e restaurar as funções regentes do universo de Insânia. Como ele, com um metro de altura, poderia enfrentar monstros liderados por um vilão e salvar seja lá o que for? Se quiser voltar a Mossoró, Seu Narto deverá cumprir suas tarefas antes do “fim do tempo de Insânia”, uma profecia que nem mesmo as deusas sabem interpretar.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Natália Carmo

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Re(começos) é um livro que retrata em crônicas, poemas, prosa poética e reflexões uma mulher que decide deixar para trás tudo o que a fazia sofrer. Determinada a recomeçar, ela parte em busca de um novo re(começo), longe de tudo que a prendia ao passado. Nesta jornada de autodescoberta e superação, essa mulher encontra desafios, principalmente, a força dentro de si mesma para reinventar sua vida e encontrar a felicidade.



Clique aqui

O livro o amor acaba, nos traz reflexões profundas e filosóficas, com fortes influências dos romancistas da primeira a terceira geração. É o novo clássico da literatura pós-moderna que enfatiza a fragilidade do amor e dos sentimentos em um arcabouço literário que transforma nossas convicções em atemporais por meio de interpretação em forma de frases, crônicas e poemas. Você verá o que a arte pode fazer, a arte por intermédio das palavras. Nossas relações a nossa ótica perfeccionista é uma cegueira, pois não somos perfeitos, e sempre buscamos o mundo platônico, o mundo das ideias em que todas as coisas são perfeitas.





COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Karol Artiolli

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Destino da Espada



Você fugiria do seu destino... ou enfrentaria até os deuses para mudá-lo?

Quando Leja, sua esposa grávida, é ameaçada por uma profecia mortal, Ériko Alek parte em uma jornada épica pelos seis mundos em busca de uma única esperança: encontrar os Construtores, seres ancestrais capazes de reescrever os caminhos do destino. Mas para isso, ele precisará atravessar desertos malditos, confrontar reis cruéis e enfrentar o poder sombrio de uma espada que carrega não apenas magia... mas uma maldição antiga.

Nascido com uma missão e marcado por uma maldição, Ériko descobrirá que lutar contra o destino pode significar descobrir verdades que jamais quis encarar.

Neste romance fantástico recheado de ação, drama, reflexões e personagens inesquecíveis, Karol Artiolli constrói um universo rico em mitologias originais, dilemas humanos e jornadas internas. O Destino da Espada é o primeiro volume de uma saga que vai conquistar fãs de Tolkien, George R. R. Martin e Leigh Bardugo.

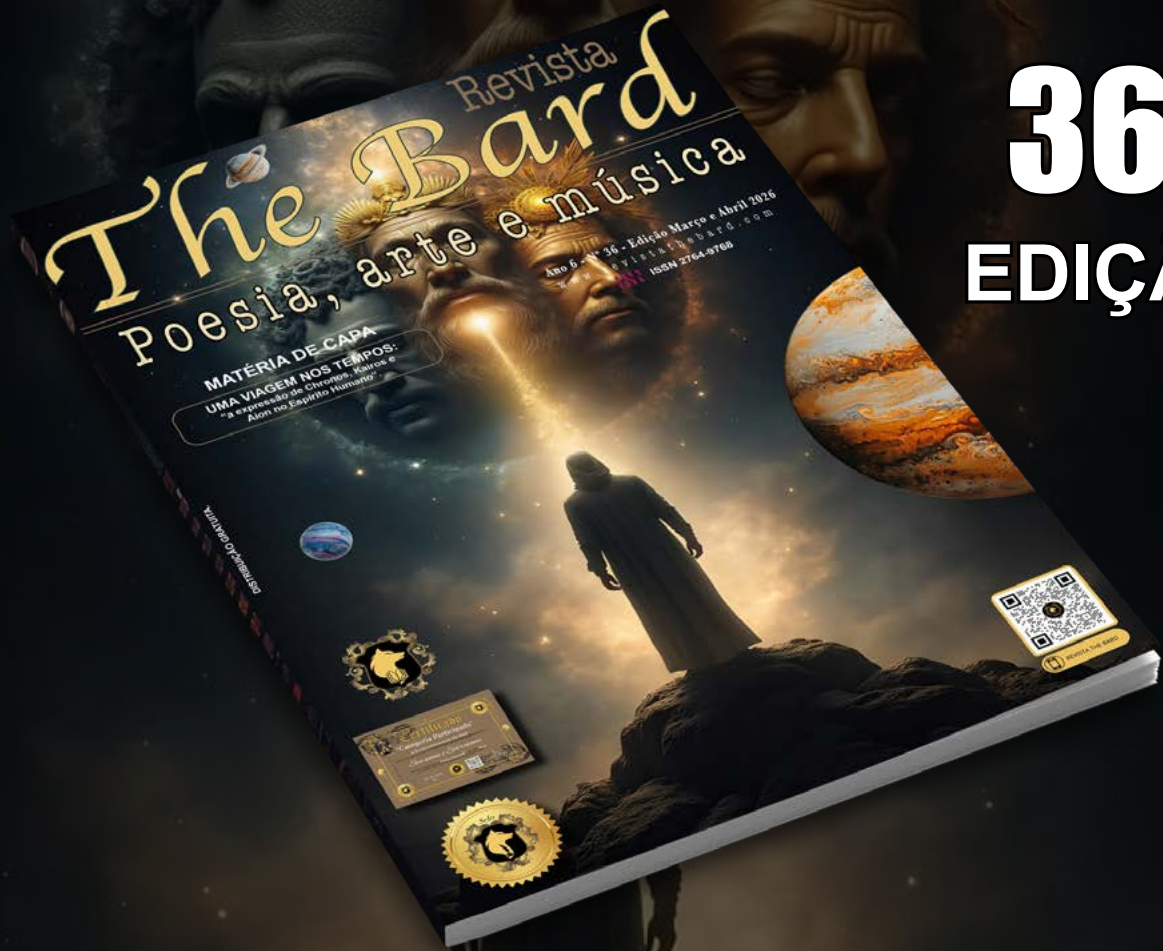
Clique aqui

LANÇAMENTO

MARÇO & ABRIL DE 2026

UMA VIAGEM NOS TEMPOS:

"A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"



36^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2026

Do silêncio às páginas impressas:
"o papel da Tipografia na democratização
da informação no Brasil"

**37^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO DE 2026**

PERÍODO DE 08 DE FEVEREIRO À 31 DE MARÇO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.